

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

Lorena Álvares Nicoli

NASCER DE NOVO NO CORPO:

análise correlacional entre a Série Psicológica Espírita de Joanna de Ângelis e a psicologia junguiana sobre o processo de individuação

Belo Horizonte

2024

Lorena Álvares Nicoli

NASCER DE NOVO NO CORPO:

análise correlacional entre a Série Psicológica Espírita de Joanna de Ângelis e a psicologia junguiana sobre o processo de individuação.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Área de Concentração: Religião e Cultura

Linha de Pesquisa: Pluralismo Religioso, Diálogo e Linguagem

Grupo de Pesquisa: Religião, Pluralismo e Diálogo

Orientador: Prof. Dr. Carlos Frederico Barboza de Souza.

Belo Horizonte

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

N644n Nicoli, Lorena Álvares
Nascer de novo no corpo: análise correlacional entre a Série Psicológica Espírita de Joanna de Ângelis e a psicologia junguiana sobre o processo de individuação / Lorena Álvares Nicoli. Belo Horizonte, 2023.
112 f. : il.

Orientador: Carlos Frederico Barboza de Souza
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

1. Ângelis, Joanna de (Espírito). 2. Jung, C. G. (Carl Gustav), 1875-1961. 3. Individuação (Psicologia). 4. Psicologia e espiritismo. 5. Obras psicografadas. 6. Espiritismo. 7. Psicologia junguiana. I. Souza, Carlos Frederico Barboza de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 291.211

Lorena Álvares Nicoli

NASCER DE NOVO NO CORPO:

Análise correlacional entre a Série Psicológica Espírita de Joanna de Ângelis e a psicologia junguiana sobre o processo de individuação.

Área de Concentração: Religião e Cultura

Linha de Pesquisa: Pluralismo religioso, Diálogo e Linguagem.

Grupo de Pesquisa: Religião, Pluralismo e Diálogo

Orientador: Prof. Dr. Carlos Frederico Barboza de Souza

Prof. Dr. Carlos Frederico Barboza de Souza – PUC MINAS (Orientador)

Prof. Dr. – Roberlei Panasiewicz PUC MINAS (Banca examinadora)

Prof. Dr. – Luiz Mafle UNA BH (Banca examinadora)

Belo Horizonte, 03 de maio de 2024

RESUMO

Nesta dissertação serão abordados os caminhos para o processo de individuação sob duas perspectivas: a da psicologia junguiana e da concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis. A hipótese principal é a condição de que é possível verificar semelhanças entre as duas abordagens que, de maneira sucinta, se baseiam na busca por superar as exigências do ego e lançar luz nas sombras da personalidade, tendo como finalidade a integração de aspectos conscientes e inconscientes que é o ponto principal para realizar o caminho para a individuação. Além dos pontos semelhantes, serão pontuadas as diferenças, como por exemplo, a visão de imortalidade do espírito para o Espiritismo, que é a base da teoria de Joanna de Ângelis, e considera que as diversas reencarnações que são necessárias para que o espírito, considerado o centro da consciência e da personalidade, se aperfeiçoe em sua integralidade. Para proceder a esta análise, será realizada pesquisa bibliográfica que contará com a Série Psicológica de Joanna de Ângelis, obras kardecianas e os conceitos sobre a individuação da Psicologia Analítica de Jung e alguns de seus continuadores.

Palavras-chave: Processo de individuação; Psicologia junguiana; Série Psicológica Espírita de Joanna de Ângelis.

ABSTRACT

This dissertation will address the paths to the individuation process from two perspectives: that of Jungian psychology and the spiritualist psychological conception of Joanna de Ângelis. The main hypothesis is the condition that it is possible to verify similarities between the two approaches which succinctly are based on the search to overcome the demands of the ego and shed light on the shadows of the personality. Its purpose is to integrate conscious and unconscious aspects which is the main point in achieving the path to individuation. In addition to similar points differences will be highlighted as for example the vision of immortality of the spirit for Spiritism which is the basis of Joanna de Ângelis' theory and considers that the various reincarnations that are necessary for the spirit considered the center of consciousness and personality, perfects itself in its entirety. To carry out this analysis, bibliographical research will be carried out that will include the Psychological Series by Joanna de Ângelis, kardecian works and the concepts on individuation from Jung's Analytical Psychology and someone of his followers.

Keywords: Individuation process; Jungian psychology; Spiritist Psychological Series by Joanna de Ângelis.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. O processo de individuação e os fundamentos da psicologia junguiana.....	11
1.1. A dinâmica do psiquismo	18
1.2. Manifestação do <i>Self</i> através dos sonhos	28
1.2.1 Identificando as personificações do <i>Self</i>	33
1.2.2 <i>Anima</i> e <i>animus</i>	41
1.3 Contos de fadas.....	45
1.4 Reflexões e apontamentos	48
2. O processo de individuação segundo a concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis	50
2.1. Divaldo Franco e a psicografia	51
2.2. A Série Psicológica de Joanna de Ângelis.....	53
2.3. Contribuições do Evangelho Segundo o Espiritismo para a concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis e o processo de individuação.....	54
2.4. Consciência dirigida à matéria	56
2.5. Desenvolvimento da psique	60
2.6. O inconsciente coletivo do além túmulo.....	65
2.7. Construção da personalidade e das funções psíquicas nas várias existências.....	75
2.8. A capacidade reveladora dos sonhos	80
2.9. Conquista do Si	82
2.10. Apontamentos e reflexões	84
3. Correlações e distanciamentos sobre o processo de individuação nas obras de Jung e da concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis.....	85
3.1. Das personalidades e personificações	91
3.2. Sonhos e suas manifestações	96

3.3.	Compreendendo o desenvolvimento estrutural da psique através dos mitos.....	98
3.4.	O indivíduo e o manejo das funções psíquicas.....	108
	Considerações finais	111
	Referências	112

INTRODUÇÃO

A fim de compreender o processo de individuação sob o olhar de duas perspectivas distintas, o tema deste trabalho é “NASCER DE NOVO NO CORPO: análise correlacional entre a Série Psicológica Espírita de Joanna de Ângelis e a psicologia junguiana sobre o processo de individuação”.

A perspectiva de Joanna de Ângelis nasce a partir da Doutrina Espírita e a de Jung é uma ciência psicológica, fazendo com que a análise correlacional fosse cuidadosa, pois como discutir pontos semelhantes e distintos sobre o processo de individuação entre duas abordagens que nasceram em berços diferentes?

De maneira a compreender, é necessário entender como cada abordagem é construída.

Conhecida como benfeitora espiritual pelos espíritas, Joanna de Ângelis, através do processo de psicografia, ditou para o médium Divaldo Pereira Franco a Série Psicológica composta por dezesseis livros.

Nas obras existem relações entre a psicologia proposta pela autora, o Espiritismo e a psicologia junguiana, com o propósito de oferecer recursos necessários e indispensáveis para o equilíbrio e amadurecimento emocional.

A partir das relações existentes, surge a ideia de buscar pontos que se aproximam e se distanciam nas obras da Série Psicológica de Joanna de Ângelis com os saberes da Psicologia Analítica de Jung no que se refere ao processo de individuação e que é possível realizar na Ciências da Religião, pois permite investigar a manifestação da religião em seus diversos aspectos.

A concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis lança um olhar analítico sobre a existência humana baseada nos ensinamentos do Evangelho Segundo o Espiritismo e, curiosamente, busca as ferramentas necessárias na psicologia científica para alcançar a compreensão sobre a psique de forma transdisciplinar.

A psicologia junguiana utiliza da mitologia, alquimia, das religiões e das espiritualidades, por exemplo, para ajudar a compreender, através de estudos comparativos, como a estrutura psíquica dos homens se desenvolveram ao longo de sua existência. Na obra de Jung, uma das tarefas que se propôs a fazer foi demonstrar como a psicologia pode aproveitar sobre os saberes da religião.

Nesse contexto, a teoria de Jung leva em consideração toda a história da humanidade, bem como suas produções religiosas, artísticas, mitológicas e intelectuais.

Essa base história foi nomeada como inconsciente coletivo que são formados pelos arquétipos e são conhecidos como a base, como as estruturas herdadas, constitutivas da ordenação psíquica, ponto nodal do inconsciente coletivo. É a condição estrutural da psique, com potencial de produzir os mesmos padrões de experiência e o princípio ordenador da psique.

Marie-Louise Von Franz, foi uma importante continuadora do trabalho de Jung, e nas pesquisas realizadas sobre arquétipos complementa dizendo que “os arquétipos assumem as formas de vivências do homem que ficaram marcadas ao longo de todas as experiências da humanidade, se manifestando através dos sonhos, símbolos, mitos, assim como na literatura e nos filmes” (Von Franz, 2008).

Portanto, há um arquétipo que é primordial para o processo de individuação que se chama *Self*, responsável pela organização e unificação da psique. A relação entre o eixo ego-*self* é de extrema importância para ir de encontro à totalidade psíquica.

A partir deste entendimento da existência de um inconsciente coletivo que possui uma base comum a todos, foi possível para a concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis usar desta base para fazer entender outros aspectos herdados, porém relacionando com a imortalidade do espírito e suas diversas existências que tem como finalidade o desenvolvimento da integralidade da psique.

Tanto para uma quanto para a outra abordagem há um ponto em comum fundamental: a integração dos aspectos inconscientes com a consciência para que aconteça o desenvolvimento da personalidade.

E um ponto distinto principal na concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis é a crença no espírito, inteligência imaterial que sobrevive sem o corpo carnal, e as diversas encarnações que tem como finalidade o seu desenvolvimento integral.

A partir disso, de maneira a realizar esta temática, será abordado a concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis e serão selecionadas três dentre as dezesseis obras psicografadas pelo Divaldo Pereira Franco da Série Psicológica de Joanna de Ângelis, destacando-se: “O Homem Integral”, “Autodescobrimento: Uma Busca Interior” e “Jesus e o Evangelho à Luz da Psicologia Profunda”, para analisar os principais conceitos sobre o processo de individuação.

Além destas que darão embasamento para a compreender a concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis, será necessário buscar alicerce nas obras kardecianas como O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Livro dos Médiuns, O que é o Espiritismo e publicações na Revista Espírita na sessão do Jornal de Estudos Psicológicos, pois

facilitará a compreensão de como as obras psicografadas por Divaldo Pereira Franco ditadas pelo espírito Joanna de Ângelis buscam construir a abordagem terapêutica através dos ensinamentos de Jesus segundo o Espiritismo.

Para compreensão dos conceitos sobre individuação da psicologia junguiana, serão utilizadas as obras de Jung. Dentre elas serão selecionadas algumas dentre as seguintes “A natureza da psique”, “Psicologia do inconsciente”, “Psicologia e Religião”, “Os arquétipos e o inconsciente coletivo”, “O eu e o inconsciente”, “Símbolos da transformação”, por exemplo. Também serão utilizadas obras de alguns de seus continuadores, como Marie-Louise Von Franz e outros cientistas das religiões e filósofos como Murray Stein e Mircea Eliade.

Dessa maneira, a partir de uma leitura crítico-analítica, será estabelecido um levantamento do material e separação dos excertos das obras da Série Psicológica Espírita de Joanna de Angelis, do Espiritismo e da psicologia junguiana, que ajudarão a identificar as temáticas e, com isso, permitindo que seja possível realizar as correlações possíveis sobre os conceitos sobre o processo de individuação propostos por cada abordagem.

Capítulo 1- O processo de individuação e os fundamentos da Psicologia Junguiana

Ser indivíduo¹ é um processo contínuo de se tornar inteiro, singular, estar presente no aqui e agora e consciente de seus direitos e deveres tanto para consigo mesmo quanto para o outro. O vir a ser ocorre durante toda a vida através do processo de individuação e acontece a partir do diálogo entre duas principais instâncias psíquicas: inconsciente e consciente.

Diante disso, para entender o processo de individuação é necessário conhecer a estrutura psíquica, seu funcionamento, desenvolvimento e como ocorre a interação entre os conteúdos inconscientes e conscientes. Nesse contexto, será desenvolvida uma análise da dinâmica do psiquismo que busca compreender a manifestação e as interações dos conteúdos emergentes das instâncias psíquicas e como o *Self* se apresenta através dos sonhos e dos contos de fadas. Tais concepções serão pensadas a partir da teoria junguiana.

¹O termo “indivíduo” é utilizado nas obras de Carl Gustav Jung e será usado nesta dissertação em referência ao ser que está em constante construção de sua identidade própria, seja consciente ou inconscientemente, e que se insere na sociedade de forma autêntica e cooperativa, pois para o processo de individuação é fundamental reconhecer a própria singularidade.

Toda a teoria de C.G. Jung é atravessada pela importância de se compreender o conceito de inconsciente, pessoal e coletivo, e todo o simbolismo que é produzido por essa instância psíquica. Dessa forma, a partir da teoria freudiana que se desenvolve de maneira a compreender que os conteúdos inconscientes são repressões de lembranças indesejáveis ou traumáticas para a consciência do indivíduo, Jung compreende outras perspectivas de inconsciente.

Essas perspectivas estão amarradas com o seguinte questionamento: Como explicar todos os materiais que irrompem do inconsciente apenas através da concepção da repressão de conteúdos pessoais? Segundo Jung,

Pode-se afirmar que esses conteúdos são pessoais, na medida em que foram adquiridos durante a existência do indivíduo. Sendo este último limitada, também deveria ser limitado o número de conteúdos adquiridos e depositados no inconsciente. Se assim fosse, haveria possibilidade de esgotar o inconsciente na análise; em outras palavras, poder-se-ia através da análise fazer o inventário completo dos conteúdos inconscientes, talvez no sentido de que o inconsciente nada mais poderia produzir além dos conteúdos já conhecidos e recolhidos pela consciência (Jung, 2014, p. 3497).

Dessa forma, o inconsciente pessoal é uma parte importante da estrutura da psique, mas não como a única opção para a compreensão de todo material inconsciente. Posto isso, surge a concepção de inconsciente coletivo que é a matriz de todos os fatos psíquicos e exerce a função de organizar e reorganizar as representações psíquicas. Os materiais que compõem o inconsciente pessoal são descritos por Jung da seguinte forma:

O inconsciente pessoal contém lembranças perdidas, reprimidas (propositalmente esquecidas), evocações dolorosas, percepções que, por assim dizer, não ultrapassam o limiar da consciência (subliminais), isto é, percepções dos sentidos que por falta de intensidade não atingiram a consciência e conteúdo que ainda não amadureceram para a consciência. Corresponde à figura da sombra, que frequentemente aparece nos sonhos (Jung, 2014, p. 3232).

Portanto, o inconsciente pessoal abarca todo o conteúdo inconsciente que foi adquirido em algum momento da vida do indivíduo, mas que são, de certa forma, insuportáveis pra consciência. Esses materiais que se mantêm inconscientes dificultam o processo de individuação e provocam perturbações na consciência.

Diante disso, sabendo que as recordações pessoais que estão em conflito com a consciência ficam armazenadas no inconsciente pessoal e, portanto, no inconsciente coletivo há toda base histórica da estrutura psíquica, entende-se que o primeiro é constituído de complexos e o segundo é constituído por instintos físicos e

arquétipos. Sobre o inconsciente coletivo, Jung se refere inicialmente da seguinte maneira:

Minha tese é a seguinte: à diferença de natureza pessoal da psique consciente, existe um segundo sistema psíquico, de caráter coletivo, não pessoal, ao lado do nosso consciente, que por sua vez é de maneira pessoal e que – mesmo quando lhe acrescentamos como apêndice o inconsciente pessoal – consideramos a única psique passível de experiência. O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência (Jung, 2016, p. 4468).

Através das imagens que são formadas no inconsciente coletivo, verifica-se formas peculiares que existem desde os primórdios da humanidade, revelando-se nas mitologias, contos de fadas, fantasias, sonhos e até mesmo em delírios de pessoas que são portadoras de algum transtorno psicótico. A partir da observação dessas imagens, Jung entende que

O conjunto dessas imagens forma o inconsciente coletivo que todo indivíduo traz em potencial, por hereditariedade. É o correlato psíquico da diferenciação do cérebro humano. Isto explica por que as imagens mitológicas podem reaparecer sempre de novo e, espontaneamente e concordantes entre si, não só em todos os recantos do mundo, mas também em todos os tempos. Elas simplesmente existem sempre e em toda parte. Por isso também é natural que possamos relacionar, sem dificuldade, mesmo os mitologemas temporal e etnicamente mais distanciados com um sistema fantasioso individual. Pois a base criadora é sempre a mesma psique humana e o mesmo cérebro humano que, com variações relativamente pequenas, funcionam em todo lugar do mesmo modo (Jung, 2011, p. 1844).

Essa base criadora de imagens são os arquétipos que funcionam como organizadores do psiquismo e possuem configurações herdadas que formam o inconsciente coletivo. É a condição estrutural da psique, com potencial de produzir os mesmos padrões de experiência e é o princípio ordenador da psique. Para definir e basear seus estudos sobre os arquétipos, Jung reúne desde os primeiros registros encontrados de manifestações da psique até as de sua contemporaneidade e faz a seguinte consideração:

O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo lugar e em todo tempo. A pesquisa mitológica denomina-as “motivos” ou “temas”; na psicologia dos primitivos elas correspondem ao conceito de *représentations collectives* de Levy-Bruhl e no campo das religiões comparadas foram definidas como “categorias da imaginação” por Hubert e Mauss. Adolf Bastian designou-as bem antes como “pensamentos elementares” ou “primordiais”. A partir dessas referências torna-se claro que minha representação do arquétipo- literalmente uma forma preexistente- não é exclusivamente um

conceito meu, mas também é reconhecido em outros campos da ciência (Jung, 2016, p. 4468).

Nesse inconsciente coletivo que é herdado desde os primórdios da humanidade, existe um arquétipo que é considerado o ponto central, organizador e primordial para a individuação, chamado de *Self*. Portanto, o *Self* pode ser definido como um fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente, e que pode ser apreendido por meio da investigação dos sonhos de cada um (Von Franz, 2022, p. 213).

Von Franz cita uma dentre as várias formas de investigação dos símbolos e imagens produzidos pelo inconsciente coletivo. Além dos sonhos², a imaginação ativa³, as experiências religiosas⁴, os contos de fadas⁵, os mitos⁶ e em acontecimentos sincronicísticos⁷ são também formas de manifestação desta instância psíquica. A partir disso, Jung se ocupou em analisar essas funções na vida do indivíduo e considera os sonhos especialmente fundamental para guiar a pessoa rumo à individuação. Von Franz esclarece que

Jung descobriu que os sonhos dizem respeito, em grau variado, à vida de quem sonha, mas também que são parte de uma única e grande teia de fatores psicológicos. Descobriu, além disso, que, em conjunto, os sonhos parecem obedecer a uma determinada configuração ou esquema. A este esquema Jung chamou “o processo de individuação” (Von Franz, 2022, p. 212).

O processo de individuação a que Jung se refere é imperioso, ou seja, o indivíduo passa por esse processo de desenvolvimento da personalidade ao longo da vida de maneira consciente ou não. A não aceitação ou caso o indivíduo ignore esse movimento, poderá acarretar em conflitos psicológicos e em caminhos tortuosos na existência. Segundo Stein (2020) o movimento para individuação não é opcional, não é

² Para Jung, os sonhos possuem uma função orientadora para a consciência, mas sua linguagem é peculiar (Jung, 2015). No decorrer deste capítulo, algumas maneiras de compreensão e identificação das personificações nos sonhos serão assinaladas.

³ A imaginação ativa é uma técnica desenvolvida por Jung que consiste em confrontar os problemas interiores de maneira consciente através de um diálogo consigo mesmo, mas não será desenvolvido este tema no capítulo. Esse tema pode ser encontrado na coleção de “Os Livros Negros” e em “O Livro Vermelho” de Jung.

⁴ As experiências religiosas referem-se sobre as atitudes religiosas inerentes ao ser humano nesse contexto, não estão vinculadas a instituições religiosas ou credos específicos.

⁵ Jung e Von Franz, autores que serão utilizados para analisar essa temática nesse capítulo, afirmam que através dos contos de fadas é possível verificar estruturas de comportamento psicológico dos indivíduos (Von Franz, 2016).

⁶ Os mitos são revelações da interioridade psíquica inconsciente e manifestam seus conteúdos de acordo com a cultura e, segundo Jung, são linguagens muito presentes nas religiões (Jung, 2011).

⁷ Sincronicidade para Jung é a conexão não causal entre eventos psíquicos e físicos. Configura-se como a possibilidade de ocorrer coincidência de dois ou mais acontecimentos que são conectados por significados (Jung, 2016).

condicional, não está sujeito a caprichos de diferenças culturais. Entende-se, então, que a individuação ocorre de maneira incondicional, ou seja, o indivíduo torna-se mais ou menos consciente de sua natureza independente da sua vontade.

Este processo de individuação ocorre através da integração dos materiais inconscientes à consciência, tornando o indivíduo consciente de sua própria natureza. Em uma de suas últimas definições, Jung diz que a individuação é como um processo de diferenciação que tem por objetivo o desenvolvimento da personalidade individual (Jung *apud* Stein, 2020, p. 27).

Inicialmente, para que o processo de individuação aconteça, é necessário que o indivíduo realize a diferenciação entre ele e o que o rodeia, individual do coletivo, ou seja, realizar a autoanálise crítica e sincera. Sendo assim, Stein bebe da teoria de Jung para compreender o que é análise e destaca a seguinte afirmação:

O que a análise faz é em primeiro lugar uma redução. É analisar a sua atitude. Você precisa se conscientizar de muitas resistências e conteúdos pessoais que reprimem sua atividade mental genuína ou seus processos psicológicos. Todas essas inibições significam muitas e muitas impurezas, e você precisa purificar a mente antes que o processo psicológico de transformação possa começar (JUNG *apud* Stein, 2020, p. 20).

Dessa forma, na análise é possível fazer o movimento inverso do “automático”, ou seja, estamos sempre direcionando toda a nossa energia psíquica às demandas da sociedade de modo geral, às crenças enraizadas, às identificações que são estabelecidas desde o início da vida psíquica e, com isso, a vida interior é esquecida e fica cada vez mais distante de um questionamento crítico sobre nossas demandas internas das externas. O movimento inverso do automático é olhar para si mesmo, para as mensagens do inconsciente e para as sombras que possuem tanto as potencialidades que ainda não desabrocharam quanto as mazelas da personalidade.

Para compreender as identificações que acontecem desde o início da vida psíquica é necessário abarcar o conceito de *persona* e seu papel na psique. Segundo Jung (2015) a *persona* é, pois, um complexo funcional que surgiu por razões de adaptação ou de necessária comodidade, mas que não é idêntico à individualidade. O complexo funcional da *persona* diz respeito exclusivamente à relação com os objetos, ou seja, para o mundo externo de objetos, fatos e pessoas.

A maneira de lidar com o meio e a maneira de lidar com o interior é através de uma dissociação da personalidade considerada normal por Jung. Como nos apresentamos no ambiente de trabalho, por exemplo, não é da mesma maneira como nos apresentamos em casa. Diversas características são percebidas em um mesmo indivíduo em ambientes diferentes, lidando com situações distintas e pessoas diferentes. Jung exemplifica claramente essa dissociação da personalidade:

Cada meio ambiente requer uma atitude especial. Quanto mais for exigida esta atitude pelo respectivo meio ambiente, mais rapidamente ela se tornará habitual. Muitas pessoas da classe culta têm que mover-se em dois meios completamente distintos: no lar e no ambiente profissional. Estes dois ambientes distintos exigem duas atitudes totalmente diversas que, dependendo do grau de identificação do eu com a atitude do momento, condicionam uma duplicação de caráter. De acordo com as condições e necessidades sociais, o caráter social se orienta, de um lado, pelas expectativas ou exigências do ambiente profissional e, de outro, pelas intenções e aspirações sociais do indivíduo (Jung, 2015, p. 2968).

Sendo assim, as *personas* não são um problema por si só, pelo contrário, elas são necessárias para que o indivíduo atue em todas as situações que o meio exige. Porém, a identificação com as *personas* faz com que haja conflito psíquico e o não reconhecimento das demandas internas. Sobre a identificação com a *persona*, Jung esclarece que

A identidade com a *persona* determina automaticamente uma identidade inconsciente com a alma, pois, quando o sujeito, o eu, é indistinto da *persona*, não tem relação consciente com os processos do inconsciente. Ele é esses processos, é idêntico a isso. Quem é seu próprio papel exterior também sucumbirá infalivelmente aos processos internos, isto é, há de contrariar, por absoluta necessidade, seu papel exterior, ou vai levá-lo ao absurdo (Jung, 2015, p. 2974).

Essa identificação indiferenciada com a *persona* causará uma dissociação patológica da personalidade. A falta de consciência sobre os diversos aspectos da personalidade individual ocasiona desajustes psíquicos e refletem diretamente no comportamento e no pensamento e, conseqüentemente, na vida cotidiana do indivíduo.

A partir da compreensão que pode ocorrer uma identificação unilateral com a *persona*, Jung elucida que a dissociação patológica que acarreta essa identificação,

É a do eu consciente junto com uma função escolhida que se dissociam do restante dos componentes da personalidade. Podemos qualificar essa dissociação de identificação do eu com determinada função ou grupo de funções. É muito frequente em pessoas que mergulham bem fundo numa de suas funções psíquicas e a diferenciam como uma única função consciente de adaptação (Jung, 2015, p. 2724).

Portanto, reconhecer que há mais de uma forma de adaptação e que existe a condição de comunicar com as *personas*, gera maior adaptação do indivíduo com o meio em que está inserido.

As identificações têm início na infância quando as personalidades começam a ser formadas e elas podem perpetuar por toda a vida. Dessa forma, os conflitos entre personalidades que são criadas através das diversas influências são considerados normais quando não há identificação extrema com nenhuma delas. Jung diz que

Nessas circunstâncias não é surpresa, mas fato normal, o aparecimento de conflitos entre personalidades moldadas pela educação e por outras influências do ambiente infantil e personalidades que se formam pelo seu próprio modo de vida. Neste conflito entrarão todas as pessoas destinadas a levar uma vida independente e criativa (Jung, 2014, p. 1546).

Logo, o que se percebe durante a formação da personalidade é a ocorrência de conflitos, pois há diversas influências do meio e do próprio indivíduo e, com isso, o mesmo tem que lidar com todas elas até conseguir se ajustar e se adequar com as que mais lhe facilita a adaptação com meio externo e interno.

Posto isso, da mesma forma que há personalidades externas para lidar com situações externas, existe uma personalidade interna para lidar com as demandas psíquicas interiores. Jung (2015) denomina *persona* a atitude externa, o caráter externo; e a atitude interna denomina *ânima*, *alma*.

Para compreender esse processo de desenvolvimento dessas personalidades, suas possíveis identificações e como percebê-las e usá-las para realizar o caminho do autoconhecimento, no decorrer do capítulo será abordado sobre a dinâmica do psiquismo a partir da compreensão do inconsciente coletivo segundo a Psicologia Analítica de Jung e, posteriormente, analisar o *Self* como arquétipo primordial do inconsciente coletivo e como ele se manifesta através dos simbolismos e personificações da sombra, *ânima* e *animus*.

No que se refere a essas personificações, serão analisadas a partir dos sonhos e dos contos de fadas que, dentre várias as possibilidades de manifestações de conteúdos e símbolos do inconsciente citadas anteriormente, são os mais comuns e potentes para acesso à vida interior do indivíduo.

1.1 A dinâmica do psiquismo

Para que o caminho do saber sobre a dinâmica psíquica seja trilhado e como o processo de individuação é construído dentro dessa dinâmica, inicialmente é necessário compreender os arquétipos, pois são estruturas herdadas constitutivas da ordenação psíquica com potencial de produzir os mesmos padrões de experiências. Dessa forma, são o ponto nodal do inconsciente coletivo que armazena a base histórica psíquica e é a matriz de todos os fatos psíquicos e, por isso, exerce também uma influência que compromete altamente a liberdade de consciência.

Como dito anteriormente, para a psicologia junguiana existe uma diferenciação entre inconsciente pessoal e coletivo. O primeiro oriundo de lembranças pessoais e o segundo de formas arcaicas herdadas dos antepassados. Em sua teoria, Jung sempre enfatiza a diferença entre os dois inconscientes para que haja compreensão dos materiais simbólicos produzidos pelo coletivo e que ultrapassam as vivências pessoais do indivíduo, seja através de experiências religiosas, sonhos, mitos, contos de fadas ou através das artes, por exemplo e esclarece:

Mencionamos anteriormente o fato de o inconsciente conter como que duas camadas: uma pessoal e outra coletiva. A camada pessoal termina com as recordações infantis mais remotas; o inconsciente coletivo, porém, contém o tempo pré-infantil, isto é, o resto da vida dos antepassados. As imagens das recordações do inconsciente coletivo são imagens não preenchidas, por serem formas não vividas pessoalmente pelo indivíduo. Quando, porém, a regressão da energia psíquica ultrapassa o próprio tempo da primeira infância, penetrando nas pegadas ou na herança da vida ancestral, aí despertam os quadros mitológicos: os arquétipos. Abre-se então um mundo espiritual interior, de cuja existência nem sequer suspeitávamos (Jung, 2013, p. 3243).

Os arquétipos, por sua vez, não são carregados de conteúdos, mas são padrões de funcionamento que configuram a base da estrutura psíquica e esses padrões são reconhecidos através das manifestações desses materiais simbólicos. A partir desses materiais simbólicos, é possível realizar a religação com o mundo espiritual interior que consiste em estabelecer uma comunicação do eixo responsável pela individuação, ou seja, do ego com o arquétipo do *Self*. De maneira sucinta, Jung esclarece que:

O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que uma *facultas praeformandi*, uma possibilidade dada a priori da forma da sua representação. O que é herdado não são as ideias, mas as formas, aos quais sob

esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma (Jung, 2016, p. 4508).

Em um primeiro momento a projeção de imagens do inconsciente se baseia nos conteúdos pessoais e, posteriormente, as imagens que são produzidas no inconsciente coletivo, através dos arquétipos, se manifestam por meio de simbolismos arcaicos e originários. Nesse sentido, Jung pontua que

Afora as recordações pessoais, existem, em cada indivíduo, as grandes imagens primordiais, como foram designadas acertadamente por Jakob Burckhardt, ou seja, a aptidão hereditária da imaginação humana de ser como era nos primórdios. Essa hereditariedade explica o fenômeno, no fundo surpreendente, de alguns temas e motivos de lendas se repetirem no mundo inteiro e em formas idênticas, além de explicar por que os nossos doentes mentais podem reproduzir exatamente as mesmas imagens e associações de textos antigos. Meu livro *Walungen und Symbole der libido* contém alguns exemplos. Isso não quer dizer, em absoluto, que as imaginações sejam hereditárias; hereditária é apenas a capacidade de ter tais imagens, o que é bem diferente (Jung, 2013, p. 3231).

Dessa forma, compreende-se que o inconsciente coletivo, através dos arquétipos, produz formas que têm um padrão universal. Nessa instância psíquica, residem todas as forças adormecidas que em algum momento buscam meios de serem liberadas para a consciência. Essa força tem a capacidade de revelar pensamentos, sentimentos, ideias, que auxiliam na busca do autoconhecimento e fornece ao indivíduo energia psíquica inesgotável. A partir disso, Jung esclarece como essa força pode atuar:

Assim, também encontramos o objeto que a libido escolhe quando se vê liberada da forma de transferência pessoal e infantil. A libido segue sua inclinação até as profundezas do inconsciente e lá vivifica o que até então jazia adormecido. É a descoberta do tesouro oculto, a fonte inesgotável onde a humanidade sempre buscou seus deuses e demônios e todas as ideias, suas fortes e poderosas ideias sem as quais o ser humano deixa de ser humano (Jung, 2013, p. 3232).

Essas forças e formas arquetípicas simbolizam a realidade interior e revelam o mundo divino⁸ que existe nos indivíduos.

Esse mundo divino interior não está relacionado apenas, segundo a psicologia analítica, com o aprendizado dos dogmas das religiões em si, mas sim com a capacidade

⁸ O conceito de “divino” ou “Deus interior” na psicologia analítica tem a ver com uma função psicológica que estimula a relação do ego com o *Self*, que é a base do processo de individuação. Essa função psicológica exerce o papel de integrar os conteúdos conscientes e inconscientes, contribuindo para o autoconhecimento (Jung, 2013).

de realizar o movimento de unir opostos e integrar a vida psíquica. Sobre o despertar da vida divina interior, Jung faz a seguinte consideração:

Jung, por outro lado, envolveu pessoalmente o “Deus interior” de maneira inteiramente psicológica, e, porquanto ele se relacionasse com a imago Dei com a mesma paixão e sentimento por seu mistério e poder emocional assombroso que Otto, essa relação era de caráter psicológico e não devocional, e acompanhada da cautela condizente com um psicoterapeuta. A paixão pelo espiritual, como todas as paixões, pode cair no páthos e na alienação extrema de outras partes do Self, como vemos tão bem hoje entre fundamentalistas e fanáticos religiosos. O objetivo da individuação, diferente do objetivo da busca religiosa, não é a união com o divino ou a salvação, mas sim a integração e a totalidade, a agregação dos opostos inerentes ao Self em uma imagem de unidade e a integração dessa imagem à consciência (Stein, 2020, p. 63).

Posto isso, entende-se que a busca religiosa é diferente do caminho do encontro com o “Deus” ou divino interior, pois a busca religiosa consiste em ir de encontro com o ser divino em que se acredita, conectar-se com algo maior, compactuar com um sistema sociocultural de comportamentos, crenças e textos sagrados para obter a salvação. Já a individuação consiste em ser inteiro em si mesmo, ou seja, realizar a prática de autoconhecimento para integrar toda a personalidade.

Sendo assim, mesmo que a individuação tenha o objetivo diferente da busca religiosa, vale analisar que as religiões têm a possibilidade de ajudar o indivíduo a percorrer esse caminho da integração de imagens, conteúdos e unir opostos e integrá-las à consciência.

Retomando sobre o inconsciente coletivo que através dos arquétipos possuem padrões de manifestações de conteúdos psíquicos, mais especificamente falando dos religiosos, pois a psique utiliza desses conteúdos para projetar material inconsciente e alcançar a consciência promovendo a unificação dos contrários. “Ao que parece, os arquétipos não são apenas impregnações de experiências típicas, incessantemente repetidas, mas também se comportam empiricamente como forças ou tendências à repetição das mesmas experiências” (Jung, 2013, p. 3235).

Sendo assim, desde os primeiros registros que foram encontrados dos povos primitivos, há mensagens sobre deuses e outros seres sagrados que nasceram a partir de ideias captadas intuitivamente e que transcendem e modificam o comportamento dos indivíduos. Portanto, essas estruturas e manifestações da psique represam essa energia que é logo liberada quando são manifestadas. São ideias que desencadeiam energias fortes

e se apoderam da consciência requerendo mudanças individuais e coletivas. Jung afirma o seguinte sobre essas forças que assaltam o pensamento consciente:

A questão agora é a seguinte: de onde surgiu a ideia nova, essa ideia que se impôs à consciência com tão elementar violência? De onde tirou a sua força, essa força que se apoderou da consciência de modo a torná-la insensível às inúmeras atrações de uma primeira viagem os trópicos? A resposta não é fácil. Mas, se a nossa teoria for aplicada ao presente caso, a explicação deve ser a seguinte: a ideia da energia e de sua conservação devem ser uma imagem primordial, adormecida no inconsciente coletivo. Semelhante conclusão nos obriga evidentemente a provar que tais imagens primordiais existiram efetivamente na história do espírito humano e que foram ativas durante milhares e milhares de anos. Esta prova pode ser realmente fornecida sem maiores dificuldades. As religiões mais primitivas, nas regiões mais variadas do mundo, são fundadas nessa imagem. São as chamadas religiões dinâmicas. Seu pensamento único e decisivo é que há uma força universal mágica e que tudo gira em torno dessa força (Jung, 2013, p. 3233).

Essa força ou energia engloba diversos conceitos. “Inicialmente era usada como uma tentativa de explicar aquilo que era divino, demoníaco ou mágico, por exemplo. Na realidade, os povos primitivos não se referem a almas ou espíritos nesse seu conceito de energia, mas há algo que o cientista americano Lovejoy qualificou acertadamente como “*primitive energetics*”” (Jung, 2013, p. 3234).

Na tentativa de compreender o arquétipo primordial, a energia que nele se conserva e que se atualiza de acordo com a evolução dos indivíduos, Jung compara a evolução do conceito do divino e esclarece que

Este conceito de energia também é a primeira versão do conceito de deus entre os primitivos. A imagem desenvolveu-se em variações sempre novas no decurso da história. No Antigo Testamento a força mágica resplandece na Sarça que arde em chamas diante de Moisés. No evangelho manifesta-se pela descida do espírito Santo em forma de línguas de fogo vindas do céu. Em Heráclito aparece como energia universal, como “o fogo eternamente vivo”. Entre os persas é a viva luz do fogo do “haoma”, da graça divina; para os estoicos é o calor primordial, a força do destino. Na legenda medieval aparece como a aura, a auréola dos santos, desprendendo-se em forma de chamas do telhado da cabana onde o santo jaz em êxtase. Nas faces dos santos essa força é vista como o sol e plenitude da luz. Segundo uma interpretação antiga, a própria alma é essa energia; a ideia de sua imortalidade é a sua conservação; e na acepção budista e primitiva da metempsicose (transmigração da alma) reside a sua capacidade ilimitada de transformação e perene conservação (Jung, 2013, p. 3234).

A partir disso, pode-se compreender que essa conservação de energia e tendência dos arquétipos à repetição de experiências ocorre juntamente com a atualização dos conteúdos de acordo com as civilizações e apontam para uma função psicológica inata sobre o conceito do divino. Dessa forma,

O conceito de Deus é simplesmente uma função psicológica necessária, de natureza irracional, que absolutamente nada tem a ver com a questão da existência de Deus. O intelecto humano jamais encontrará uma resposta para essa questão. Muito menos pode haver qualquer prova da existência de Deus, o que, aliás, é supérfluo. A ideia de um ser todo poderoso, divino, existe em toda parte. Quando não é consciente, é inconsciente, porque seu fundamento é arquetípico [...] (Jung, 2013, p. 3237).

Não há como desvincular o simbolismo religioso da psique. Não há ensinamentos, textos sagrados, experiências místicas, imagens, por exemplo, sem passar pela psique. A manifestação desses símbolos e a experiência de transcendência nas religiões atravessam o indivíduo, irrompem na consciência e se apresentam como uma manifestação de algo divino. Von Franz afirma que

Se alguém argumentar que existe uma realidade religiosa em si mesma, independente da psique humana, só se pode responder com a pergunta: “E quem afirma isso, senão a psique humana?” Não importa o que sustentamos, a verdade é que nunca nos poderemos dissociar da existência da psique – pois estamos contidos nela e é ela o único meio em que temos para alcançar a realidade (Von Franz, 2016, p. 306).

Isso que irrompe à consciência e se apresenta como algo extraordinário e que tem força para transformá-la e modificar comportamentos, possui o que Jung diz sobre a experiência *numinosa*. “[...] Cada vez que um arquétipo aparece em sonho, na fantasia ou na vida, ele traz consigo uma “influência” específica ou uma força que lhe confere um efeito *numinoso* e fascinante ou que impele à ação” (Jung, 2013, p. 3235, *italico original no texto*).

Essas experiências numinosas, que são experiências religiosas de natureza quase mística segundo Jung, têm o potencial de produzir sentido de vida para quem a vivencia profundamente. Murray Stein relaciona a cura psicológica com a experiência numinosa e esclarece:

Podemos começar investigando como a vivência de experiências numinosas liberta a pessoa da maldição da patologia, isto é, das garras dos complexos, como afirma Jung em sua carta a P.W. Martin. Em termos gerais, “a abordagem do numinoso” é considerada um projeto religioso, uma peregrinação. A “vivência de experiências numinosas” de que fala Jung refere-se a experiências religiosas de uma natureza quase mística. Por si só, e sem maior reflexão ou interpretação, essa vivência poderia muito bem convencer a pessoa de que a vida tem sentido (Stein, 2020, p. 42).

As vivências numinosas manifestam-se a partir dos conteúdos de origem arquetípica e que são experienciadas e vividas no eixo inconsciente-consciente gerando grande benefício psicológico. Sobre essas experiências, Stein diz que

A explicação psicológica para as experiências numinosas como as que Rudolf Otto relata em seu livro seminal, *The Idea of the Holy*, por exemplo, está no mecanismo de projeção, pelo qual conteúdos inconscientes são “percebidos” em objetos físicos, rituais ou sons que emitem. Em experiências religiosas, sustenta o psicológico, o ego vivencia um conteúdo do inconsciente em projeção. Quanto mais simbólica a experiência, tanto mais arquetípico o conteúdo. Tais experiências criam símbolos que ligam a consciência ao inconsciente, e eles oferecem “dicas” que podem ser decifradas como comunicação. Esses sinais podem levar a uma perspectiva mais profunda da vida de vista do inconsciente coletivo, sendo essenciais ao processo psicológico de individuação caso se consiga trazê-los à superfície e torná-los conscientes. Descreve-se essa transformação de um estado (espiritual) em outro (psicológico) como sublimação (Stein, 2020, p. 49).

Portanto, pode-se observar como as experiências religiosas contribuem para a individuação, pois há projeção de conteúdos inconscientes nos ambientes, nos objetos e nas pessoas durante o rito e a apreensão desses conteúdos pela consciência podem contribuir para desenvolvimento psíquico.

Diante de todas as experiências do numinoso pesquisadas por Rudolf Otto e vivenciadas por ele, verifica-se um ponto em comum experimentado pelos indivíduos ao longo da trajetória das religiões da humanidade. Observa-se em todas as religiões a percepção do extrassensorial e conexão com algo maior. Portanto,

Essas experiências profundamente tocantes com objetos religiosos, de religiões que não a sua (judaica e a outra hindu), contribuíram para consolidar a convicção de Otto de que todas as religiões têm como fundamento impressões intensas do “Sagrado” como essas. O alicerce espiritual de templos e catedrais de todas as religiões, dando sustentação a seus ritos e rituais e às suas escrituras sagradas, constitui-se de experiências do numinoso, sendo, portanto, psicológico. Para Otto, essa realidade forma o alicerce universal, basilar, de todas as religiões do mundo: desde o início, religião é a experiência do *Mysterium*, do que irrompe das profundezas de nossa vida de sentimento[...] como a sensação do supracensível” (Stein, 2020, p. 61).

Nesse sentido, Jung caracteriza essas experiências numinosas como uma forma dos indivíduos se manterem emocionalmente equilibrados e utiliza da teoria de Otto para compreender como a individuação pode ocorrer através dos aspectos religiosos e complementa o pensamento da seguinte maneira:

[...] A religião, no sentido da observação cuidadosa e consideração de certos fatores invisíveis e incontroláveis, constitui um *comportamento instintivo* característico do homem, cujas manifestações podem ser observadas ao longo de

toda história da cultura. Sua finalidade explícita é preservar o equilíbrio psíquico do homem, pois ele sabe de maneira espontânea que sua função consciente pode ser perturbada, de uma hora pra outra, por fatores incontroláveis, tanto de natureza exterior como interior. Dessa maneira, o homem sempre cuidou para que toda decisão grave fosse, de certo modo, sustentada por medidas religiosas. Nasceram, assim, os sacrifícios para honrar as forças invisíveis, as bênçãos e demais gestos rituais. Sempre, e em toda parte, existiram “*rites d’entrée et de sortie*” (ritos de entrada e saída) que, para os racionalistas distantes da psicologia, não passam de superstição e magia. No entanto, a magia é, em seu fundamento, um efeito psicológico que não deve ser subestimado. A realização de um ato “mágico” proporciona ao homem uma sensação de segurança, extremamente importante para uma tomada de decisão. Toda decisão e resolução necessitam dessa segurança, pois elas sempre pressupõem uma certa unilateralidade de exposição [...] (Jung, 2019, p. 28).

Isso que irrompe das profundezas gera um movimento de troca de energia psíquica e faz parte de um mecanismo em que essas imagens arquetípicas são integradas à consciência promovendo o processo de sublimação. Nesse processo, o espiritual é integrado ao psicológico sem prejuízo da sua possível condição metafísica, ou seja, não há intenção em reduzir a religião a processos psicológicos, possibilitando expansão da consciência e significação profunda pra vida. “A religião significa dependência e submissão aos dados irracionais. Estes não estão diretamente relacionados às condições físicas e sociais, mas sobretudo à atitude psíquica do indivíduo” (Jung, 2019, p. 24).

Dessa forma, a partir da compreensão da sublimação e seus benefícios, surge uma função psíquica que contribui para o equilíbrio dessa dinâmica psicológica e,

Uma vez assim sublimadas, as imagens arquetípicas se entrelaçam no tecido da identidade consciente da pessoa. Integram-se a ela. Como espírito e transcendência sublimados, elas propiciam a cura, libertando a pessoa das limitações da estrutura do ego puramente imediata e temporal, e assim contribuindo, em essência, para a formação do que Jung denominou “função transcendente”, uma estrutura psicológica de identidade constituída de elementos pessoais e arquetípicos (Stein, 2020, p. 50).

Para compreendermos a individuação é necessário analisar a função transcendente, pois ela é fundamental para que o indivíduo saiba manejar a forma como o social, a razão e o que é de ordem do irracional se apresentam.

Portanto, é importante pontuar que a religião em si não é capaz de promover essa transcendência, está mais ligada à como o indivíduo se abre para as experiências profundas e irracionais. Dessa forma, Jung afirma que

Pertencer a uma confissão, portanto, nem sempre implica uma questão de religiosidade, mas, sobretudo, uma questão social que nada pode acrescentar à

estruturação do indivíduo. Esta depende da relação do indivíduo com uma instância não mundana, seu critério não é o credo, e sim o fato psicológico segundo o qual a vida do indivíduo não pode ser determinada somente pelo eu e suas opiniões ou por fatores sociais, mas igualmente por uma autoridade transcendente. O que fundamenta a autonomia e a liberdade do indivíduo, antes de qualquer máxima ética ou confissão ortodoxa, é única e exclusivamente a consciência empírica, ou seja, a experiência unívoca de uma dinâmica de relacionamento pessoal entre o homem e uma instância extramundana que se apresenta como um contrapeso ao “mundo e sua razão” (Jung, 2019, p. 25).

Para que essa dinâmica de relacionamento entre o indivíduo e o extramundano aconteça, a energia do símbolo ou imagem que ultrapassa o limite subliminal, ou seja, que ganha energia para sair do inconsciente e ganhar luz na consciência, deve adquirir um valor energético mais forte, apresentando-se como uma expansão da consciência. Dessa forma, Jung elucida que

[...] O fato de possuírem relativamente pouca energia se manifesta em que um elemento inconsciente, ao adquirir um acento de valor mais forte, imediatamente deixa de ser subliminal; eleva-se então por sobre o limiar da consciência e isto ele só pode fazer graças a uma energia especial que está dentro dele. Sobrevêm então a “ideia repentina”, a “representação de livre surgimento” (Herbart). Os valores energéticos fortes dos conteúdos da consciência atuam como uma iluminação intensa pela qual se tornam perfeitamente reconhecíveis suas diferenças e fica excluídas qualquer confusão [...] (Jung, 2015, p. 2618).

Vale ressaltar que o símbolo é considerado um ente vivo que proporciona desenvolvimento psicológico para o indivíduo e Serbena (2010) faz um compilado de como símbolo pode ser entendido, elucidando que

“É importante salientar que, segundo Jung (1949/1991), o símbolo é a melhor expressão possível de algo relativamente desconhecido, pois ele representa por imagens, experiências e vivências que incluem aspectos conscientes e inconscientes, isto é, desconhecidas da consciência. Como tal, o símbolo participa e existe sob a forma vivencial e experiencial, sendo impossível de ter seu significado esgotado ou determinado, possibilitando estabelecer múltiplas relações e analogias. Se um símbolo perde seu caráter “mágico”, isto é, de atrair a atenção psíquica, pode-se dizer que não é mais um símbolo. A utilização excessiva do símbolo tende a reduzi-lo a indicador de um conceito ou de uma realidade material e este indicador não opera mais como símbolo e sim como signo. A degradação do símbolo em signo tem como exemplo os manuais do sonho que trazem guias e significados para cada figura ou imagem que aparece. Esta degradação implica em um empobrecimento da psique do indivíduo, pois reduz a multivocidade do símbolo na univocidade do signo, ou seja, a riqueza simbólica é reduzida a uma representação unívoca. Se algo é ou não símbolo, vai depender do ponto de vista e da atitude do indivíduo que contempla” (Serbena, 2010, p.77).

Portanto, nem sempre é compreendida a linguagem do símbolo em um primeiro momento, mas o mesmo contribui com uma força energética para a manutenção

dos lados opostos da psique, como visto anteriormente. Dessa maneira, o desequilíbrio entre esses lados é necessário para que o material inconsciente sempre ganhe força para ultrapassar o limiar subliminal com intuito de promover o desenvolvimento integral da personalidade e Jung esclarece que

Mesmo que a atividade discriminante da consciência não encontre frequentemente muita coisa a ser entendida de imediato nas imagens, essas intuições contêm, no entanto, uma força via que pode atuar com determinação sobre a vontade. A determinação da vontade repercute sobre os dois lados e, por isso, os opostos se tornam mais fortes após certo tempo. Mas o conflito renovado precisa sempre do mesmo processo há pouco mencionado pelo qual um outro passo é novamente possível. Denominei essa função de mediação dos opostos de função transcendente. Com isso não entendo nada de misterioso, mas apenas uma função de elementos conscientes e inconscientes ou, como na matemática, uma função comum de grandezas reais e imaginárias (Jung, 2015, p. 2620).

Portanto, é uma função que possibilita o equilíbrio da psique, a continuidade da consciência e a constante renovação interior.

Sendo assim, esses símbolos que possuem a numinosidade e têm a capacidade de provocar uma expansão da consciência através das reações emocionais que eles causam, são diferenciados por símbolos naturais e culturais. Sobre esses símbolos, Jung os diferencia da seguinte maneira:

[...] Os primeiros são derivados dos conteúdos inconscientes da psique e, portanto, representam um número imenso de variações das imagens arquetípicas essenciais. Em alguns casos pode-se chegar às suas origens mais arcaicas – isto é, a ideias e imagens que vamos encontrar nos mais antigos registros e nas mais primitivas sociedades. Os símbolos culturais, por outro lado, são aqueles que foram empregados para expressar “verdades eternas” e que ainda são utilizados em muitas religiões. Passaram por inúmeras transformações e mesmo por um longo processo de elaboração mais ou menos consciente, tornando-se assim imagens coletivas aceitas pelas sociedades civilizadas (Jung, 2016, p. 117).

O afastamento da sociedade contemporânea da necessidade de compreender e apreender sobre esse simbolismo que emerge do inconsciente, seja através de alguma espiritualidade, religiosidade, religião ou mesmo dos sonhos, reprimindo as manifestações dos símbolos, não se ocupando de olhar pra esse estado íntimo e guiando-se apenas pela razão, vai de encontro ao adoecimento psíquico. E com isso,

[...] Quando reprimidos ou descurados, a sua energia específica desaparece no inconsciente com incalculáveis consequências. Essa energia psíquica que parece ter assim se dispersado vai, de fato, servir para reviver e intensificar o que quer que predomine no inconsciente – tendências, talvez, que até então não tivessem encontrado oportunidade de se expressar ou, pelo menos, de serem autorizadas a levar uma existência desinibida no consciente (Jung, 2016, p. 118).

Dessa forma, a perda da capacidade de assimilar os conteúdos instintivos do inconsciente gera sintomas neuróticos e o que Jung nomeou de desorientação e dissociação universais e,

À medida que aumenta o conhecimento científico, diminui o grau de humanização do nosso mundo. O homem sente-se isolado no cosmos porque, já não estando envolvido com a natureza, perdeu a sua identificação emocional inconsciente com os fenômenos naturais. E estes, por sua vez, perderam aos poucos as suas implicações simbólicas. O trovão já não é a voz de um deus irado nem o raio o seu projétil vingador. Nenhum rio abriga mais um espírito, nenhuma árvore é o princípio de vida do homem, serpente alguma encarna a sabedoria e nenhuma caverna é habitada por demônios. Pedras, plantas e animais já não têm vozes para falar ao homem, e ele não se dirige mais a eles na presunção de que possam entendê-lo. Acabou-se o seu contato com a natureza, e com ele foi-se também a profunda energia emocional que esta conexão simbólica alimentava (Jung, 2016 p. 120).

Essa perda de contato com a energia primitiva da psique e com o cosmo, proporcionou uma compensação desses símbolos através dos sonhos que expressam os conteúdos com linguagem particular e peculiar. Dessa maneira, nos força a compreender essa linguagem fora dos conceitos racionais. A partir disso, Jung desenvolve a análise dos sonhos com o intuito de compreender os símbolos e o que eles querem comunicar ao sonhador, tornando a linguagem onírica mais acessível e benéfica para o indivíduo.

A função criadora de símbolos oníricos é, assim, uma tentativa de trazer a mente original do homem a uma consciência “avançada” ou esclarecida que até então lhe era desconhecida e onde, conseqüentemente, nunca existiria qualquer reflexão autocrítica. Num passado distante, essa mente original era toda a personalidade do homem. À medida que desenvolveu a sua consciência é que sua mente foi perdendo contato com uma porção daquela energia psíquica primitiva. A mente consciente, portanto, jamais conheceu aquela mente original, rejeitada no próprio processo de desenvolvimento dessa consciência diferenciada, a única capaz de perceber tudo isso (Jung, 2016, p. 124).

A partir disso, faz-se necessário compreender a função do sonho, pois esta permite analisar a relação com o *self* que é a fonte primária dos simbolismos e de como está a realidade interna do indivíduo. Dessa forma, a vida onírica desempenha um papel fundamental de crescimento psíquico favorecendo a individuação. Assim, no próximo capítulo serão analisadas as formas de manifestações da vida simbólica.

1.2 Manifestação do *Self* através dos sonhos

A partir da compreensão de que a vida simbólica nasce no inconsciente e como a força energética contida nesses símbolos são importantes para a autorregulação do psiquismo, a sua interpretação ainda é um impasse. Com vistas a manter o equilíbrio psicológico, o sonho é um produto de expressão do inconsciente e devido a sua linguagem simbólica surge a dificuldade de compreensão desse material.

Como produto do inconsciente, o sonho é a fonte primária de simbolismo e são produzidos a partir do arquétipo organizador de toda psique, chamado *Self*. Tal arquétipo é o núcleo da psique e a engloba por inteiro, estruturas inconscientes e conscientes, sendo que o ego faz parte e contribui a esse núcleo, mas são diferentes. Nessa perspectiva, define-se o *Self* dessa maneira:

O *self* pode ser definido como um fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente, e que só pode ser apreendido por meio da investigação dos sonhos de cada um. E esses sonhos mostram-no como um centro regulador que provoca um constante desenvolvimento e amadurecimento da personalidade. No entanto, esse aspecto mais rico e mais total da psique aparece, de início, apenas como uma possibilidade inata. Ele pode emergir de maneira insuficiente ou então desenvolver-se de modo quase completo ao longo da nossa existência; quanto vai evoluir depende do desejo do ego de ouvir ou não as suas mensagens [...] (Von Franz, 2016, p. 213, *italico original no texto*).

Quando há desejo consciente do indivíduo em compreender sua vida íntima, analisar os sonhos faz-se necessário para apreender a vida instintual e harmonizar com a lei interna. Quando não há esse desejo, há um desenvolvimento psíquico, porém lento e às duras penas. Não há como não passar pelo processo de individuação, seja em maior ou menor grau. Von Franz afirma que “[...] como o crescimento psíquico não pode ser efetuado por esforço ou vontade conscientes, e sim por um fenômeno involuntário e natural, ele é frequentemente simbolizado nos sonhos por uma árvore, cujo desenvolvimento lento, pujante e involuntário cumpre um esquema bem definido” (Von Franz, 2016, p. 212).

O *self* tem papel fundamental nesse desenvolvimento da configuração psíquica. “É o centro organizador de onde emana essa ação reguladora e parece ser uma espécie de “núcleo atômico” do nosso sistema psíquico. É possível denominá-lo também de inventor, organizador ou fonte das imagens oníricas [...]” (Von Franz, 2016, p. 212).

A realização da unicidade no indivíduo desenvolve-se através da interação dos conteúdos externos com os internos objetivando o processo de individuação. As imagens

oníricas são fontes primordiais para que esse processo ocorra. Sobre o esquema dos sonhos, Von Franz elucida que

Assim, a nossa vida onírica cria um esquema sinuoso (em meandros) em que temas e tendências aparecem, desvanecem-se e tornam a aparecer. Se observarmos esse desenho sinuoso durante um longo período, vamos perceber a ação de uma espécie de tendência reguladora ou direcional oculta, gerando um processo lento e imperceptível de crescimento psíquico – o processo de individuação (Von Franz, 2016, p. 211).

Dessa forma, os sonhos obedecem a uma determinada configuração de esquema para buscar o equilíbrio psíquico através do papel compensatório que exercem entre o inconsciente e a consciência, permitindo que haja comunicação entre essas duas instâncias psíquicas. Cada indivíduo desenvolverá esse esquema de maneira específica e de acordo com as suas necessidades e condições psíquicas.

Antes mesmo de entrar em detalhe sobre toda a potencialidade que cabe falar do *Self* é importante compreender como que a psique passou de um contato com esse centro para uma avalanche de dissociação que ocorre através da perda de comunicação com esse centro regulador. Tal processo pode ser observado a partir da análise da relação que diversos povos primitivos mantinham com os sonhos e, dessa forma, conduziam seu comportamento e organizavam suas comunidades de acordo com que os sonhos lhes ofereciam.

Dessa maneira, em diversos sonhos analisados por Jung e em muitas sociedades primitivas é percebido como o *self* é concebido de forma excepcional. Dentre tantas, alguns índios caçadores, que na época de Jung ainda habitavam a península do Labrador, foi destaque para observação dos seus costumes. Os índios naskapi tiveram seu primeiro registro por volta de 1643, não tiveram contato com nenhuma civilização, viviam em grupos familiares isolados e não desenvolveram nenhum tipo de religiosidade institucionalizada e nem crenças coletivas. Von Franz relata como se organizavam suas vidas:

[...] Ao longo da sua vida solitária, o caçador naskapi tem que contar apenas com as suas vozes interiores e as revelações do seu inconsciente; não há mestres religiosos que lhe digam no que acreditar, nem rituais, festas ou costumes que lhe sirvam de apoio. No “meu amigo” ou “*Mista’peo*, significando “Grande Homem”. *Mista’peo* habita o coração do homem e é um ser imortal. No momento da morte, ou pouco antes, ele deixa o indivíduo para, mais tarde, reencarnar-se em outro. Os naskapi prestam atenção nos sonhos, tentam descobrir os seus significados e testar a sua verdade podem estreitar seu relacionamento com o

Grande Homem. Ele os auxilia e manda-lhes mais e melhores sonhos. Assim, a principal obrigação de um naskapi é obedecer às instruções que lhe são transmitidas por meio dos sonhos e dar aos seus conteúdos uma forma duradoura nas artes. Mentiras e desonestidades afastam o Grande Homem do reinado interior do indivíduo, enquanto a generosidade, o amor ao próximo e aos animais atraem-no e lhe dão vida. Os sonhos oferecem aos naskapi todas as possibilidades para encontrar o bom caminho, não só no seu interior, mas também no mundo exterior da natureza. Ajudam-no a prever o tempo e dão-lhe conselhos inestimáveis na caça, da qual depende toda a sua vida. Menciono esses povos muito primitivos porque ainda não foram contaminados por nossas ideias civilizadas e ainda guardam a intuição natural da essência do *self* (Von Franz, 2016, p. 212, *italico original no texto*).

A partir da observação da vida dos naskapi, pode-se retirar algumas informações sobre a relação do *self* com o próprio interior e com o ambiente externo. A relação íntima com os sonhos, desvendar as suas mensagens e percebê-los de forma intuitiva exemplifica a relação com o seu próprio centro.

A relação com o tempo e a caça demonstra a capacidade do *self* de estar em contato com o ambiente exterior e sua plasticidade no tempo-espço conhecida como o fenômeno sinconístico por Jung. Entretanto, essa temática não será abordada no capítulo⁹.

No que se refere em como são os processos conscientes, as funções psicológicas tem grande importância para compreender como a consciência lida com a energia psíquica. Jung, dentre várias funções psicológicas, enumera quatro que são as mais frequentes e importantes: pensamento, sentimento, sensação, intuição. A sensação e a intuição consideradas funções irracionais e o pensamento e o sentimento funções racionais, porém todas são consideradas funções conscientes, pois as impressões e sensações que delas surgem alcançam o nível da consciência.

A intuição é uma função que percebe o ambiente através de processos inconscientes que alcançam a consciência e, assim, permitindo que seja analisada as inspirações emergentes desse processo. Dessa forma, é uma função que capta conteúdos subliminares e importantes para manter esse contato com processos internos e percepções extrassensoriais.

Além da intuição, existem mais três principais funções psicológicas que Jung aborda em sua teoria: sensação, pensamento e sentimento. A função sensação é sobre a percepção da realidade através dos cinco sentidos. Ela nos diz que algo de concreto existe.

⁹ Essa temática é encontrada na obra “Sincronicidade” de Carl Gustav Jung.

O pensamento exerce a função de julgar, analisar objetivamente as coisas ou pessoas. Tem caráter impessoal e lógico. A função do sentimento compreende os valores pessoais e proporciona ao indivíduo o discernimento das experiências subjetivas como raiva, medo, alegria, dor etc.

Todos os indivíduos possuem as quatro funções, pois são as formas que a psique utiliza para estabelecer uma relação do mundo interno com o externo e, a integração e o desenvolvimento dessas funções, estão intimamente relacionadas ao processo de individuação. Portanto, Jung faz uma observação importante:

O leitor precisa ter bem claro que estes quatro critérios representam apenas alguns pontos de vista entre outros, como, por exemplo, força de vontade, temperamento, fantasia, memória, moral, religiosidade etc. Não há neles nada de dogmático nem pretendem ser a verdade última sobre as coisas psicológicas, mas seu caráter fundamental no-los recomenda como princípios úteis de ordenamento [...] (Jung, 2019, p. 135).

Tal apontamento instrui que existem diversas funções psicológicas, porém enumera as quatro como sendo as mais prevalentes e que se sobressaem na maneira em que o indivíduo lida com o mundo interno e externo, ressaltando que não se deve fixar apenas nessas funções devido a singularidade dos indivíduos.

E essas funções enumeradas por Jung, tem seu funcionamento a partir de dois principais tipos psicológicos. Usou os termos extroversão e introversão para definir o tipo de atitude e direção da energia psíquica, ou seja, da libido. São definidos da seguinte maneira:

Conforme salientei diversas vezes nos capítulos precedentes, os tipos gerais de atitude se distinguem por seu comportamento peculiar em relação ao objeto. O introvertido se comporta abstrativamente; está basicamente sempre preocupado em retirar a libido do objeto como a prevenir-se contra um superpoder do objeto. O extrovertido, ao contrário, comporta-se de modo positivo diante o objeto. Afirma a importância dele na medida em que orienta constantemente sua atitude subjetiva pelo objeto e a ele se reporta. No fundo, o objeto nunca tem valor suficiente para ele e, por isso, é necessário aumentar sua importância. Os dois tipos são tão diversos e sua oposição é tão evidente que sua existência é plausível até para o leigo nas coisas psicológicas, se alguma vez for alertado pra isso (Jung, 2015, p. 2876).

Dessa forma, entende-se que o comportamento do indivíduo será pautado a partir da direção de interesse em relação ao objeto. Sendo que a libido na extroversão vai de encontro ao objeto sem empecilhos e de maneira natural. Na introversão, a libido não

vai de encontro diretamente com o objeto, pois o indivíduo sente-se ameaçado e esse sentimento o afeta por inteiro. Vale destacar que,

O tipo extrovertido deve sua “normalidade”, por um lado, ao fato de estar relativamente ajustado às circunstâncias dadas e não tem outras pretensões além de realizar as possibilidades objetivamente dadas como, por exemplo, seguir a profissão que neste lugar e nesta época oferece boas perspectivas; fazer o que os circunstantes precisam no momento ou que dele esperam; manter-se afastado de toda inovação que não é plausível ou que, de qualquer maneira, está além das expectativas do meio ambiente. Por outro lado, sua “normalidade” tem por efeito o fato de o extrovertido levar em muito pouca a consideração a realidade de suas necessidades e precisões subjetivas. Este é precisamente o ponto fraco, pois a tendência do seu tipo puxa tanto pra fora que facilmente o mais notório de todos os fatos subjetivos, isto é, a saúde do corpo, não seja levada em conta suficiente, por ser muito pouco objetiva, muito pouco externa; e, assim, a satisfação das necessidades mais elementares, indispensáveis ao bem estar-físico, não é atendida. Sofre, por isso, o corpo e também a alma. Em geral, o extrovertido não percebe esta situação, mas sua ambiência a percebe com muita nitidez. Só notará a perda de equilíbrio quando se manifestarem sensações anormais do corpo (Jung, 2015, p. 2882).

Contudo, percebe-se que o extrovertido evita entrar em contato com o seu mundo interno, tem dificuldade em lidar com as questões subjetivas e, dessa forma, podendo acarretar desajuste psíquico.

Sobre o introvertido Jung pontua que

A consciência introvertida vê as condições externas, mas escolhe as determinantes subjetivas como decisivas. Por isso, esse tipo se orienta por aquele fator da percepção e conhecimento representativo da disposição subjetiva que acolhe a excitação sensorial. Duas pessoas, por exemplo, veem o mesmo objeto, mas nunca tal forma que a imagem resultante seja absolutamente igual para ambas. Abstraindo da diferença da acuidade dos órgãos sensoriais e da equanimidade sensorial, verificam-se muitas vezes diferenças profundas, tanto em espécie como em grau, na assimilação psíquica da imagem percebida. Enquanto o tipo extrovertido se apoia principalmente naquilo que provém do objeto, o introvertido se baseia em geral no que a impressão externa constela no sujeito [...] (Jung, 2015, p. 2924).

Nesse caso, o introvertido teme seu mundo externo e os objetos, dificultando sua relação com o meio em que está inserido.

Dessa forma, sabendo-se que o inconsciente visa a compensação das atitudes conscientes, a identificação dos tipos psicológicos e funções psicológicas, faz-se necessária para melhor compreensão dos símbolos que possam emergir dessa instância psíquica. Por exemplo, de maneira simplificada, o indivíduo que tem atitude consciente extrovertida, possui inconsciente introvertido e vice-versa.

É importante destacar sobre a diferença das personalidades e das funções psicológicas para a interpretação do sonho, mas não é o objetivo aprofundar sobre a técnica de análise dos sonhos ¹⁰. Tem-se em vista, de modo geral, compreender como o sonho é uma das vias para realizar o caminho da individuação e identificar as manifestações do *self* nos conteúdos oníricos. Diante disso, a seguir será abordado sobre como as personificações do *self* se apresentam através dos conteúdos oníricos.

1.2.1 Identificando as personificações do *self*

Sabendo-se que o *self* é o símbolo da totalidade psíquica e responsável pelas manifestações simbólicas oníricas, possui uma função importante que é a sua personificação da sombra nos sonhos e de mais dois personagens que estão por detrás da sombra que Jung chamou de *ânima* e *animus*. A primeira trata-se da personificação feminina do inconsciente masculino e o segundo da personificação masculina do inconsciente feminino.

A sombra é toda a parte que é desconhecida da consciência pelo indivíduo, mas não é o todo inconsciente. É a contraposição do complexo das *personas*, constituída de conteúdos indesejados, recalcados, lembranças que são insuportáveis para a consciência, traumas, desejos imorais considerando os padrões da sociedade em que se vive. Porém, não se resume apenas de material negativo e pessoal, a sombra pode conter qualidades e talentos que o indivíduo não consegue reconhecê-los.

Quando o inconsciente de início se manifesta de forma ou negativa ou positiva, depois de algum tempo surge a necessidade de readaptar de uma melhor forma a atitude consciente aos fatores inconscientes – aceitando o que parece ser uma “crítica” do inconsciente. Por meio dos sonhos passamos a conhecer aspectos de nossa personalidade que, por várias razões, havíamos preferido não olhar muito de perto. É o que Jung chamou “realização da sombra”. (Ele empregou o termo “sombra” pra essa parte inconsciente da personalidade porque, realmente, ela quase sempre aparece nos sonhos sob uma forma personificada.) (Von Franz, 2016, p. 222).

Isto é, a sombra desempenha o papel de um personagem nos sonhos com a intenção de equilibrar o psiquismo e tentar comunicar ao indivíduo sobre os aspectos da personalidade que estão sendo deixados de lado.

¹⁰ A aplicação prática da análise dos sonhos pode ser encontrada na obra “Ab-reação, análise dos sonhos e transferência” de Carl Gustav Jung.

Considerando que o indivíduo consiga compreender o sonho e os conteúdos oníricos se integram à consciência, o mecanismo de projeção ou sua atividade no inconsciente é cessada e a energia que esses materiais inconscientes carregavam é liberada para a consciência. Dessa forma, os processos psíquicos mantêm-se saudáveis através da assimilação desses conteúdos à consciência.

A partir disso, Jung salienta sobre a importância das tensões entre os contrários, ou seja, dos conteúdos inconscientes sendo assimilados pela consciência e esclarece que

Visto do ponto de vista unilateral da atitude consciente, a sombra é uma parte inferior da personalidade. Por isso, é reprimida, devido a uma intensa resistência. Mas o que é reprimido tem que se tornar consciente para que se produza a tensão entre os contrários, sem o que a continuação do movimento é impossível. A consciência está em cima, digamos assim, e a sombra embaixo, e o quente para o frio, assim todo consciente procura, talvez sem perceber, o seu oposto inconsciente, sem o qual está condenado à estagnação, à obstrução ou a petrificação. É no oposto que se acende a chama da vida (Jung, 2013, p. 3218).

A tensão entre os contrários ou o desequilíbrio entre essas forças, é necessária para que haja movimento das energias da psique e não ocorra um estacionamento da evolução da personalidade individual. A estagnação, como Jung disse, leva a mortificação do indivíduo em vida, dificultando seu processo de autoconhecimento.

Mais do que um aspecto individual, a sombra tem seu aspecto coletivo e ela aparece nos grupos em aspectos culturais, sociais, religiosos e institucionais. Quando em um grupo uma pessoa se comporta de maneira que ela não considera sendo parte da personalidade dela, entende-se sendo como uma contaminação pela sombra do grupo e Von Franz (2002) se refere a estes aspectos a fim de esclarecer o fato de que existe aspecto individual e coletivo na sombra, a sombra do grupo.

A sombra da personalidade individual se manifesta através de personificações nos sonhos e ela se constrói a partir de qualidades reprimidas, não aceitas ou não admitidas porque incompatíveis com as que foram escolhidas. É relativamente fácil reconhecer esses elementos e é isto que chamamos “tornar a sombra consciente”, através de uma certa dose de insight [...] (Von Franz, 2002, p.9).

Inicialmente, nota-se uma dificuldade em separar a sombra individual da coletiva e, caso o indivíduo não reconheça a sua própria sombra, é como se a coletiva

tivesse força para contaminá-lo e, de certa forma, fizesse parte da individual. Contando que as sombras podem ser personificadas nos sonhos, como dito anteriormente, Von Franz (2002) esclarece que visto que podemos descobrir nos sonhos elementos que parecem não ser pessoais, dizemos que a sombra consiste em parte de material pessoal e em parte de material impessoal e coletivo.

Dessa forma, o inconsciente pode facilmente ser contaminado pelos aspectos da sombra coletiva quando a mesma não é analisada de forma genuína e autocrítica pelo indivíduo. A força com que arquétipos são ativados no inconsciente através dessa contaminação irrompe com impacto maior do que na consciência e, a partir disso, abre campo para manifestação de impulsos inadequados em um grupo maior ou menor pelo indivíduo. Para compreender melhor esse fato, Von Franz esclarece que

A sombra não consiste apenas em omissões. Apresenta-se muitas vezes como um ato impulsivo ou inadvertido. Antes de se ter tempo para pensar, irrompe a observação maldosa, comete-se a má ação, a decisão errada é tomada e confrontamo-nos com uma situação que não tencionávamos criar conscientemente. Além disso, a sombra expõe-se, muito mais do que a personalidade consciente, a contágios coletivos. O homem que está só, por exemplo, encontra-se relativamente bem; mas assim que vê “os outros” comportando-se de maneira primitiva e maldosa, começa a ter medo de o considerarem tolo se não fizer o mesmo. Entrega-se então a impulsos que na verdade não lhe pertence (Von Franz, 2022, p. 223).

Portanto, quando o indivíduo não se ocupa em analisar sua sombra e não tem clareza desses aspectos da personalidade, ou seja, quando o autoconhecimento não é construído de maneira consciente, é comum que seja tomado pelos impulsos da sombra coletiva.

Nos sistemas religiosos, por exemplo, é comum ver essa contaminação da sombra coletiva. No cristianismo, religião mais comum no ocidente, tem suas próprias sombras, como outras religiões também as tem. Cada uma identifica a problemática da outra, mas há uma dificuldade em olhar para as próprias questões ou, melhor dizendo, para a própria sombra. A contaminação é tão avassaladora que o indivíduo se torna refém dela. Inicialmente, indica que se há contaminação, há algo no indivíduo que compactue com o coletivo. Posto isso, Von Franz diz o seguinte:

O mal coletivo é ainda personalizado nos sistemas religiosos através da crença nos espíritos das trevas e demônios do mal. Uma pessoa da idade Média voltando do tal encontro diria que tinha sido possuída pelo demônio e que agora estava livre novamente. O próprio diabo exemplifica tal personificação da sombra coletiva.

Por outro lado, podemos dizer que se os demônios coletivos nos afetam, é porque devemos ter algo deles em nós – caso contrário não nos afetariam e a porta de nossa psique não estaria aberta a sua entrada (Von Franz, 1985, p. 12).

O não reconhecimento da própria sombra pessoal, leva às facilidades de contaminação das sombras coletivas. “Quando partes de nossa sombra pessoal não estão suficientemente integradas, a sombra coletiva pode passar furtivamente por essa porta” (Von Franz, 1985, p. 12).

Portanto, no cristianismo, que leva em conta modelo da vida de Cristo na Terra, onde não é apresentada nenhuma falha considerada humana e os indivíduos não conseguem se reconhecer nesse modelo, os adeptos, em casos extremos, podem desenvolver dificuldade em lidar com a sombra, negando-a totalmente e, a partir daí, dificultando a autoanálise, pois tentam estar nos moldes da doutrina a todo custo. Sendo assim,

Os cristãos, porém, já não são capazes de mudanças de atitude e acabam se vendo frente a problemas insolúveis. Há sempre um Sim e um Não, a mão esquerda aplica todos os tipos de truque e empaca – não se consegue viver porque se procura ser perfeito demais, de modo unilateral. Se vivêssemos o ideal cristão conscientemente, isto significaria ser morto ou morrer como mártir, como pregava a Igreja primitiva (Von Franz, 1985, p. 72).

Ao mesmo tempo que a sombra coletiva existente nas religiões pode ser um problema para os indivíduos que possuem dificuldade de lidar com a subjetividade, a própria religião pode servir de escudo para a não contaminação por essas sombras e uma compensação à massificação quando vivida de maneira interiorizada que proporciona reflexão sobre a vida subjetiva do sujeito e como se comporta em sociedade.

Há duas formas de apreensão da religião pelos indivíduos, uma de forma exteriorizada e outra de forma interiorizada, ou seja, a primeira como forma de pertencimento a um grupo e a segunda a vivência e incorporação da religiosidade. Jung nomeia essas duas formas como confissão e religião, respectivamente. “[...] A confissão admite uma certa convicção coletiva, ao passo que a religião exprime uma relação subjetiva com fatores metafísicos, ou seja, extramundanos [...]” (Jung, 2019, p. 25).

Quando o indivíduo integra à massificação, ou seja, às formas de confissões, tende perder referências individuais e autocríticas, sendo contaminado pela sombra existente dessa dinâmica e,

As confissões, enquanto compromissos com a realidade mundana, evoluíram, conseqüentemente, para uma crescente codificação de suas visões, doutrinas e usos. E assim se exteriorizaram de tal maneira que o elemento religioso verdadeiro nelas – a relação viva e o confronto imediato com o ponto de referência extramundano delas – foi posto, na verdade, num plano secundário. O ponto de vista confessional toma a doutrina tradicional como parâmetro para o valor e o significado da referência religiosa subjetiva. E mesmo quando isso não é tão frequente (como no caso protestantismo) fala-se de pietismo, sectarismo, fanatismo etc., quando alguém se diz guiado pela vontade de Deus. A confissão coincide com a Igreja oficial ou, pelo menos, constitui-se como uma instituição pública, à qual pertencem não apenas os fiéis, mas também um grande número de pessoas indiferentes à religião, que se integram por simples hábito. Aqui torna-se visível a diferença entre confissão e religião (Jung, 2019, p. 25).

Portanto, considerando a função arquetípica religiosa inata do indivíduo e que serve de proteção contra qualquer tipo de massificação, pode ser uma faca de dois gumes. “[...] Para concretizar essa resistência, o homem precisa da evidência transcendente de sua experiência interior, pois esta constitui a única possibilidade de se proteger da massificação [...]” (Jung, 2019, p. 27). Sendo assim,

[...] A religião, no sentido da observação cuidadosa e consideração de certos fatores invisíveis e incontroláveis, constitui um comportamento instintivo característico do homem, cujas manifestações podem ser observadas ao longo de toda história da cultura. Sua finalidade explícita é preservar o equilíbrio psíquico do homem, pois ele sabe de maneira espontânea que sua função consciente pode ser perturbada, de uma hora para outra, por fatores incontroláveis, tanto de natureza exterior quanto interior. Dessa maneira, o homem sempre cuidou para que toda decisão grave fosse, de certo modo, sustentada por medidas religiosas. Nascem, assim, os sacrifícios para honrar as forças invisíveis, as bênçãos e demais gestos rituais. Sempre, e em toda parte, existiram “rites d’entrée et de sortie” (ritos de entrada e de saída) que, para os racionalistas distantes da psicologia, não passam de superstição e magia. No entanto, a magia é, em seu fundamento, um efeito psicológico que não deve ser subestimado. A realização de um ato “mágico” proporciona ao homem uma sensação de segurança, extremamente importante para uma tomada de decisão. Toda decisão e resolução necessitam dessa segurança, pois elas sempre pressupõem uma certa unilateralidade e exposição [...] (Jung, 2019, p. 28).

Usufruir das religiões como uma das formas de realizar a busca do divino interior e transcender é uma das formas de manter-se menos suscetível às sombras da coletividade. Dessa maneira, as religiões ou doutrinas e filosofias, podem ser um grande aliado do indivíduo para o equilíbrio entre os fatores individuais, subjetivos e sociais. Assim, quando vivida nesse sentido,

[...] seu critério não é o credo, e sim o fato psicológico segundo o qual a vida do indivíduo não pode ser determinada somente pelo eu e suas opiniões ou por fatores sociais, mas igualmente por uma autoridade transcendente. O que fundamenta a autonomia e a liberdade do indivíduo, antes de qualquer máxima ética ou confissão

ortodoxa, é única e exclusivamente a consciência empírica, ou seja, a experiência unívoca de uma dinâmica de relacionamento pessoal entre o homem e uma instância extramundana que se apresenta como um contrapeso ao “mundo e sua razão” (Jung, 2019, p. 26).

Na nossa civilização atual, o indivíduo confessional ou não, sofre do mal da unilateralidade, pois perdeu-se a capacidade da maleabilidade para transcender e escutar a interioridade. Como visto anteriormente o exemplo dos índios naskapi, Von Franz fala sobre as civilizações primitivas e como lidavam com as sombras.

Na maioria das civilizações primitivas as pessoas nunca chegam a ter um conflito sério com a sombra, pois conseguem irrefletidamente passar de uma atitude pra outra, não sabendo a mão direita o que faz a esquerda. Podemos ver isto nos relatórios dos missionários. O missionário ajuda a tribo, que assim se torna dependente, mas quando surge uma epidemia ele é julgado e morto: a contrapartida vem à tona. Mais tarde os membros da tribo se arrependem, mas sem ficar realmente aborrecidos e deprimidos, e a vida continua. Isto é um caso extremo de algo que nos acontece o tempo todo. O conflito com a sombra não chega ao ápice porque somos capazes de uma mudança de atitude que nos permite levar a vida adiante. Nós tentamos ser bons e praticamos um sem-número de atos negativos que nem notamos, ou, se os notamos, sempre temos uma desculpa, uma dor de cabeça, ou a culpa era de outra pessoa, ou esquecemos – é assim que costumamos lidar com problema da sombra (Von Franz, 1985, p. 71).

Ou seja, nas civilizações primitivas os indivíduos reconhecem o erro, integram à consciência e continuam a vida de maneira mais assertiva e diminuindo a probabilidade de cometer novamente o mesmo erro. Na nossa atual civilização há, na maioria das vezes, terceirização do problema e não o reconhece. Dessa forma, não há integração dos opostos – sombra com ego.

A tentativa de terceirização do mal existente em nós é reconhecida no cristianismo quando é transferido pro diabo ou forças do mal toda ação ruim que se pratica, pensamentos considerados pecaminosos e atos impulsivos. A não aceitação da condição natural do mal no indivíduo, leva ao não reconhecimento de parte da sombra e,

[...] Esta visão possui enorme vantagem de retirar esta dura realidade da consciência moral humana, deslocando-a para o diabo a partir do justo entendimento de que o homem é bem mais uma vítima da sua constituição psíquica do que o seu voluntário criador. Considerando que o mal de nossa época lança tudo o que já atormentou a humanidade num mar de sombras, torna-se, de fato, necessário levantar a questão de sua origem e de seu modo de ser na medida em que, mesmo nos progressos mais benéficos feitos pela aplicação do poder legal, da medicina e da técnica, os homens se valem de instrumentos de destruição impressionantes, capazes de culminar de uma hora para outra na sua destruição total (Jung, 2019, p. 77).

A dificuldade de lidar com o mal e a consequente transferência da responsabilidade, em um primeiro momento o indivíduo consegue seguir em diante a vida, mas acarretará no estado dissociativo da psique. Portanto,

Se entendemos, então, que o mal habita a natureza humana independentemente da nossa vontade e que ele não pode ser evitado, o mal entra na cena psicológica como o lado oposto e inevitável do bem. Essa compreensão nos leva de imediato ao dualismo que, de maneira inconsciente, encontra-se prefigurado na cisão política do mundo e na dissociação do homem moderno. O dualismo não advém da compreensão. Nós é que nos encontramos diante de um estado dissociado (Jung, 2019, p. 76).

Nos estados dissociados, as sombras se projetam com facilidade e fica mais evidenciado os embaraços com a sombra dos outros em pessoas do mesmo sexo. “Nos sonhos e nos mitos, portanto, a sombra aparece como uma pessoa do mesmo sexo que o sonhador” (Von Franz, 2022, p. 224).

A análise da personificação das sombras nos sonhos representada por alguém do mesmo sexo ou através da *ânima* e do *animus* é necessária para que haja compreensão dos conteúdos inconscientes pessoais e coletivos.

Fundamentados em nossa hipótese de que o inconsciente tem importância na etiologia e de que os sonhos são expressão direta de uma atividade psíquica inconsciente, a tentativa de analisar e interpretar os sonhos é, para começar, um empreendimento teoricamente justificável do ponto de vista científico. Na medida em que é bem-sucedida, esta tentativa pode oferecer-nos, de início, uma compreensão científica da estrutura da etiologia psíquica, independente de uma eventual ação terapêutica (Jung, 2011, p. 23).

Dessa maneira, nas diversas análises de sonhos realizadas por Jung e sua continuadora, Von Franz, será usado um exemplo de sonho para ajudar na compreensão: Um homem de 48 anos que conscientemente vivia para si mesmo, ocupava-se trabalhando, reprimindo sua espontaneidade e não desfrutava dos prazeres que a vida poderia proporcionar. O sonho, então, ocorreu da seguinte maneira:

Eu possuía e morava numa casa muito grande na cidade, embora ainda não a conhecesse bem. Por isso percorri-a toda e descobri, principalmente no porão, vários quartos que nunca vira, além de várias portas que levavam a outros porões e ruas subterrâneas. Senti-me inquieto ao ver que várias dessas portas não estava muito fechadas e que algumas não tinham qualquer fechadura. Além do mais, havia vários trabalhadores na vizinhança que poderiam ter penetrado na casa... Quando voltei ao andar térreo, passei por um pátio onde voltei a descobrir várias saídas para a rua ou para outras casas. Quando procurei investigar melhor, um homem dirigiu-se a mim rindo alto e declarando que éramos velhos colegas de colégio. Também lembrava dele e, enquanto me contava sobre sua vida, fomos seguindo em direção a uma das saídas e passamos a andar pelas ruas da cidade.

Havia um estranho tom claro-escuro na atmosfera quando atravessamos uma enorme rua circular e chegamos a um gramado por onde três cavalos passaram galopando. Eram animais fortes e bonitos, fogosos e bem-cuidados, e não traziam cavaleiros (teriam fugido de alguma tropa de exército?) (Von Franz, 2016, 224, *italico original no texto*).

Nota-se em um primeiro momento que o homem que sonha possui o tipo psicológico introvertido, ou seja, não investe sua energia no mundo exterior, nas suas relações e reprime características que o colocaria em contato com o que o seu meio poderia oferecer. Dessa forma, a sua sombra é personificada em um colega da infância e traz elementos de sua personalidade que se encontra reprimida. A interpretação desse sonho acontece da seguinte maneira:

O labirinto do porão com estranhos corredores, quartos e portas sem chave lembra a velha representação egípcia do mundo subterrâneo, um símbolo bem conhecido do inconsciente e suas desconhecidas possibilidades. Mostra também como estamos “abertos” a outras influências no lado da sombra do nosso inconsciente, e como elementos bizarros e estranhos podem ali penetrar. O porão é o símbolo da psique do sonhador. No pátio daquela estranha casa (que representa a perspectiva psíquica ainda desconhecida da sua personalidade), um velho colega de escola aparece repentinamente. É alguém que, obviamente, personifica um outro aspecto do sonhador – um aspecto que fora parte da sua vida infantil, mas de que se esquecera. Acontece, muitas vezes, que as qualidades infantis de uma pessoa (por exemplo, a alegria, a irascibilidade e a confiança) desaparecem de repente, e não se sabe para onde foram ou por quê. E é um desses traços perdidos do sonhador que volta (do pátio), tentando fazer uma amizade. Esse personagem, provavelmente representa a disposição negligenciada pelo sonhador, de aproveitar a vida e o lado extrovertido da sua sombra. Mas logo percebemos por que o sonhador sentiu-se “inquieto” antes de encontrar esse velho amigo, aparentemente inofensivo. Quando passeia com ele pelas ruas, cavalos passam em disparada. Julga que se teriam evadido de uma tropa militar (isto é, da disciplina consciente que até então caracterizara sua vida). O fato de os cavalos não carregarem cavaleiros mostra que impulsos instintivos podem escapar do nosso controle consciente. Nesse velho amigo e nos cavalos reaparecem todas as forças positivas que lhe faltavam antes e que lhe eram tão necessárias (Von Franz, 2016, p. 226).

Contudo, além de perceber como a sombra se manifesta através dos esclarecimentos de Von Franz, nota-se que ela aparece de forma positiva. Ela se apresenta trazendo essas qualidades do sonhador que foram reprimidas e que é necessário a autoanálise consciente e honesta para que sejam integrados à consciência e melhorar relação do indivíduo consigo e com seu mundo externo. Dessa maneira, exemplifica que a sombra não é apenas negativa, ela também traz elementos positivos da personalidade. Tal concepção é compreendida por Von Franz da seguinte maneira:

Algumas vezes, bem raramente aliás, o indivíduo sente-se impelido a dar livre curso ao pior lado da sua natureza, reprimindo o que há de melhor nela. Nesses casos a sombra aparece-lhes nos sonhos como uma figura positiva. Mas para quem

se entregar realmente as suas emoções e sentimentos naturais, a sombra poderá surgir como um intelectual, frio e negativo; personifica, assim, julgamentos venenosos e pensamentos negativos que estiverem contidos. Portanto, seja qual for a forma que tome, a função da sombra é representar o lado contrário do ego e encarnar, precisamente, os traços de caráter que mais detestamos nos outros (Von Franz, 2016, 229).

Essas forças que nascem no *self*, dos aspectos da sombra e são manifestadas nos sonhos, por exemplo, têm a intenção de chegar à consciência para que o indivíduo se torne mais inteiro, consciente da sua realidade psíquica, tenha clareza das suas atitudes e pensamentos, mesmo que seja difícil a compreensão dessas mensagens e, a partir daí, deixar de ser vítima do seu próprio inconsciente.

1.2.2 *Anima e animus*

Em se tratando desses arquétipos do masculino e do feminino é importante ressaltar que eles fazem a comunicação entre o inconsciente coletivo, inconsciente pessoal e a vida consciente – vida emocional e interpessoal. A *anima* representa o lado feminino do homem e o *animus* o lado masculino da mulher. Emma Jung contribui com as pesquisas de C.G. Jung sobre essa temática e esclarece que,

Dentre esses arquétipos há sobretudo dois investidos de grande significado, pois, pertencendo por um lado à personalidade, e por outro estando enraizado no inconsciente coletivo, eles constroem uma espécie de elo de ligação ou ponte entre o pessoal e o impessoal, bem como entre o consciente e o inconsciente. Estas duas figuras – uma masculina, a outra feminina – foram denominadas *animus* e *anima* por Jung. Ele entende aí um complexo funcional que se comporta de forma compensatória em relação à personalidade externa, de certo modo uma personalidade interna que apresenta aquelas propriedades que faltam à personalidade externa, consciente manifesta. São características femininas no homem e masculinas na mulher que normalmente estão sempre presentes em determinada medida, mas que são incomodadas para a adaptação externa ou para o ideal existente, não encontrando espaço algum no ser voltado para o exterior (Jung, 1967, p. 15, *itálico original no texto*).

Dessa maneira, são arquétipos considerados inferiores por serem inconscientes, geralmente são mal desenvolvidos e realizam papel compensatório da consciência. A não percepção desses aspectos masculinos ou femininos pela personalidade consciente e, conseqüentemente, a não integração dos mesmos, acarreta transtornos íntimos e má adaptações ao mundo interno e externo.

Nos sonhos esses arquétipos personificam tendências psicológicas como, por exemplo, dentre as várias possibilidades de manifestação: a *anima* personifica mulheres que tem acesso ao mundo dos espíritos e o *animus* aparece em bando de homens

ameaçadores. Mas não só através das personificações que se manifestam, às vezes por maus humores repentinos, desestabilização dos sentimentos, indiferenças ou ideias autodestruidoras. E, como a sombra, esses elementos interiores possuem tanto aspectos negativos quanto positivos.

No que se refere ao elemento masculino interior da mulher, Jung explica da seguinte maneira:

[...] O *animus* não se apresenta como uma pessoa, mas como uma *pluralidade* de pessoas. [...] O *animus* parece uma assembleia de pais e outras autoridades, que formula opiniões incontestáveis e “racionais”, *ex cathedra*. Examinando-as atentamente, percebe-se que parecem constituídas de palavras e conceitos reunidos, talvez inconsciente, desde a infância e amontoados numa espécie de cânone da verdade, autenticidade e razoabilidade médias (Jung, 2014, p. 3459, *itálico original no texto*).

Esse grupo de homens, em um *animus* negativo, pode aparecer como bandidos e irrompendo uma série de pensamentos puramente racionais e destruidores. Dessa forma, não apenas em sonhos, mas nos mitos e contos de fadas aparecem as personificações negativas desses arquétipos. Von Franz relata que

O *animus* negativo não aparece apenas como o demônio da morte. Nos mitos e contos de fadas ele faz o papel de assaltante ou de assassino. Barba Azul, que mata em segredo todas as mulheres, é um exemplo desse tipo de *animus*. Sob essa forma, o *animus* personifica todas as reflexões semiconscientes, frias e destruidoras que invadem uma mulher durante a madrugada, especialmente quando ela deixou de realizar alguma obrigação ditada pelos seus sentimentos. É então que ela se põe a pensar nas heranças de família e em outros problemas do mesmo tipo- tecendo uma espécie de rede de pensamentos calculistas, de malícia e intriga, que a leva até mesmo a desejar a morte de outras pessoas [...] (Von Franz, 2016, p. 254, *itálico original no texto*).

A psique feminina corre risco quando o *animus* negativo toma proporções avassaladoras em que a mulher não consegue se descolar do que vem dele. Segundo Von Franz,

Infelizmente, cada vez que uma dessas personificações do inconsciente se apodera de nossa mente, parece que somos nós mesmos que criamos aquele tipo de pensamento e sentimentos. O ego se identifica com eles a tal ponto que se torna incapaz de destacá-los e de reconhecê-los exatamente como o são. Fica-se de fato “possuído” pelo personagem do inconsciente. Só quando esse estado se cessa é que se verifica, horrorizado, que se fez e disse coisas diametralmente opostas ao que, na verdade, se pensa e sente – isto é, que se foi vítima de um fator de alienação psíquica (Von Franz, 2016, 255).

Contudo, essa identificação pode gerar uma alienação psicológica e, conseqüentemente, desajustes emocionais e comportamentais. Mas não só de aspectos negativos é constituído o *animus*. A mulher quando lida com seu aspecto masculino de maneira autocrítica e não se deixa ser invadida por essa influência, gera resultados positivos. Von Franz continua suas observações:

Mas se ela se der conta da natureza desse *animus* e da influência que ele exerce sobre a sua pessoa, e se enfrentar essa realidade em lugar de se deixar possuir por ela, o *animus* pode tornar-se um companheiro interior precioso que vai contemplá-la com uma série de qualidades masculinas como a iniciativa, a coragem, a objetividade e a sabedoria espiritual (Von Franz, 2016, p. 258).

Sendo assim, a partir do desenvolvimento de um *animus* positivo, a mulher desenvolve a sua posição objetiva, firmeza interior e o caminho de intensa relação espiritual. “O *animus*, na sua forma mais desenvolvida, relaciona a mente feminina com a evolução espiritual da sua época, tornando-a assim mais receptiva a novas ideias criadoras do que o homem” (Von Franz, 2016, p. 259, *italico original no texto*). Portanto, novos saberes podem ser gerados desse estado de harmonia com o *animus* e estimular a si mesma e a outras pessoas a novos caminhos e empreendimentos.

No que se refere à *anima*, o elemento feminino no homem, Von Franz estabelece uma conceituação que abrange o que Jung desenvolveu em sua teoria e esclarece que:

Anima é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem – os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, mas não menos importante, o relacionamento com o inconsciente (Von Franz, 2016, p. 234, *italico original no texto*).

A *anima* é, na maioria das vezes, tanto em sonhos quanto nos contos de fadas e mitos, é representada por personificações bem femininas e ligadas a algum tipo de forças sobrenaturais ou têm capacidade de comunicar com o mundo dos espíritos. Para a psicologia analítica, essa capacidade de comunicação com o mundo dos espíritos se refere a capacidade de transcendência, ou seja, o inconsciente ser escutado e integrado a consciência. Von Franz exemplifica essas personificações da seguinte maneira:

Um bom exemplo da *anima* como uma figura interior da psique masculina é encontrado nos feiticeiros e profetas (xamãs) dos esquimós e de outras tribos árticas. Alguns chegam mesmo a usar roupas femininas ou seios desenhados nas roupas, de modo a evidenciar o seu interior feminino, que lhes vai permitir entrar em contato com “o país dos espíritos” (isto é, com o que chamamos de

inconsciente). Nessas tribos, conta-se o caso de um jovem que estava sendo iniciado por um velho xamã e que foi por ele enterrado num buraco na neve. Caiu num profundo estado de sonolência e exaustão. Enquanto estava numa espécie de coma viu, de repente, uma mulher que emitia luz. Ela ensinou-lhe tudo o que precisa saber e, mais tarde, como seu espírito protetor, ajudou-o a exercitar sua difícil profissão, pondo-o em comunicação com as forças do além. Essa é uma experiência que mostra a *anima* como uma personificação do inconsciente masculino. (Von Franz, 2016, p. 235, *italico original no texto*).

Dessa forma, o elemento feminino positivo, proporciona o desenvolvimento da intuição, sentimentos, humores e da espiritualidade de maneira equilibrada.

Uma das maneiras da *anima* se manifestar de forma negativa é desenvolvendo a apatia e a agressividade no homem. “[...] sua anima vai expressar-se, muitas vezes, de maneira irritada, depressiva, incerta, insegura e suscetível. [...] A vida adquire um aspecto tristonho e opressivo. O clima psicológico sombrio pode até mesmo levar um homem ao suicídio” [...] (Von Franz, 2016, p. 236). Portanto, é o mesmo caso que acontece com o *animus* na psique feminina: uma alienação psicológica que pode levar quaisquer dos indivíduos a sucumbir às manifestações desses elementos.

Há várias maneiras de manifestações no que tange a esses arquétipos, como se comportam devido a forma de relação com a mãe e com o pai, as formas de projeções, os diversos aspectos maléficos e benéficos e os estágios de desenvolvimento dos mesmos. Porém, para esse estudo, não há necessidade de aprofundamento nesses outros detalhes, sendo suficiente para o entendimento de que se necessita a visão geral de manifestação.

Em seguida, através dos contos de fadas, serão exemplificados várias estruturas psíquicas e personificações que estão presente na humanidade desde a antiguidade, trazendo maior compreensão sobre o assunto.

1.3 Contos de fadas

Em se tratando de mitos, contos de fadas, produções literárias e folclores como fornecedores de conteúdo do inconsciente, Von Franz elege os contos de fadas como a forma mais elementar de manifestação das estruturas gerais da psique. Segundo a autora,

Se essa teoria a respeito de sua origem é verdadeira, os contos de fadas refletem a estrutura psicológica elementar do homem muito mais do que o dos mitos e as

produções literárias. Como certa vez disse Jung, quando estudamos os contos de fadas podemos estudar a anatomia do homem. Em geral, o mito está mais inserido na civilização. Não se pode conceber a *Épica de Gilgamesh* separada da civilização Babilônico-sumeriana, ou a *Odisseia* longe da Grécia. O conto de fada, porém, pode migrar melhor, pois é tão elementar e tão reduzido aos seus elementos estruturais básicos que faz sentido pra qualquer um (Von Franz, 1985, p. 17, *italico original no texto*).

Dessa forma, entende-se que através dos conteúdos dos contos de fadas é possível analisar a estrutura do comportamento psicológico universal e a dinâmica do psiquismo. Portanto, Von Franz examina qual a função dos contos de fada na sociedade, o que representam e como apreender esse material como psicológico. A partir disso, inicia sua extensa pesquisa sobre contos de fada e verifica pontos em comum desde a época que existiam narradores profissionais e esclarece que,

Antigamente, até mais ou menos o século XVII, os contos de fada não eram destinados apenas às crianças, mas também a adultos das classes mais baixas da população como lenhadores e camponeses, divertindo-se as mulheres a ouvi-los enquanto fiavam. Havia inclusive (e ainda podemos encontrá-los em algumas vilas na Suíça), narradores profissionais de contos de fada, sempre solicitados a repetidamente narrar contos de fada. [...] Sabemos agora que existem contos de fada do tipo coletivo e que são passados de uma geração a outra como nas antigas tradições – é uma espécie de sabedoria popular. As teorias a respeito da origem dos contos de fada variam bastante: algumas dizem que são remanescentes degenerados de mitos e doutrinas religiosas, outras afirmam que eles provêm de uma parte degenerada da literatura. Já se disse também que eles são uma espécie de sonho, mais tarde contados como estórias. [...] (Von Franz, 1985, p.15).

Por se tratar de contos que são passados de geração em geração, naturalmente acontece uma amplificação do conteúdo, mas sempre mantendo um ponto central. Dessa forma, os elementos adicionados nos contos são influenciados pela região e pela época, mas mantêm-se o ponto central que é considerado arquetípico. “Sempre me surpreendo com o fato de que posso me lembrar melhor do material arquetípico do que de outras coisas- ele sempre deixa uma impressão eterna, de modo que é sempre lembrado” (Von Franz, 1985, p. 16).

A partir dessas pontuações, será explorado como esses pontos centrais se mantêm e como as personificações da *anima*, *animus* e da sombra aparecem nos contos de fada e as possíveis analogias com a vida comum.

Em um conto que Emma Jung relata, ela analisa a personificação feminina, de beleza exuberante, mas que é meio-humana. Faz parte de um grupo de seres míticos que atraem os homens para seus lares e eles desaparecem, como, por exemplo, as sereias. O

conto é sobre uma ninfa chamada Urvasi, tem seu primeiro registro encontrado no mais antigo texto védico, *Rg-Veda*, e reaparece de diversas formas em várias histórias, lugares e momentos diferentes. O conto acontece assim:

A ninfa (Apsaras) Urvasi amava Pururavas. Ela casou-se com ele sob a condição de que ele a abraçasse três vezes por dia, mas nunca tivesse relações com ela contra a sua vontade e jamais aparecesse nu diante dela. Depois de ter vivido com ele muitos anos ela ficou grávida. Então os gandarvos achavam que Urvasi já havia permanecido por tempo suficiente entre os homens e puseram-se a pensar numa maneira de provocar seu retorno. Ora, havia uma ovelha com dois filhotes presa no leito de Urvasi; os gandarvos roubaram-nos durante a noite. “Eles roubaram os meus queridos”, queixou-se ela, “como se não houvesse um homem ou um herói ao meu lado!”. Quando ouviu isso, pulou da cama nu como estava para perseguir os ladrões. Nesse instante os gandarvos produziram um raio, de forma que Urvasi viu seu marido como se fosse dia claro. Com isso, portanto, uma das condições estabelecidas por ela foi desobedecida, e em consequência, quando Pururavas retornou, ela havia desaparecido.

Desesperado, ele passou a percorrer o país na esperança de reencontrar Urvasi. Um dia ele chegou a um lago de lótus no qual aves aquáticas nadavam. Tratava-se, entretanto, de Apsaras, e aquela que ele procurava encontrava-se entre elas. Ao ver Pururavas, ela se mostrou a ele em forma humana; ele então a reconheceu e implorou-lhe para que lhe falasse: “Fique, cruel, e conversemos. Segredos não revelados não nos trarão alegria alguma.” Ela respondeu: “O que tenho eu para conversar com você? Eu me desvaneci como a aurora e sou tão difícil de agarrar como o vento. Volte para casa, Pururavas; você não fez nada do que eu mandei; para você eu sou muito difícil de agarrar, volte para casa.” Pururavas: “Então seu amigo irá embora, para longe e para nunca mais voltar; ele saltará para a morte, ou os lobos selvagens o devorarão.” Urvasi, a isso: “Não tenha pressa, não morra, não deixem que os lobos selvagens o devorem. Não fique tão preocupado! Não existe nenhum tipo de amizade com mulheres, seus corações são como os das hienas. Não fique perturbado e volte para casa. Enquanto caminhei entre os mortais, eu comia diariamente um pouquinho de gordura dos sacrifícios, e agora estou cheia.”

Ela, entretanto, teve compaixão e disse a ele que retornasse em um ano. Então ela seria dele por uma noite, e então também nasceria o seu filho. Quando decorrido o prazo estabelecido, ele voltou ao mesmo lugar, havia lá um palácio dourado. Ordenaram-lhe que entrasse, e sua esposa foi levada até ele. Na manhã seguinte, os gandarvos permitiram-lhe concretizar um desejo e, seguindo o conselho de Urvasi, ele pediu permissão para tornar-se um deles, o que lhe foi concedido. Para que isso pudesse acontecer, ele teria antes que trazer uma oferenda. Para este fim os gandarvos lhe deram uma panela com fogo. Ele a tomou, e também a seu filho que no entretanto já havia nascido, levando-o à sua aldeia. Ele então saiu em busca de madeira apropriada para o fogo sacrificial e, depois de tê-lo acendido segundo a maneira prescrita pelos gandarvos, tornou-se um dele (Jung, 1967, p. 59).

Nesse conto é reconhecida a personificação da *anima* representada pela ninfa Urvasi. A não obediência, consciente ou inconsciente, às manifestações e exigências da *anima*, tem consequências irremediáveis. Dessa forma, quando Pururavas não cumpre o combinado com a ninfa, ela o abandona e provoca uma série de comportamentos

desajustados em Pururavas. Depois da busca angustiante por Urvasi, a reencontra, escuta seus conselhos e tem a oportunidade de viver harmoniosamente com a ninfa, porém teve que realizar um sacrifício.

Diante desse conto, observa-se que o conteúdo da *anima* é imperioso e quando não é escutada, ocorre um desequilíbrio da psique, podendo o indivíduo sucumbir diante às suas exigências que não são aceitas consciente ou inconscientemente. A integração dos conteúdos que emergem tanto da *anima*, do *animus* e da sombra, como visto anteriormente, é fundamental para o equilíbrio da psique e, muitas das vezes, sacrifícios são necessários para o bem estar psíquico, como por exemplo: abandonar hábitos, comportamentos, pensamentos, pessoas, lugares etc.

Para melhor compreensão, no conto da Bela e a Fera, Von Franz categoricamente esclarece sobre como é simbolizada a integração desses arquétipos à consciência. Contudo, nessa história será representado o *animus* personificado. Von Franz relata que:

Um grande número de mitos e de contos de fadas conta a história de um príncipe transformado por feitiçaria em animal ou monstro que é redimido pelo amor de uma jovem – processo que simboliza o modo de integração do *animus* na consciência. [...] Em muitos deles a heroína não tem permissão para fazer qualquer pergunta a respeito do seu misterioso e desconhecido marido e amante; ou então só o encontra no escuro e nunca pode olhar-lhe o rosto. Está implícito que se amá-lo e confiar nele cegamente, poderá libertá-lo. Mas isso não acontece nunca. Ela sempre quebra a promessa feita e só vai encontrar novamente o seu amado depois de longa e sofrida busca (Von Franz, 2016, p. 257).

Posto isso, percebe-se tanto os aspectos femininos quanto masculinos estão sujeitos a aceitação e confiança que os indivíduos depositam nessas manifestações. A compreensão desse conteúdo manifestado é, inicialmente, difícil e requer paciência com o processo. Dessa maneira, observa-se que

A analogia desse tipo de situação mitológica com a vida comum está no fato de que a atenção que uma mulher tem de dar aos problemas do seu *animus* toma muito tempo e envolve bastante sofrimento. Mas se ela se der conta da natureza desse *animus* e da influência que ele exerce sobre a sua pessoa, e se enfrentar essa realidade em lugar de se deixar possuir por ela, o *animus* pode tornar-se um companheiro interior precioso que vai contemplá-la com uma série de qualidades masculinas como a iniciativa, a coragem, a objetividade e a sabedoria espiritual (Von Franz, 2016, p. 259, *itálico original no texto*).

Contudo, essa associação com a vida comum e a análise do *animus*, vale também para a análise da *anima*. Não é trabalho fácil escutar a interioridade e

compreender as necessidades individuais, mas há um bom início quando se aceita que cada indivíduo possui exigências muito pessoais e a busca por respostas e soluções encontra-se no caminho de ouvir a interioridade.

1.4 Reflexões e apontamentos

Realizar o movimento de autoconhecimento é realizar a busca pelo divino que há em nós, ao Deus interior. É notar a vida interior e escutá-la, pois, esse divino nos fala através das vozes que vêm de dentro. Sendo assim, Jung reflete que

Essa semelhança a Deus se refere, é claro, ao conhecimento do bem e do mal. A análise e a conscientização dos conteúdos inconscientes engendram uma espécie de tolerância superior, graças a qual as partes relativamente indigestas da caracterologia inconscientes podem ser aceitas (Jung, 2014, p. 3502).

Esse conhecimento do bem e do mal fica claro quando Murray Stein (2020) diz que o projeto apresentado por Jung em centenas de escritos é muito mais complexo e tem em essência o objetivo de lançar luz sobre a escuridão da vida psicológica, além de integrar as várias polaridades e tensões que nela se encontram.

Mesmo que Jung compreenda que o divino ou o Deus interior não esteja ligado necessariamente com uma religião, religiosidade ou seres sagrados, destaca que

O homem religioso desfruta de uma grande vantagem com relação à questão crucial de nosso tempo: ao menos, ele tem uma ideia clara de que sua existência subjetiva se funda na relação com “Deus”. Coloco a palavra Deus entre aspas para ressaltar que se trata de uma representação antropomórfica cuja dinâmica e simbolismo são transmitidos por meio da psique inconsciente. Qualquer um pode, acreditando ou não em Deus, aproximar-se do lugar de origem dessa experiência (Jung, 2019, p. 70).

A partir disso, é importante retomar sobre as experiências numinosas que Jung identificou nas experiências religiosas e constituem também um ponto importante para o processo de individuação. Aproximando-se de uma experiência mística, as experiências numinosas têm a capacidade de promover uma expansão da consciência que, conseqüentemente, promove uma mudança de atitude e personalidade.

As imagens arquetípicas produzidas através de uma experiência religiosa e projetadas nos objetos ou ritos podem alcançar um nível de sublimação que promove a

integração desses conteúdos na consciência e favorece uma transformação psicológica benéfica para o indivíduo. Nessa abordagem, o psicológico envolve (isto é, assume, integra) o religioso de tal modo que seu valor espiritual não é prejudicado nem se reduz. É sublimado. Na verdade, o espiritual se confirma e se amplia por meio psicológico (Stein, 2020, p. 51).

Portanto, o adoecimento psicológico, consiste, basicamente, na falta de equilíbrio entre o consciente, o inconsciente individual e coletivo, chamado de dissociação. A função transcendente, como visto anteriormente, propicia a união desses opostos e, conseqüentemente, proporcionando uma melhora do funcionamento psíquico, pois não há equilíbrio psíquico sem a integração desses materiais. Tal concepção é analisada por Jung da seguinte maneira:

Quanto maior a dissociação, isto é, o distanciamento da atitude consciente dos conteúdos individuais e coletivos do inconsciente, tanto mais prejudicialmente o inconsciente inibe ou intensifica os conteúdos conscientes. Por razões práticas, portanto, não se deve atribuir o símbolo um valor insignificante. Mas ao atribuirmos ao símbolo um valor, seja grande ou pequeno, adquire um valor consciente de motivo, isto é, ele é percebido e é dada à carga inconsciente de libido ocasião de expressar-se na conduta consciente da vida (Jung, 2015, p. 2631).

Essas experiências numinosas transformam as imagens e conteúdos espirituais em material psicológico, mas como dito anteriormente, não as reduzem a fenômenos puramente psicológicos. De modo que

A explicação psicológica para as experiências numinosas como as que Rudolf Otto relata em seu livro seminal, *The Idea of the Holy*, por exemplo, está no mecanismo de projeção, pelo qual conteúdos inconscientes são “percebidos” em objetos físicos, rituais ou sons que os emitem. Em experiências religiosas, sustenta o psicológico, o ego vivencia um conteúdo do inconsciente em projeção (Stein, 2020, p. 49, *italico original no texto*).

Caso esses conteúdos consigam chegar à consciência, analisar o que estão tentando comunicar é essencial para o processo de individuação e compreende-se como processo de sublimação os conteúdos que se transformam de um estado espiritual em psicológico.

Ressalta-se o conteúdo religioso e as experiências numinosas nesse capítulo, pois será trilhado o caminho para compreender como a Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis, psicografada por Divaldo Pereira Franco e que tem como base o Evangelho Segundo Espiritismo, contribui, de alguma maneira, com aqueles que estão em busca do

seu autoconhecimento. Portanto, como parte da dissertação, no próximo capítulo será analisado como a individuação é abordada em suas obras e como que através dos moldes do Espiritismo, os indivíduos podem apreender sobre o enfrentamento dos problemas do corpo, da mente e do Espírito.

Capítulo 2 – O processo de individuação segundo a concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis

Diante do que foi exposto no primeiro capítulo sobre a individuação na perspectiva junguiana, este será dedicado à compreensão da individuação na concepção psicológica espírita desenvolvida na Série Psicológica psicografada por Divaldo Pereira Franco ditada pelo espírito de Joanna de Ângelis ao médium. Assim, em um primeiro momento, será apresentado o Divaldo Pereira Franco, consagrado um dos maiores médiuns da atualidade pela comunidade espírita brasileira e responsável pela psicografia desta Série Psicológica. Portanto, faz-se necessário compreender o fenômeno da psicografia para Espiritismo.

Posteriormente, será abordado como a Série Psicológica de Joanna de Ângelis foi desenvolvida e, por fim, analisaremos as suas contribuições terapêuticas e como é abordado o processo de individuação a partir da Doutrina Espírita.

Importante ressaltar que não se tem a intenção de abordar essa temática para uso clínico especificamente ou de propor uma Psicologia Espírita no meio acadêmico, porém tem-se o intuito de apresentar o pensamento e como a perspectiva pode cooperar, a partir do diálogo com a psicologia científica, com aqueles que se interessam e são comprometidos com a busca interior, no autoconhecimento.

2.1 Divaldo Pereira Franco e a psicografia

Faz-se necessário conhecer um pouco da história do Divaldo Pereira Franco, considerado pela comunidade espírita um dos maiores médiuns espíritas da atualidade. Divulgador da Doutrina Espírita, realiza diversas palestras em vários lugares do Brasil e

do mundo e possui uma capacidade de comunicação com os espíritos que o viabiliza de realizar o que é conhecido como psicografia pelo espiritismo.

O fenômeno da mediunidade é conhecido pela capacidade do indivíduo de comunicar-se, em algum grau, com os espíritos desencarnados. No O livro dos Médiuns é esclarecido da seguinte maneira:

158. Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem: não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são a espécie de manifestações. As principais são: *a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos, ou impressionáveis; a dos audientes; a dos videntes; a dos sonambúlicos; a dos curadores; a dos pneumatógrafos; a dos escreventes, ou psicógrafos*¹¹ (Kardec, Lm, 158, itálico no original).

Portanto, diante da possibilidade de comunicação com a espiritualidade, segundo a Doutrina Espírita, uma das manifestações de mediunidade de Divaldo Franco, que é importante para entendermos neste capítulo, é a dos escreventes, ou seja, a capacidade de transmitir a mensagem dos espíritos através da escrita.

A partir desta capacidade de Divaldo Franco, foi possível a publicação de 202 livros, com mais de 8 milhões de exemplares, onde se apresentam 211 Autores Espirituais, segundo informações do site da Mansão do Caminho¹², instituição espírita fundada por ele na cidade de Salvador na Bahia.

A Autora Espiritual em referência é a Joanna de Ângelis, considerada pelas espíritas a benfeitora espiritual responsável por mensagens enobrecedoras e de conteúdo psicológico, se manifestou através de Divaldo Franco que psicografou diversas obras consideradas pela comunidade espírita de profunda sabedoria, inclusive a Série Psicológica.

¹¹ É possível entender mais sobre os tipos de mediunidade no O Livro dos Médiuns de Allan Kardec no capítulo XIV denominado “Dos médiuns”.

¹² Site da Mansão do caminho para conhecimento [Início - Mansão do Caminho \(mansaodocaminho.com.br\)](http://mansaodocaminho.com.br)

O fenômeno da psicografia ocorre pela influência desses espíritos no médium com o intuito de mandar mensagens às pessoas, trazer conforto em forma de palavra e transmitir ensinamentos de natureza espiritual. Dessa maneira, existem duas formas de psicografia: indireta e direta, consistindo em:

157. Chamamos *psicografia indireta* à escrita assim obtida, em contraposição à *psicografia direta ou manual*, obtida pelo próprio médium. Para se compreender este último processo, é mister levar em conta o que se passa na operação. O Espírito que se comunica atua sobre o médium que, debaixo dessa influência, move maquinalmente o braço e a mão para escrever, sem ter (é pelo menos o caso mais comum) a menor consciência do que escreve; a mão atua sobre a cesta e a cesta sobre o lápis. Assim, não é a cesta que se torna inteligente; ela não passa de um instrumento manejado por uma inteligência; não passa, realmente, de uma lapiseira, de um apêndice de mão, de um intermediário, entre a mão e o lápis. Suprima-se esse intermediário, coloque-se o lápis na mão e o resultado será o mesmo, com um mecanismo muito mais simples, pois o médium escreve como o faz nas condições ordinárias. De sorte que toda pessoa que escreve com o concurso de uma cesta, prancheta, ou qualquer outro objeto, pode escrever diretamente.

De todos os meios de comunicação, a escrita manual, que alguns denominam escrita involuntária, é, sem contestação, a mais simples, a mais fácil e a mais cômoda, porque nenhum preparativo exige e se presta, como a escrita corrente, aos maiores desenvolvimentos. [...] (Kardec, Lm, 157, *itálico no original*).

Então, através desse mecanismo de manifestação, Joanna de Ângelis trouxe aos encarnados ensinamentos sobre a psicologia baseada na Doutrina Espírita, com intuito de oferecer a quem lê, as diretrizes que possibilitam realizar o caminho do autoconhecimento.

2.2 A Série Psicológica de Joanna de Ângelis

A Série Psicológica psicografada por Divaldo Pereira Franco foi ditada, então, segundo a concepção espírita, pelo espírito de Joanna de Ângelis, considerada pela comunidade espírita, a benfeitora e autora espiritual que dedica a examinar as patologias da psique e conflitos existenciais a partir da análise de aspectos filosóficos e psicológicos, abordando-os do ponto de vista da Doutrina Espírita.

Tal concepção conduz o pensamento para a conquista da realização plena do indivíduo é através do amor, da adoção do modelo de Jesus como Ser Ideal e da contribuição da Doutrina Espírita para que dessa forma seja possível estabelecer orientações sobre o equilíbrio psíquico, físico e social.

A Série Psicológica é alinhada com os preceitos gerais do Espiritismo, como a crença em Deus, na imortalidade da alma, na possibilidade de comunicação com os espíritos, na reencarnação e na pluralidade dos mundos habitados. Partindo desses princípios, ela estabelece uma ponte entre a Doutrina Espírita, a análise do comportamento de Jesus e seus ensinamentos com a psicologia, utilizando as diversas abordagens dessa ciência, mas analisando sob a perspectiva da imortalidade da alma.

Entende-se que “O Espiritismo, na condição de uma doutrina consolidada, embora relativamente nova (tomando como base doutrinas milenares), traz postulados e conceitos bem definidos. Esse novo olhar não descarta todo o caminhar da Ciência, o que seria um contrassenso, mas vem ao encontro para apontar novas percepções; algumas convergentes, outras ainda não decodificadas pela ciência acadêmica, mas sempre visando possibilitar ao Ser entender um pouco mais a respeito da sua própria natureza” (Sinoti, 2017, p. 26).

A partir desse entendimento, é importante pontuar que a Doutrina Espírita apresenta três aspectos: Ciência, Filosofia e Religião. Dessa maneira, não nega a ciência, mas a incorpora para desenvolver as concepções psicológicas, considerando seus pontos convergentes e divergentes.

Tendo como base o Evangelho Segundo o Espiritismo para desenvolver sua psicologia, Joanna de Ângelis se fundamenta nos ensinamentos de Jesus e, dentre todos, o amor é o principal. Segundo a benfeitora, “A Lei natural que vige em todo o Universo, é a de amor, que se exterioriza de Deus mediante Sua criação... e na perspectiva da psicologia profunda o ser vive para amar e ser amado, iluminar a sombra e fazer prevalecer o *Self*” (Angelis *apud* Sinoti, 2017, p. 306).

Dessa forma, o estudo é direcionado para quem deseja conhecer a alma humana e a si mesmo através da concepção psicológica espírita. Para desenvolver o tema proposto, vale ressaltar que a Série é composta por dezesseis livros, sendo: “Jesus e Atualidade”, “O homem integral”, “Plenitude”, “Momentos de saúde e de consciência”, “O Ser consciente”, “Autodescobrimento: Uma busca interior”, “Desperte e Seja feliz”, “Vida: desafio e soluções”, “Amor, imbatível amor”, “O despertar do Espírito”, “Jesus e o Evangelho à Luz da Psicologia Profunda”, “Triunfo pessoal”, “Conflitos existenciais”, “Encontro com a paz e a saúde”, “Em busca da verdade” e “Psicologia da gratidão”.

Dentre essas obras, para esse capítulo, serão usadas três que diante do tema proposto, conseguem abarcar de maneira global o assunto proposto no capítulo, que são: “Autodescobrimento: uma busca interior”, “O homem integral” e “Jesus e o Evangelho à luz da psicologia profunda”. Tais obras contribuem para a análise do processo da individuação à luz da Psicologia Espírita que será desenvolvida.

2.3 Contribuições do Evangelho Segundo Espiritismo para a concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis e o processo de individuação

Diante do tema proposto e com base nas diversas abordagens da psicologia, observa-se mudanças nos conceitos dessa ciência e transitam entre as concepções puramente materialistas¹³, como exemplo a Psicologia Behaviorista, que investiga apenas os comportamentos observáveis do indivíduo com as que consideram os elementos da subjetividade, ou seja, que a descolam da visão de instintos físicos e puramente comportamentais.

A partir da noção de inconsciente desenvolvida pelo Freud e continuada por Jung, como visto anteriormente, surge uma nova perspectiva sobre o olhar para a psique humana e para essa instância invisível que já demonstra o quanto é complexa a psique.

Dessa forma, abre campo para pensar o indivíduo para além da genética e dos comportamentos, pois como explicar indivíduos completamente diferentes dentro de uma mesma família? O meio em que se vive, sem dúvidas, exerce uma significativa influência no ser, porém a importância de penetrar a psique e ir de encontro com a estrutura singular de cada indivíduo é que torna possível o processo de autoconhecimento.

A teoria junguiana permite que a concepção psicológica espírita¹⁴ se desenvolva e se torne compreensível através do conhecimento do inconsciente, arquétipos, *Self* e da

¹³ Na concepção psicológica de Joanna de Ângelis, o conceito “materialista” é entendido como um reducionismo do indivíduo, ou seja, reduzi-lo a fatores hereditários e biológicos. Segundo Franco (2021) O reducionismo, em Psicologia, torna o ser humano um amontoado de células sob o comando do sistema nervoso central, vitimado pelos fatores da hereditariedade e pelos caprichos aberrantes do acaso.

¹⁴ Para fins de redação, será usado o termo concepção psicológica espírita em referência especificamente à psicologia desenvolvida por Joanna de Ângelis psicografada por Divaldo Franco.

sua visão transpessoal¹⁵ que abarca a conexão e comunicação com o todo universal. Dessa forma, permitindo que ideias como energia mental, essência do indivíduo, dentre outras ideias que antes não eram possíveis de serem analisadas, sejam abordadas de acordo com os preceitos da Doutrina Espírita. Tal visão é compreendida pelo Divaldo Franco da seguinte maneira:

O Espiritismo, por sua vez, sintetizando diversas correntes do pensamento psicológico e estudando o homem na sua condição de Espírito eterno, apresenta a proposta de um comportamento filosófico idealista, imortalista, auxiliando-o na equação dos seus problemas, sem violência e com base na reencarnação, apontando-lhe os rumos felizes que deve seguir (Franco, 2021, p. 9).

A concepção psicológica espírita, então, busca oferecer um compilado terapêutico como forma de auxiliar no processo de autoconhecimento a partir dos preceitos do Espiritismo e despertar no indivíduo as mudanças necessárias de comportamentos, de pensamentos e atitudes perante a existência.

2.4 Consciência dirigida à matéria

A visão materialista de algumas abordagens da psicologia é decorrente do efeito da Ciência na sociedade, mais especificamente do pensamento racionalista que possui a noção de que a razão é a única via de alcançar o conhecimento.

A dissociação entre a psique e o corpo ou entre a espiritualidade e a matéria, podem gerar diversas psicopatologias, desajustes comportamentais e falta de referência ético-espiritual, pois a conexão com o Si-mesmo é abalada. Tal concepção é vista por Divaldo Franco da seguinte maneira:

A cisão decorrente do pensamento cartesiano, na dicotomia do *corpo* e da *alma*, ensejou uma radical mudança nos hábitos da sociedade, dando surgimento a uma série de conflitos que irrompe na personalidade humana e conduzem a alienações perturbadoras (Franco, 2021, p. 14).

Dessa forma, é possível perceber que há um salto das formas de viver como, por exemplo, das crenças em divindades como espíritos e orixás, da conexão com a natureza e cosmos, da conexão com sonhos e intuição para a razão. Portanto, não acontece uma integração desse novo elemento que é a razão aos que já faziam parte da evolução do

¹⁵ A visão transpessoal é uma abordagem em Psicologia que tem como objetivo o estudo dos estados não ordinários da consciência e a dimensão espiritual, englobando o indivíduo em sua totalidade.

indivíduo, mas uma substituição. De maneira que “[...] a Ciência em constante progresso, não se fazendo acompanhar por um correspondente desenvolvimento ético-espiritual, candidata-se a conduzir o homem ao *niilismo*, ao conceito de aniquilamento” (Franco, 2021, p. 14).

Importante ressaltar que a razão em si não é a problemática posta em questão, mas como ela é introjetada na vida dos indivíduos e como pode gerar descompensações psíquicas quando mal utilizada.

No entanto, a ciência psicológica entra em um impasse quando não consegue explicar todos os fenômenos da psique baseado apenas em fenômenos observáveis, abrindo caminho para que novas teorias se desenvolvam em outras perspectivas e percebam para além desses fenômenos. Dessa forma, surge um novo movimento que fica conhecido como transpessoal¹⁶.

Esse movimento rompe com o pensamento materialista e migra para o estudo da consciência e seus estados não ordinários e, dessa maneira, produz alicerce para que a concepção psicológica espírita se desenvolva. A partir disso, Divaldo Franco esclarece que,

Inegavelmente, Freud e Jung ensinaram uma visão mais profunda do ser humano com a descoberta e estudo do inconsciente, assim como dos arquétipos, respectivamente, que permitiram a diversos dos seus discípulos penetrarem a sonda da investigação nos alicerces da mente, constatando a realidade do Espírito, como explicação para os comportamentos variados dos diferentes indivíduos que, procedentes da mesma árvore genética, apresentam-se fisiológica e psicologicamente opostos, bem e maldotados, com equipamentos de saúde e de desconcerto (Franco, 2021, p. 8).

A constatação de uma realidade para além da matéria e dessa investigação das estruturas psíquicas, abre campo para compreender a existência da consciência desvinculada da matéria abarcada pela concepção psicológica espírita a partir dos preceitos do Espiritismo.

Assim, busca compreender experiências que não se encontram vinculadas aos nossos sentidos físicos. Como explicar, por exemplo, o que o Espiritismo entende por manifestações espirituais, vidência, premonições e diversos outros fenômenos religiosos? Há uma inteligência ou consciência que se manifesta fora do corpo material? A partir

¹⁶ A Psicologia transpessoal tem como objeto de estudo a consciência e seus estados não ordinários e é formada pelos conteúdos de algumas abordagens psicológicas como Carl G. Jung, Viktor Frankl e Abraham Maslow, por exemplo. Porém, nesta dissertação, não será destrinchado sobre o assunto especificamente.

disso, Divaldo Franco cita Albert Einstein para iniciar o entendimento sobre essa consciência, dizendo:

Com muita propriedade, Albert Einstein definiu o homem como um conjunto de partículas regido pela consciência. Essa consciência condutora, certamente, a ele preexistente e sobrevivente, é o Si eterno, o Espírito imortal, realizando inúmeras experiências da evolução, trabalhando, em cada uma delas, os valores que lhe jazem interiormente – Deus em nós (Franco, 2021, p. 14).

Dessa forma, um dos preceitos básicos do Espiritismo é a existência do espírito dotado de toda consciência fora da matéria física. O espírito, portanto, passa por diversas vidas na terra ou em outros mundos com a finalidade de aperfeiçoar a si mesmo, trabalhando a moralidade, inteligência, ética, caridade, amor e o trabalho no bem, para ir de encontro com os mundos ditos felizes.

No Livro dos Espíritos que é constituído por perguntas feitas por Allan Kardec aos nomeados pela Doutrina Espírita de espíritos superiores, obtém respostas sobre o que é o espírito diante dos seguintes questionamentos:

23- O que é espírito?

- *O princípio inteligente do Universo.*

- Qual a natureza íntima do espírito?

- *O espírito, com a linguagem humana, não é fácil de ser analisado. Porque o espírito não é uma coisa palpável, para vós ele não é nada; mas para nós é alguma coisa. Sabei bem: o nada é coisa nenhuma, e o nada não existe.*

24- O espírito é sinônimo de inteligência?

- *A inteligência é um atributo essencial do espírito. Todavia, como ambos se confundem num princípio comum, para vós são a mesma coisa.*

25- O espírito é independente da matéria ou não é mais que uma propriedade desta, como as cores são propriedades da luz e o som uma propriedade do ar?

- *Ambos são distintos; mas é necessária a união do espírito e da matéria para dar inteligência à matéria* (Kardec, Le, 23, 24, 25, itálico no original).

A partir da noção de que há uma inteligência extracorpórea que perpassa por diversas vidas ou reencarnações, compreende-se que patologias psíquicas e físicas, tendências, pensamentos e maneira de se comportar, podem ser herdadas das reencarnações passadas. Com isso, a análise da psique do indivíduo não se limita ao olhar da vida presente, de maneira que

Ne gênese da energia pensante, permanecem ínsitos os instintos primários decorrentes das remotas experiências, que se exteriorizam, quando na área da razão. Como impulsos, tendências, fixações automatistas e perturbadoras, necessitando de canalização disciplinadora, de modo a torná-los sentimentos, que o raciocínio conduzirá sem danos nem perturbação (Franco, 2021, p. 14).

Essa energia pensante a que se refere é o espírito atuando na matéria e manifestando toda sua potencialidade, podendo ser negativa ou positiva. O objetivo da reencarnação¹⁷ é conseguir evoluir moralmente e intelectualmente no intuito de desenvolver e despertar o Si-mesmo. Diante disso, é necessário transformar essas energias que são manifestadas no corpo através do espírito para serem utilizadas de maneira benéfica contribuindo para evolução do indivíduo.

Essa evolução [...] “da consciência - o Si - deve atender a energia, nas suas diferentes manifestações, rarefeita ou condensada, interferindo com amor e dando-lhe ordens equilibradas para a sua sublimação” (Franco, 2021, p.16). Para que a transformação dessa energia seja usada em benefício do indivíduo, na concepção psicológica espírita é sempre pontuada a necessidade do autoexame sincero de pensamentos, sentimentos e comportamentos e,

Conversar, terna e bondosamente, com as imperfeições morais, alternando-lhes o curso; buscar penetrar no intricado meandro dos conjuntos celulares e envolvê-los em vibrações de amor; estimular os órgãos com deficiência de funcionamento, ou perturbação enfermiza, a que voltem à normalidade, são métodos de comando da energia espiritual do *Eu superior*, interferindo nas complexidades da força mantenedora do perispírito e da matéria, alterando-lhes para melhor a movimentação (Franco, 2021, p. 16).

Nesse sentido, a conscientização profunda do ser sobre sua própria essência gera equilíbrio entre as forças energéticas que constituem o indivíduo, segundo o Espiritismo, que são o espírito, perispírito¹⁸ e o corpo físico. Realizar essa autoavaliação de maneira consciente, na visão da concepção psicológica espírita, pode diminuir o risco do

¹⁷ A Doutrina Espírita, enquanto crente da existência dos espíritos, acredita na encarnação deste, ou seja, o espírito se vincula ao corpo físico para ter a vivência terrestre. No O Livro dos Espíritos há uma definição sobre o objetivo da encarnação: “-Deus lhes impõe a encarnação com o objetivo de fazê-los chegar à perfeição. Para alguns é uma expiação, para outros é uma missão. Todavia, para alcançarem essa perfeição, devem suportar todas as vicissitudes da existência corporal; nisto é que está a expiação. A encarnação tem também outro objetivo que é o de colocar o Espírito em condições de cumprir sua parte na obra da criação. Para realizá-la é que, em cada mundo, ele toma um aparelho em harmonia com a matéria essencial desse mundo, cumprindo aí, daquele ponto de vista, as ordens de Deus, de tal sorte que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta” (Kardec, Le, 132).

¹⁸ Na Doutrina Espírita acredita-se que o perispírito tem a função de unir o espírito ao corpo durante a encarnação. Diante disso, é esclarecido que o perispírito é “[...] uma substância vaporosa para teus olhos, mas ainda bem grosseira para nós; muito vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e se transportar para onde queira” (Kardec, Le, 93).

sofrimento desnecessário e o processo de individuação acontecer devido a dor, pois o progresso de evolução não é opcional, ele é imperativo. Sendo assim,

Procrastinar o fenômeno da conscientização tem limite, porque, na sua complexidade, a energia, que é vida, constitui-se do Psiquismo Divino, e hoje ou mais tarde, liberta-se das injeções grosseiras que a limitam momentaneamente, sutilizando-se em ondas de amor que se espalharão no *Oceano* do Amor de Deus (Franco, 2021, p. 17).

A partir da compreensão de que há essa consciência fora da matéria, ou seja, a crença no espírito pela Doutrina Espírita, a teoria do inconsciente da psicologia junguiana ofereceu elementos para que fosse possível analisar essa inteligência extracorpórea, o desenvolvimento da psique, funções psicológicas, sonhos e demais caminhos para realizar o processo de individuação, segundo a psicografia de Joanna de Ângelis.

2.5 Desenvolvimento da psique

Diante dos preceitos básicos da existência do espírito, entende-se que o pensamento, então, é a sua manifestação através do cérebro. O mesmo registra as impressões do espírito e faz a intermediação para que seja exteriorizado. Dessa forma, para compreender o desenvolvimento da psique sob o olhar da concepção psicológica espírita, Divaldo Franco esclarece que,

Segundo o emérito mestre, a primeira expressão do pensamento – fase inicial do processo da evolução orgânica e mental – é o primário, no qual a linguagem se apresenta de forma instintiva, sensorial, sem comunicação intelectual, de natureza verbal e clara. São impulsos que decorrem das necessidades imediatas, buscando exteriorizá-las e tê-las atendidas (Franco, 2021, 29).

Portanto, percebe-se que a forma de manifestação do espírito depende da evolução cerebral. Essa concepção depende da condição evolutiva do espírito também, por exemplo, de acordo com a Doutrina Espírita há diversos mundos com evoluções diferentes e o espírito para viver nesses mundos depende do seu grau de evolução pessoal e é destinado a viver em um destes mundos de acordo com o seu desenvolvimento. Mas, não será tratado desse assunto em específico neste capítulo. Claramente Divaldo Franco expõe o acompanhamento desse desenvolvimento e diz que,

Graças às heranças genéticas, ao processo de crescimento (filogenético) e aos fatores mesológicos-sociais, o ser passa para o pré-mágico, no qual a fantasia se apresenta em forma de imaginação rica de mitos que se originam no medo, nas

aspirações de equilíbrio, de prazer – períodos da caverna, da palafita – para dar início aos cultos através dos sacrifícios humanos, como forma de aplacar a ira, a fúria dos elementos cruéis, os deuses da vingança, da inveja, do ódio, que lhe pareciam governar a vida, a natureza, o destino (Franco, 2021, p. 29).

Dessa maneira, observa-se que são pontuadas na teoria quatro fases de desenvolvimento da psique: a primeira, como dito anteriormente, é a pré-mágica, a segunda é a mágica, a terceira é a fase de desenvolvimento de um ego mais forte e a quarta é o aparecimento do pensamento intuitivo extrapolando parâmetros extremamente racionais.

Na fase pré-mágica nota-se o surgimento dos mitos que ajudavam os indivíduos a lidarem com as questões do mundo e das relações interpessoais, colaborando para tornar possível a interpretação dos acontecimentos ao seu redor. A partir daí a história da humanidade começa a ser contada através dos registros deixados por cada civilização. Sobre os mitos, Divaldo Franco comenta que “A história do homem é a consequência dos mitos e crendices que ela elaborou para a sobrevivência, para o seu pensamento ético” (Franco, 2021, p. 47).

Diante disso, na concepção psicológica espírita, acredita-se em uma evolução da psique em consonância com os mitos e, conseqüentemente, de acordo com cada civilização que foram se adequando às possibilidades e necessidades de cada tempo. Dessa maneira, “Medos e ansiedades, aspirações e sofrimentos estereotipam-se em fórmulas e formas mitológicas que lhe refletem o estágio evolutivo, em alguns deles perfeitamente consentâneos com as suas conquistas contemporâneas” (Franco, 2021, p. 47).

Com a mudança de pensamento que coloca em xeque a veracidade dos mitos e das crenças, decorrente do novo momento em que surge o pensamento cartesiano, esses símbolos ressurgem de outra maneira e dão lugar a atos de violência e senso de justiça pessoal. Contudo,

Se, de um lado, favoreceu ao homem que abandonasse a tradição dos feiticeiros, dos bichos-papões, das cegonhas trazendo bebês, eliminou também as fadas madrinhas, os gênios bons, os anjos da guarda. E quando já se acreditava na morte dos mitos, considerando-se as mentes adultas liberadas deles, eis que a tecnologia e a mídia criaram outros hodiernos: *os super-homens, os He-men, os invasores marcianos, os homens invisíveis*, gerando personagens consideradas extraordinárias para o combate contra o mal sem trégua em nome do bem incessante. [...] A violência, que irrompe, desastrosa, arma os novos *Rambos* com equipamentos de vingança em nome da justiça, enfrentando as *forças do mal* que

se apresentam numa sociedade injusta, promovendo lutas lamentáveis, sem controle (Franco, 2021, p. 49, *itálico no original*).

Sendo assim, a forma que os mitos contemporâneos tomaram, não provocam impactos significativos na psique devido ao distanciamento dos indivíduos desses e da maneira como são reconhecidos no que se refere ao processo de individuação, pois são considerados histórias fictícias.

Os mitos nas tradições arcaicas e em toda sociedade em que ele aparece era ou é usado de maneira a produzir sentido à existência, aos fenômenos da natureza, à formação dos indivíduos e forma de se comportarem. Nessas sociedades, o mito é a representação de sua própria constituição e orientação para a vida, ou seja, são carregados de significação. Dessa forma, Eliade faz um compilado de como pode definir o mito:

A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças as façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, uma narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em sumo, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural (Eliade, 1972, p. 9).

Daí entende-se como os mitos foram e são importantes para a organização psicossocial do indivíduo e como o desaparecimento dele pode gerar uma série de danos. Como exemplo importante são as questões do autoconhecimento, ou seja, diminuiu-se a capacidade de elaborar soluções, significados e ressignificações para os acontecimentos da vida através da simbologia.

Em consonância com o pensamento de Eliade, a concepção psicológica espírita esclarece que “A perda do mito expõe os conteúdos psíquicos, que alteram os objetivos das suas necessidades, fazendo-os mergulhar no *vazio* ou no *desinteresse*, no *prazer* ou na alucinação do *poder*” (Franco, 2021, p. 140, *itálico no original*) e considera que,

Encontramo-los nas religiões da antiguidade oriental e, particularmente, no *mito da Criação*, no qual os conflitos da treva e da luz, do bem e do mal são relevantes.

O zoroastrismo também o ressuscitou e, mais tarde, a alquimia facultou o surgimento da *Pedra filosofal* como mediadora dos opostos, do *Santo Gral*, como depósito que compõem as bases da consciência humana, a se avolumar através dos tempos, dando, desde o início, a ideia das suas várias expressões, tais: a consciência moral, a consciência de fé, a consciência do dever, de justiça, de paz, de amor... (Franco, 2021, p. 141).

Portanto, a relevância dos opostos nos mitos é necessária para o desenvolvimento e integração da psique, proporcionando a saúde emocional e oferecendo conteúdos, formas e auxiliando nos conflitos da existência para os indivíduos.

Na fase mágica é possível observar o desenvolvimento dos mitos e como ele aparece de forma mais elaborada e atuante nas civilizações antigas mais desenvolvidas. Dessa maneira, Franco destaca que,

Naturalmente, mais tarde, vem o período mágico, que se instalou na era agrária, dando origem às grandes civilizações do passado com toda a concepção politeísta, inspirada nos fenômenos que se enriqueciam de ideias mitológicas, muitas das quais, na tragédia grega, oferecem campo para as admiráveis interpretações psicanalíticas (Franco, 2021, p. 29).

Portanto, essas civilizações se organizavam individual, coletiva e espiritualmente a partir desses mitos, pois os mesmos se ocupavam em proporcionar explicações aos fenômenos da natureza, ao comportamento humano e sobre as consequências, boas ou ruins, sofridas pelos indivíduos a partir dos seus atos.

Após esse período, com o crescimento e desenvolvimento intelectual, como dito anteriormente, inicia-se a fase egocêntrica, onde o indivíduo se coloca como o centro de todas as coisas. Segundo Franco, essa “[...] fase de natureza egocêntrica, é caracterizada pela ambição de ser alvo central de tudo que passa a girar em torno do interesse do *ego* em detrimento da coletividade, qual ocorre na criança.” (Franco, 2021, p. 29). Nesse momento vigorava a fundamentação na razão, consequentemente o indivíduo era colocado como o centro de todos os acontecimentos e possuidor de todas as respostas através do raciocínio lógico.

Com o tempo a ciência não conseguia mais dar respostas a todos os fenômenos que ultrapassavam a capacidade dos sentidos humanos manifestados e a intuição retorna de uma forma diferente, de maneira sutil, aparecendo como uma função extrassensorial. Dessa maneira que,

Na última fase, o pensamento se torna intuitivo, não necessitando de parâmetros racionais, extrapolando o limite dos dados da razão, por expressar-se de forma

inusitada no campo atemporal, viajando, concluímos nós, para a área da paranormalidade, das percepções extrafísicas (Franco, 2021, p. 30).

Nessa perspectiva, os mitos e a razão se esbarram, se diferenciam e, conseqüentemente, se anulam e onde um vigorava, o outro não se fazia presente. Porém, as manifestações simbólicas não deixaram de existir, apenas transformaram a forma de se fazerem presentes na sociedade, como visto anteriormente. Há uma outra visão que Franco destaca que as ilusões tomam o lugar do simbólico e pontua que “A falência do individualismo industrial, a decadência do coletivismo socialista, deram lugar a novas formas de afirmação, nas quais o inconsciente projeta os seus mitos e assenhoreia-se da realidade, confundindo-a com a ilusão (Franco, 2021, P.50).

A partir daí, dentro da concepção psicológica espírita, há a busca pela felicidade e do prazer a todo custo, a dissociação do indivíduo da coletividade, a decadência de princípios éticos e morais. Segundo Franco, “As virtudes apresentam-se fora de moda, e a felicidade surge na condição de desprezo pelo aceito e considerado, instituindo a extravagância- novo mito- como modelo de autorrealização, desde que choque e agrida o convívio social” (Franco, 2021, p. 50).

Esses comportamentos extravagantes, com intuito de chocar a sociedade e a busca desenfreada pela satisfação pessoal, é visto de maneira muito acentuada, hoje em dia, nas redes sociais. Diante disso, Franco acrescenta que “O perdido “jardim do Édem” da mitologia bíblica reaparece na grande satisfação do “fruto do pecado”, transformando a punição em prazer e desafiando, mediante a continua desobediência, o Implacável que lhe castigou o despertar da consciência (Franco, 2021, p. 50).

Nota-se, então, que há falta de um mito central que garanta o equilíbrio na vida atual dos indivíduos, pois o nascimento da consciência está vinculado à aparição de mitos e toda a estrutura da psique foi desenvolvida através deles. Em mais uma passagem na concepção psicológica espírita destaca-se que,

Antropológica e historicamente, a sobrevivência equilibrada do homem e da sociedade tem estado sempre vinculada à ideia de um mito central, no qual se haurem os valores éticos de sustentação das suas atividades e do seu equilíbrio. Toda vez em que fatores adversos interferem nos mitos humanos, desacreditando aquele que sintetiza as suas aspirações, os homens se encaminham para o caos e se agriem e se perturbam, parecendo haver perdido o rumo (Franco, 2021, p.139).

O desequilíbrio que ocorre por falta de um mito central, pode ser compreendido a partir da teoria do inconsciente, principalmente do inconsciente coletivo que Jung

concebeu e que é integrada pela concepção psicológica espírita no desenvolvimento da sua teoria juntamente com a perspectiva do além túmulo, pois, segundo Divaldo Franco,

As heranças atávicas, que se convertem em arquétipos, no inconsciente individual e coletivo, dizem respeito às realidades do Espírito, em si mesmo responsável pelos resíduos psíquicos, que se transformam nos conteúdos preponderantes para a formação da consciência (Franco, 2021, p. 142).

Dessa forma, entende-se que toda a estrutura da formação da psique baseia-se nas heranças dos antepassados e, mais especificamente na concepção psicológica espírita, naquilo que o espírito acumula de experiências em todas as suas existências e carrega para sua nova encarnação, manifestando através de conteúdos inconscientes e influenciando-o em suas tendências.

Em tempo, segundo a psicologia de Joanna de Ângelis, é importante olhar para essa evolução da psique e compreender que inicialmente os indivíduos conduzem sua forma de vida a partir dos seus instintos físicos e ao longo da existência humana a consciência é formada, sendo emergente desses processos psíquicos anteriores, ou seja, que hoje são considerados processos inconscientes.

Por sua vez, declara, ainda, Jung: “a consciência é a relação dos conteúdos psíquicos com o *ego*, na medida em que essa relação é percebida como tal, pelo *ego*”. E conclui que “as relações com o *ego* que não são percebidas como tal são inconscientes”. Estabelece, ademais, a diferença entre consciência e psique, que esta última “representa a totalidade dos conteúdos psíquicos” e como esses conteúdos, na sua totalidade, não estão vinculados ao *ego*, tais não são consciência (Franco, 2021, p. 141).

Sendo assim, a junção desses conteúdos que se encontram em instâncias psíquicas diferentes é que se realiza o processo de individuação e,

Deste modo, o nascimento da consciência se opera mediante a conjunção dos contrários, como decorrência de uma variada gama de conteúdos psíquicos, que formam as impressões arquetípicas ao fazerem contato com o *ego*, dando surgimento à sua *substância psíquica* e tornando todo esse trabalho *um processo de individuação* (Franco, 2021, p. 140, *itálico no original*).

É na conjunção dos contrários, então, que o indivíduo se torna mais consciente dos vários aspectos de sua personalidade, integrando-os e caminhando rumo a integralidade psíquica.

Contudo, de maneira a compreender como o espírito carrega suas experiências de encarnação para encarnação que constituem os resíduos psíquicos inconscientes, segundo

a concepção psicológica espírita, e como elas interferem no desenvolvimento da psique e na vida dos indivíduos, será analisado como os conteúdos se manifestam.

2.6 O inconsciente coletivo do além túmulo

Inicialmente a psicologia de Joanna de Angelis destaca duas formas de inconsciente: psíquico ou cortical e orgânico ou subcortical. O primeiro está relacionado às estruturas psíquicas herdadas durante todo o desenvolvimento da humanidade e o segundo está relacionado aos instintos físicos. No entanto,

Acreditava-se, anteriormente, que o *ser subcortical* era um amontoado de automatismos sob o direcionamento dos instintos, das necessidades fisiológicas. A moderna visão da Psicologia Transpessoal, no entanto, demonstra que a consciência cortical não possui espontaneidade, manifestando-se sob as ocorrências do mundo onde se encontra localizada. Por isso mesmo, esse *inconsciente* é o Espírito, que se encarrega do controle da *inteligência fisiológica* e suas memórias - campo perispiritual -, as áreas dos instintos e das emoções, as faculdades e funções paranormais, abrangendo as mediúnicas (Franco, 2021, p. 60, *itálico no original*).

Então, essas memórias gravadas no inconsciente são resquícios de lembranças das vidas passadas do Espírito, ou seja, o inconsciente coletivo, para a concepção psicológica espírita, é onde contém todos os registros das experiências vividas em outras existências. Portanto, “Modernamente, a Genética descartou a transmissão cromossômica, encarregada dos caracteres adquiridos. Esse inconsciente coletivo seria, então, o registro mnemônico das reencarnações anteriores de cada ser, que se perde na sua própria historiografia” (Franco, 2021, p. 60).

O inconsciente coletivo dotado de uma força de transformação quando penetrado de maneira profunda, proporciona conteúdos psíquicos íntimos que facilitam a identificação de comportamentos e tendências que refletem na existência atual do indivíduo, mas que possui sua raiz em existências anteriores. Nesse sentido, “A identificação da consciência com esse *Ser profundo* proporciona conquistar a lucidez sobre as realizações das reencarnações passadas, num painel de valiosa compreensão de causas e efeitos próximos como remotos” (Franco, 2023, p.63, *itálico no original*).

O indivíduo, então, indo de encontro a esse inconsciente profundo, deixará de se identificar totalmente com o *ego* e, dessa maneira, os desajustes emocionais e

comportamentais são abrandados. De maneira que, “Diante das possibilidades agigantadas, o indivíduo, lentamente, deixa todos os apegos - remanescentes do *ego*-, todos os desejos- reflexos perturbadores do *ego*-, todas as reações - persistência dominadora do *ego*...” (Franco, 2021, p. 63, *italico no original*).

Libertando-se das amarras do *ego*, conseqüentemente, liberta-se daquelas projeções do inconsciente que podem deturpar a consciência. Uma das formas desse inconsciente ser projetado ou manifestar-se é através da *sombra*. Segundo a concepção psicológica espírita,

No começo é a *sombra* dominante, geradora de impulsos automáticos, inconscientes, herança dos períodos primeiros da evolução, quando se instalam no psiquismo os *instintos primários*, que remanescem em controle das atividades do processo de crescimento. Inconsciente da sua realidade imortal, é atraído para a Grande Luz libertadora, experimentando os embates internos que o desalojam da concha vigorosa onde se encarcera, facultando-lhe os primeiros voos do discernimento e da razão com promessas de plenitude (Franco, 2021, p.14, *italico no original*).

A evolução da psique, passando por esses primeiros processos instintuais até a conquista da unidade de consciência que se utiliza da conexão com o Cosmo, é regida pela Lei Natural e um processo considerado imperativo. Não há estagnação na evolução psíquica e a sua finalidade é sair dos instintos primários para a integração das instâncias psíquicas, ou seja, gozar da felicidade plena. Essa Lei Natural é a revelação da Lei de Amor que Jesus pregou na Terra através dos seus ensinamentos. Dessa forma,

Como efeito inevitável, a inspiração superior vem trabalhando em nome dessa Lei, para que o Espírito modele as asas para a ascensão, através de disciplinas morais e sociais, mediante as quais aprende a dominar os impulsos e racionalizá-los, para que no futuro consiga introjetar o sentimento profundo do amor e, mergulhado consciente na Lei Natural, consiga utilizar-se da intuição ou comunicação direta com o Pensamento Universal espraído em toda parte, ascendendo aos planos da felicidade que almeja (Franco, 2021, p. 14).

Essa Lei Natural, segundo o Espiritismo, encontra-se gravada na consciência e de acordo com a capacidade de cada um, manifesta-se o discernimento entre o bem e o mal e, a partir disso, proporciona orientação sobre autoconhecimento e, conseqüentemente, sobre o comportamento com o outro e no coletivo. No Livro dos Espíritos essa Lei é definida da seguinte maneira:

619- Deus deu a todos os homens os meios de conhecer sua Lei?

- Todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem. Os que a compreendem melhor são os homens de bem e aqueles que querem procurá-la.

Entretanto, todos a compreenderão um dia, porque é preciso que o progresso se cumpra.

A justiça das diversas encarnações do homem é uma consequência desse princípio, visto que, a cada nova existência, sua inteligência está mais desenvolvida e ele compreende melhor o que é o bem e o que é o mal. Se tudo devesse se cumprir para ele numa só existência, qual seria a sorte de tantos milhões de seres que morrem cada dia no embrutecimento da selvageria ou nas trevas da ignorância, sem que tivesse dependido deles se esclarecerem? (171-222).

620- A alma, antes da sua união com o corpo, compreende melhor a lei de Deus do que após sua encarnação?

- Ela a compreende segundo o grau de perfeição que alcançou, e conserva, intuitivamente, a lembrança após sua união com o corpo. Mas os maus instintos do homem fazem-na esquecer.

621- Onde está escrita a lei de Deus?

- Na consciência.

-Posto que o homem carrega na sua consciência a lei de Deus, que necessidade haveria de a revelar?

- Ele a esquecerá e menospreza: Deus quis que ela lhe fosse lembrada (Kardec, Le, Questões 619,620 e 621, itálico no original).

Entende-se, então, que as encarnações servem para a evolução da condição psíquica do indivíduo, fazendo com que alcance a união de todos os aspectos do psiquismo através dessa lei imperativa que é a Lei Natural.

Como dito anteriormente, a Lei Natural está baseada na lei de Amor encontrada nos ensinamentos de Jesus. Dessa maneira, baseia-se nos seguintes requisitos:

876- Fora do direito consagrado pela lei humana, qual é a base da justiça fundada sobre a lei natural?

- O Cristo vo-la deu: Desejai para os outros o que quereríeis para vós mesmos. Deus colocou no coração do homem a regra de toda a verdadeira justiça, pelo desejo de cada um de ver respeitar seus direitos. Na incerteza do que deve fazer em relação ao seu semelhante em uma dada circunstância, o homem se pergunta como ele desejaria que se fizesse para com ele em circunstância semelhante: Deus não poderia dar-lhe um guia mais seguro que a sua própria consciência.

O critério da verdadeira justiça é, com efeito, desejar para os outros o que se desejaria para si mesmo, e não desejar para si o que se desejaria para os outros, o que não é a mesma coisa. Como não é natural querer o mal para si, tomando seu desejo pessoal por modelo ou ponto de partida, se está certo de não se desejar jamais senão o bem para o seu próximo. Em todos os tempos, e em todas as crenças, o homem tem sempre procurado fazer prevalecer o seu direito pessoal. O sublime da religião cristã tem sido de tomar o direito pessoal por base do direito do próximo (Kardec, Le, Questão 876, itálico no original).

Dessa maneira, conciliar seus atos com o outro, consigo mesmo e com os próprios pensamentos é possível apenas praticando o caminho do autoconhecimento, pois, segundo o Espiritismo, apenas através do amor é possível realizar progresso em direção a Deus. Esse progresso refere-se a uma constante reforma íntima. No Evangelho Segundo Espiritismo há uma referência em como compreender o progresso dos indivíduos a partir do desenvolvimento desse sentimento:

O amor resume a doutrina de Jesus toda inteira, visto que esse é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentimento vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais. Ditoso aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com amplo amor os seus irmãos em sofrimento! Ditoso aquele que ama, pois não conhece a miséria da alma, nem a do corpo. Tem ligeiro os pés e vive como que transportado, fora de si mesmo [...] (Kardec, *Esse*, Capítulo 11 Item 8).

Dessa forma, compreende-se que através do amor é possível fazer a reforma íntima e doar aos outros o que há de melhor. Esse sentimento sublime é considerado pela concepção psicológica espírita da seguinte maneira:

Integrando as moléculas como condição de força de atração para a formação do conjunto, no ser humano é o sentimento mais profundo de afetividade que fomenta a felicidade e desenvolve o progresso, transformando a face áspera e desgastando as arestas das imperfeições que predominam em a natureza animal, afim de se revelar em plenitude aquela outra que é de ordem espiritual (Franco, 2021, 34).

Esse progresso em que liberta o indivíduo dos atavismos do inconsciente e promove a sua evolução espiritual e psíquica, é possível através das reencarnações. Com isso,

No processo de crescimento moral, através da reencarnação, o ser aprimora os conteúdos íntimos, lapidando as arestas e libertando-se das várias camadas de inferioridade por onde transitou ao longo da jornada evolutiva, quando se foi despiando dos condicionamentos e impulsos para alcançar a consciência da razão e do discernimento, antegozando o período futuro da intuição ou integração na Consciência Cósmica (Franco, 2021, p. 47).

Dessa maneira, a reencarnação é um processo em que o espírito retorna do mundo espiritual para o mundo físico, em uma nova vida corpórea e que ocorre diversas vezes até que esse espírito tenha desenvolvido toda a sua potencialidade de maneira plena. Posto isto, o Espiritismo compreende a necessidade da encarnação da seguinte maneira:

É um castigo a encarnação e somete os Espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la?

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas, a encarnação, para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhe impões, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem [sic] rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam a sua marcha e, tal seja a obstinação que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação e é quando se torna um castigo. – S. Luís. (Paris, 1859) (Kardec, Esse, Capítulo 4 Item 25).

Posto isso, através das reencarnações é realizada o desenvolvimento psíquico e intelectual do indivíduo, promovendo a cada encarnação a clareza necessária para superação das mazelas interiores e, conseqüentemente, a integração da psique. Portanto,

A reencarnação, desse modo, é também processo psicoterapêutico de amor divino, de justiça magnânima, que a todos faculta os meios de evoluir a esforço pessoal, dignificando e identificando cada criatura com as suas conquistas pessoais intransferíveis, que se desenvolvem mediante a liberação da retaguarda das trevas de ignorância e de perversidade no rumo de um permanente presente de realizações e de paz (Franco, 2021, p.51).

Dessa forma, o indivíduo, em cada encarnação, está diante a Lei Natural gravada em sua consciência e possui o livre arbítrio para segui-la ou não, e a marcha de sua evolução depende diretamente de sua conduta. Diante disso,

Com efeito inevitável, a inspiração superior vem trabalhando em nome dessa Lei, para que o Espírito modele as asas para a ascensão, através de disciplinas morais e sociais, mediante as quais aprende a dominar os impulsos e a racionalizá-los, para que no futuro consiga introjetar o sentimento profundo do amor e, mergulhado conscientemente na Lei Natural, consiga utilizar-se da *intuição* ou comunicação direta com o Pensamento Universal espreado em toda parte, ascendendo aos planos da felicidade que almeja (Franco, 2021, p. 14).

Contudo, o pensamento universalista, integrado e em união com o cosmo, avança sobre as mazelas do espírito e vai de encontro com a evolução da psique e, conseqüentemente, com a espiritual, segundo a concepção espírita, declarando que,

O mundo, examinado sob a óptica teológica à luz da Psicologia Profunda, é um educandário de desenvolvimento dos recursos espirituais do ser em trânsito para o Reino dos Céus (Franco, 2021, p. 21).

Cabe, então, valer-se da análise desses elementos a serem superados, através da visão psicológica espírita, para compreender como é realizado o desenvolvimento dos recursos espirituais que impactam diretamente na integração da psique.

Para entender como as sombras individuais e coletivas são analisadas pela concepção psicológica espírita, faz-se necessário voltar o olhar para o momento após as fases de desenvolvimento da psique através dos mitos e que surge uma repressão das várias expressões de liberdade do indivíduo em um passado remoto. Posto isso, Franco destaca o contexto religioso coercitivo e suas consequências, pontuando que,

Os dogmas perversos naquela cultura ainda primitiva, na qual predominava a força do poder temporal, mesclado com o religioso disfarçado nas *sombras coletivas* dos dominadores, impediam a compreensão do ensinamento de Jesus que procedia de outras Esferas, portanto, de uma feliz morada que a mente humana de então não dispunha de meios para entender (Franco, 2021, p. 38, *itálico no original*).

Entende-se, portanto, que havia uma deturpação dos ensinamentos de Jesus e sua espiritualidade, o que causava um pensamento de subversão e temor à Deus, dando espaço às crenças de punição, surgindo as sombras coletivas. Posto isso,

A terra, então, considerada como centro do Universo, era o núcleo fundamental do pensamento cultural e religioso, estabelecendo que o *Reino dos Céus* se desenhava em torno do globo como se fosse também um dos áulicos girando à sua volta, sempre acima, porque abaixo se encontrava o inferno de punição eterna, compatível com a *sombra coletiva* encarregada de coibir o desenvolvimento e o comportamento da sociedade (Franco, 2021, p. 38, *itálico no original*).

Sendo assim, a forma de coerção de comportamentos, manipulação das massas e manutenção de poder era através do sistema de sombras coletivas, como a existência do inferno e de purgatórios. Essa maneira deturpada é esclarecida por Franco da seguinte maneira:

Toda a terapêutica proposta por Jesus é libertadora, total e sem recuo. Ele não se detém à borda do problema, mas identifica-o, despertando o problematizado oral com a consciência, a fim de que *não lhe aconteça algo pior*, quais sejam a amargura sem consolo, a expiação sem alternativa, o impositivo do resgate compulsório (Franco, 2021, p. 62, *itálico no original*).

Percebe-se, então, que a terapêutica adotada por Ele é sobre identificar as raízes dos problemas inconscientes - sombra, anima ou animus - ou não, travar um diálogo com a consciência para que haja uma reflexão sincera e renovadora de pensamentos e comportamentos. Aquilo que não é acolhido pela consciência provoca desarmonia e desajustes no indivíduo e sua forma de se relacionar com o meio. Assim,

Por constituir um desequilíbrio daquele que o pratica, o escândalo, sob o ponto de vista da Psicologia Profunda, é manifestação da *sombra* que permanece em vertiginosa expansão no ser humano, gerando vícios e hábitos mórbidos que levam a desaires profundamente perturbadores, já que terminam por afetar aqueles que lhe compartilham a convivência, a afetividade (Franco, 2021, p. 73, itálico no original).

Dessa forma, a sombra na concepção psicológica espírita, representa todas as mazelas do espírito que não foram eliminados com a morte do corpo físico e diz que “Felizmente, a moderna Psicologia Profunda, mediante a visão transpessoal, eliminando toda a *sombra* do indivíduo e da coletividade, identifica as causas reais desses distúrbios decorrentes de processos mentais enfermicos que a morte não eliminou” (Franco, 2021, p.89, itálico no original) e complementa que,

Toda vez que o indivíduo, descredenciado legalmente, procede a um julgamento caracterizado pela impiedade e pela precipitação, realiza de forma inconsciente a projeção da *sombra* que nele jaz, desforçando-se do conflito e da imperfeição que lhe são inerentes, submetido como se encontra à sua crueza escravizadora em tentativa de libertar-se (Franco, 2021, p. 93, itálico no original).

A forma com que Jesus apontava para que o indivíduo se utilizasse das Leis internas para reger seus pensamentos e comportamentos é destacada por Franco na tentativa de indicar o início da libertação dos conflitos e imperfeições e destaca que “Jesus utilizou-se da criança como modelo de pureza, de inocência, em razão, do discernimento do Bem e do Mal – essa fantástica conquista do *Self* – não obstante as experiências anteriores na sua condição de Espírito imortal que é. [...]” (Franco, 2021, p. 68, itálico no original).

A maneira simbólica que Jesus utilizou para estabelecer o bem e o mal, onde serviu-se de exemplo da criança, é sobre o entendimento do sentimento puro e livre das amarras das sombras coletivas da sociedade em que o indivíduo se vê imerso no seu desenvolvimento da personalidade até atingir a fase adulta. Portanto, a necessidade da integração da psique que proporciona clareza dos sentimentos e comportamentos, o olhar sincero para com as suas próprias necessidades e conduta, o que faz sentido para sua própria existência, é necessário para seja separado o que lhe é próprio e o que é demanda exterior. Assim,

O bem e o mal – essa dualidade *luz e sombra* -, em que se debate o Espírito humano, representam o futuro e o passado de cada ser humano no trânsito evolutivo. O primeiro, à luz da psicologia Profunda, é o autoencontro, a liberação do *lado escuro* plenificado pelo conhecimento da verdade, enquanto o outro são as fixações do trânsito pelos *instintos primários*, que ainda vicejam nos

sentimentos e na conduta, aguardando superação (Franco, 2021, p. 42, *italico no original*).

O lado escuro do espírito, na concepção psicológica espírita, é responsável pelas desordens emocionais quando este encarna e,

Muitos dos distúrbios psicóticos e neuróticos, superficiais ou profundos, estão sediados nas estruturas vibratórias das vivências transatas, quando houve delito ou tragédia, que se imprimiram nos painéis do inconsciente profundo – as tecelagens ultradelicadas do perispírito – e ficaram adormecidas nos refolhos do ser ou programaram a organização psicofísica com os fatores correspondentes à necessidade de terapia moral (Franco, 2021, p. 49).

Portanto, nessa perspectiva, os conteúdos conflitivos manifestados pelos indivíduos, são originados pelo desequilíbrio psíquico e, conseqüentemente, desemboca na manifestação da sombra que é originada a partir desses estados perturbadores da mente e herança das existências em desajustes com a Lei Natural.

Diante disso, entende-se que os transtornos mentais estão no além tûmulo, ou seja, na existência do espírito que tem suas experiências terrenas e tem seus aspectos manifestados durante a existência carnal. Em completude ao que foi dito, destaca-se que “Aprofundando a sonda na investigação da origem de algumas psicogêneses de diferentes enfermidades físicas, emocionais e psíquicas, defrontar-se-á com a existência da vida antes do berço e sua continuação após o tûmulo (Franco, 2021, p. 49). Portanto, nesta visão, há um imperativo de reencarnações sucessivas de maneira que todos os aspectos da personalidade sejam integrado, aprimorados e alcancarem o estado de consciência plena.

No que se refere a concepção psicológica espírita que tem como base a terapêutica de Cristo, como já mencionado algumas vezes, é considerada recuperadora e uma forma de evitar novos erros durante a existência terrena. Clareando mais a noção sobre a sombra, Franco destaca que,

Conhecendo a causalidade que desencadearia as aflições, que são conseqüências funestas das ações anteriores infelizes que as geraram, propõe como recurso melhor, para a total liberação do seu contingente perturbador, a conquista da luz interna, superando toda a *sombra* que permeia nas consciências (Franco, 2023, p. 59, *italico no original*).

Entende-se, contudo, que de acordo com as atitudes do indivíduo, como o seu comportamento, moral, pensamentos e formas de lidar com o outro, resulta em um aglomerado de reações às ações que podem escravizar ou libertar. A existência da sombra

que aliena a psique, ou seja, a escraviza, torna a existência conflitiva e desajustada. Portanto, “Enquanto não seja diluída essa *sombra*, facultando o entendimento das responsabilidades e dos compromissos que favorecem o progresso, mais se aturde na escuridão aquele que deseja encontrar rumos que não são visíveis” (Franco, 2021, p. 61, *itálico no original*).

Essas reações às ações do indivíduo nada mais é do que a Lei Natural se fazendo presente na sua regência do Universo e “Mediante o amor, o ser descobre o sentido existencial, tornando-se humano, isto é, adquirindo sentimento de humanidade nele prevalecente, compreendendo a necessidade de compartilhar com o seu irmão o que tenha, mas também de repartir o quanto enriquece” (Franco, 2021, p. 61).

Diante a esse imperativo de ação e reação, o indivíduo evolui na medida em que ressarce seus erros cometidos consigo e com os outros, aprimorando as tendências superiores e cultivando a harmonia dos contrários - consciente e inconsciente -.

Além da sombra como aspecto inconsciente a ser integrado na consciência, há aspectos femininos e masculinos da psique que também necessitam da integração e harmonização entre eles. Aqui não se refere ao ser anatômico e nem sexuais, mas sim como aspectos psicológicos. Dessa maneira, “A consciência, por sua vez, é *yang* (masculino, racional, extrovertido, alegre, positivo) e a inconsciência é *Yin* (feminino, introvertido, melancólico, negativo), harmonizando-se num conjunto de equilíbrio” (Franco, 2021, p 66, *itálico original no texto*).

O equilíbrio entre os elementos masculino e feminino é importante para o progresso rumo à individuação de acordo com a concepção psicológica espírita. Contudo, como na sombra, há conflitos e embates interiores para que ocorra mudança do estado psíquico atual. De maneira que,

Naturalmente, para sair da inconsciência, da introspecção para a lucidez, ocorre um choque entre como se *está* e o que se *é* - centelha divina ergastulada na carne -, resultando em momentâneo desequilíbrio emocional, que decorre da *saudade* de como se vive e *ansiedade* pelo que se pretende e deverá alcançar. Por efeito, quase sempre se estabelece um conflito interior, no qual predomina o passado com suas heranças atávicas, às quais se estava habituado, e os apelos da felicidade liberada de formas e limites, porém ainda desconhecida (Franco, 2021, p. 67, *itálico original no texto*).

Em meio a esse processo evolutivo de deixar o que se pensa ser e ir em busca da sua real essência, há um inevitável embate com as próprias demandas e a do meio externo.

Consequentemente, maneiras de se expressar e se comportar no mundo podem estar em desajustes com sua própria verdade interior. Dito isso, entende-se que “[...]Sob a máscara da personalidade, encontram-se expressões insuspeitáveis da realidade, que somente a longo tempo e com o auxílio das lentes da percepção profunda se consegue identificar” (Franco, 2021, p. 69).

Contudo, a integração das funções psicológicas é o caminho para o equilíbrio da vida interior e, consequentemente, exterior, provocando o despertar para as responsabilidades de mudanças de comportamentos, morais, éticas e realinhando com a Lei Natural. De maneira que “O panorama complexo faz-se delineado desde o despertar da responsabilidade em torno da vida, passando a desenvolver todas as possibilidades latentes como condição de herança de Deus no imo de cada ser” (Franco, 2021, p.68).

Em meio a busca de compreensão de integração da vida interior e o contato com a mesma, surge a necessidade de compreendermos como a concepção psicológica espírita explica como nos colocamos no meio externo através da construção da personalidade do indivíduo, sendo ela mais ou menos deturpada.

2.7 Construção da personalidade e das funções psíquicas nas várias existências

Em se tratando da concepção psicológica espírita, a evolução do espírito ocorre nas diversas vidas experimentadas e em cada uma exige-se uma maneira de se construir e comportar devido ao momento específico vivido encarnado, proporcionando novos conhecimentos e repertório para que a evolução psíquica e espiritual seja possível. Portanto,

Na larga viagem da evolução, o Espírito assume inumeráveis expressões comportamentais que lhe imprimem características, a princípio inconsciente, para em caráter de lucidez burilá-las e ultrapassá-las, qual foco irradiante de luz, momentaneamente velada por uma lâmina de vidro embaçada, que se libertou da película impeditiva (Franco, 2021, 69).

Dessa forma, as várias experiências durante a existência oferecem uma gama de valores éticos, morais e sociais que são fundamentais para que a seleção desse repertório aconteça de acordo com a Lei Natural inata. Sem esse acordo, as angústias e os conflitos

psicológicos são desenvolvidos pelo indivíduo e, “Essas manifestações, que defluem das heranças perturbadoras, formam o quadro dos transtornos psicológicos e outros, que maceram o ser e o levam a estados de angústia, de inquietação, de desordem mental ...” (Franco, 2021, p. 70).

As desordens mentais também se manifestam pela identificação patológica do indivíduo com atitudes, conceitos, comportamentos, pensamentos, valores éticos e morais que não estão de acordo com seu interior e, na concepção psicológica espírita, não estão de acordo com a Lei Natural consequentemente. Essas identificações ocorrem devido a necessidade que o indivíduo sente de estar integrado a um grupo social ou a um modelo de vida que não condiz com a sua verdade interior, de maneira que “Considerando que o inter-relacionameto pessoal é uma arte de dissimular sentimentos, afivela a máscara correspondente a cada momento e varia conforme as circunstâncias, ocasiões e pessoas com as quais se comunica” (Franco, 2021, p.84).

Em meio a isso, há um embate íntimo sobre o que se é, perdendo a capacidade de julgar a realidade interna da externa, passando a vivenciar a morte dos significados reais para si e conduzindo o indivíduo a se identificar com o que é socialmente demandado, podendo ceder condutas desajustadas. De maneira que “Superados os momentos de convívio no baile de máscaras a que se reduzem os seus encontros sociais, a identificação da pusilanimidade propõe-lhe o desrespeito por si mesmo, a perda da auto estima, o transtorno de comportamento neurótico” (Franco, 2021, p. 85).

Portanto, essa identificação ocorre da seguinte maneira: “[...] Sob a *máscara* da personalidade, encontram-se expressões insuspeitáveis da realidade, que somente a largo tempo e com o auxílio das lentes da percepção profunda se consegue identificar” (Franco, 2021, p. 69, *itálico original no texto*).

No que se refere à “*máscara* da personalidade”, trata-se da distorção da realidade interna e, consequentemente, da externa, gerando prejuízos psicológicos ao indivíduo, de seu posicionamento diante de si, da sociedade e da vida. Dessa maneira,

Avaliados os obstáculos impeditivos ao crescimento íntimo, fácil se torna investir coragem e decisão, a fim de extirpar a carga de inferioridade que, por sua vez, embora proporcione sensações de prazer, também fomenta infortúnio, insatisfação, ansiedade, tormento – sofrimentos, pois, inecessários, por serem destituídos de valor, de edificação real (Franco, 2021, p. 73).

A cargo de vencer as distorções e identificações patológicas da personalidade, a avaliação sincera de si mesmo é o meio para gerar uma força criadora e resolutive dos conflitos presentes. De maneira esclarecedora, Franco diz que “A resolução para o autoconhecimento faz-se acompanhar do desejo de transmutar os sentimentos servís em emoções sutis, [...]” (Franco, 2021, p. 73) e, completando o pensamento, acrescenta que

Duas circunstâncias propõem a criatura ao avanço iluminativo: a insatisfação sistemática, que passa a considerar outras formas de bem-estar – amizade, serviço fraternal, interesse comunitário -, ensejando o abandono paulatino dos velhos e arraigados hábitos para as novas experiências da solidariedade, do progresso do grupo social, da beleza. O segundo instrumento propiciador do avanço é a reencarnação, na qual os impulsos de crescimento espiritual – após o cansaço nos patamares da perturbação – propõe para a vivência dos princípios morais e as transmutações pessoais, intransferíveis (Franco, 2021, p. 74).

Diante disso, compreende-se, pela concepção psicológica espírita que a individuação é imperativa, ou seja, através do estado de insatisfação, consequências dos atos e das reencarnações, acontece a mudança íntima e verdadeira, compulsória ou de boa vontade, de maneira que “Todo o curso da evolução (tomada de consciência) tem como estrutura o autoconhecimento – que proporciona o autoamor -, passo decisivo para que essa força criadora desabroche com todas as potências que lhe são pertinentes” (Franco, 2021, p. 76).

Em meio a esse pensamento direcionado à tomada de consciência direcionada ao espírito, pontua-se a importância de observar a condição biológica que acarreta diversos problemas psicológicos e neurológicos, impactando diretamente no comportamento psicossocial do indivíduo. Diante disso, esclarece-se que

Na gênese profunda dos transtornos de comportamento da criatura humana, forçoso é reconhecer a ação poderosa da hereditariedade, destacando-se como causa endógena de gravidade. Além dela, anotamos as que se derivam do quimismo cerebral em desconcerto, ao lado de outros fatores que se apresentam como sequelas de enfermidades infecciosas, de distúrbios psicossociais, socioeconômicos, do inter-relacionamento pessoal, de traumatismos cranianos, etc (Franco, 2021, p. 81).

Contudo, de maneira pontual, a concepção psicológica espírita não ignora esses fatos quando se trata da análise da saúde mental e do desenvolvimento das funções psíquicas do indivíduo.

De maneira a completar essa observação, no Espiritismo, os problemas psicológicos quanto os físicos e o ambiente onde o indivíduo reencarnou, refere-se ao processo de consequências dos atos do mesmo nas existências anteriores, proporcionando

a condição necessária para o avanço da evolução. Ou seja, os desajustes psicológicos, físicos e sociais estão relacionados com a condição do espírito e por isso não há como separar essas esferas de acordo com a concepção espírita.

Portanto, “Nunca se deve esquecer que qualquer indivíduo incurso em transtornos psíquicos de comportamento, como ocorre em outras problemáticas geradoras de sofrimentos, é o devedor em processo de resgate, é consciência culpada que busca tranquilidade” (Franco, 2021, p. 82). Portanto, nada mais é do que o processo imperioso da senda da evolução e,

Aprofundando, porém, a sonda da pesquisa no ser, vê-lo-emos enfraquecido pelos efeitos da conduta ancestral reprochável, quando das experiências evolutivas em reencarnações passadas. O trânsito pelas vias do progresso, onde ele evolui passando do instinto à razão e desta à intuição, é largo, decorrendo, cada etapa, dos logros da anterior, em que armazena conhecimentos e sentimentos, os quais contribuem para a marcha ascensional, ao mesmo tempo desenvolvendo-lhe as aptidões que dormem latentes no mundo íntimo. Fadado à perfeição, na consciência está impresso o código dos deveres que lhe estabelecem as diretrizes de comportamento. Violadas essas linhas éticas, automatismos de consciência ultrajada impõem-lhe ressarcimento do que esbanjou, recuperação do patrimônio moral malbaratado. Recomeço da atividade que necessita de reeducação... (Franco, 2021, p. 81).

Em consonância à vivência desses comportamentos automáticos e consciência em desacordo com a Lei Natural, como culpa, remorso, angústia por exemplo, há uma crença no Espiritismo que existe uma atração de espíritos que comprazem desses sentimentos inferiores podendo intensificar o sofrimento mental dos indivíduos. Diante disso, a concepção psicológica espírita não descarta a possibilidade de influências espirituais negativas que geram alterações profundas de comportamento e pensamento. Portanto,

[...] em face do nível de culpa, abrem-se as comportas da percepção e o paciente experimenta a captação de mensagens telepáticas dos adversários espirituais, aumentando-lhe o pânico íntimo, o distúrbio mental em relação ao equilíbrio, à realidade objetiva. Perde o direcionamento da conduta, o discernimento claro, as medidas do racional, e derrapa na alienação, que o afasta do processo mantenedor da experiência evolutiva (Franco, 2021, p. 83).

Considera-se então a vida espiritual e suas consequências no físico e mental, sendo o indivíduo o único responsável pelas problemáticas adquiridas nessas três esferas.

Em se tratando de sentimentos negativos que os indivíduos carregam muitas vezes de uma vida para a outra é reflexo da carga emocional registrada no subconsciente que são resultados de atos delituosos e contrários à Lei Natural. Sendo assim, entende-se que “Todos os conteúdos psíquicos que não podem ser apreendidos e catalogados pela

consciência lúcida compõem o subconsciente. Inúmeros deles permanecem na condição de recalques que, não obstante, liberam-se em condições especiais” (Franco, 2021, p 91).

O cérebro, portanto, é comparado a um computador pela concepção psicológica espírita, que pode ser programado e transformado através dos pensamentos. Acredita-se que no subconsciente é registrado todos os sentimentos, comportamentos, afetos, antes de serem levados ao inconsciente. Sendo assim,

É uma parte do subconsciente responsável pela memória, pela vida psíquica e sentimental, que elabora os padrões do comportamento social e moral. Normalmente aflora nos estados oníricos, cuja ação é preponderante, e nos transtornos neuróticos que resultam das suas fixações perturbadoras (Franco, 2021, p. 92).

De acordo com o que o indivíduo pensa, constrói seu padrão psíquico e “Cada um elabora o próprio programa de sucesso ou fracasso, mediante atitudes que se transformam em bases de segurança da existência, irradiando os seus conteúdos psíquicos conforme as qualidades vibratórias de que se constituem” (Franco, 2021, p. 93).

Com isso, existindo uma constância nas escolhas de pensamento e comportamento, constrói-se um alicerce e modifica, aos poucos, a estrutura subconsciente e,

Assim sendo, quem deseje a paz e anele pela saúde, pelo equilíbrio, pelo sucesso, não cesse de autoinduzir-se, cultivando os pensamentos vitalizadores das aspirações até anular aqueles que se encontram nos arquivos do subconsciente, que passará a exteriorizar-se com os conteúdos correspondentes da atualidade, das novas fixações psíquicas e emocionais (Franco, 2021, p. 94).

Portanto, como já dito, todo indivíduo possui em seu interior, o potencial necessário para a evolução psíquica e espiritual, que contribui para modificação de padrões infelizes que podem ser adquiridos nas várias existências.

O *Self*, na concepção psicológica espírita, é reconhecido como o que carrega as impressões das diversas existências, agindo sob todas as esferas psíquicas, de maneira que “O *Self* prepondera no conjunto, quando lúcido e desperto, fixando nas telas do subconsciente, viciado pelas reencarnações infelizes, as aspirações superiores de que se faz portador, na marcha do progresso para a total realização” (Franco, 2021, p.94, *italico original no texto*).

De forma mais esclarecedora, o *Self* é a chave principal para realizar o caminho da individuação, pois a partir do momento que o indivíduo da vazão aos conteúdos que

nele se demoram, há uma boa comunicação entre as instâncias psíquicas e é “Indispensável que o *Self* predomine desperto no indivíduo, contribuindo para a sua realização, segurança e plenitude” (Franco, 2021, p. 85).

Dar atenção a estes conteúdos internos é reconhecer o material que precisa ser ressignificado para dar lugar ao novo. Para isso, “É imperiosa, periodicamente, uma atitude enérgica, equivalente, em relação aos depósitos do subconsciente, em favor da autorrealização. Retirar o entulho psíquico torna-se fundamental para uma existência saudável” (Franco, 2021, p. 95).

No entanto, a renovação psíquica parte de um ato consciente em que o indivíduo está disposto a se livrar de padrões de comportamentos e pensamentos velhos e prejudiciais. É entrar na senda do autoconhecimento disposto a reconhecer todas as suas mazelas e mudar seu padrão psíquico, repercutindo, conseqüentemente, no posicionamento e enfrentamento de sua existência. Sendo assim,

Necessário, portanto, penetrar-se mentalmente, a fim de avaliar as impressões infantis arquivadas, as pessoas-modelos gravadas, os choques não absorvidos, os fantasmas criados pela imaginação e os medos cultivados pela fantasia lúdica, reavaliando-lhes os significados e selecionando-os, de modo a libertar-se de todos aqueles que são afligentes, e preservando as impressões enriquecedoras, aquelas que proporcionam bem-estar. Nessa tarefa cumpre que a ação se faça destituída de autocompaixão, de autocritica, de autopunição, de autojustificação. Mediante a coragem de quem vislumbra e se dirige para uma meta de segurança, sem saudades do que passou, deve fazer a seleção do material e analisa-lo serenamente, a fim de renovar-se (Franco, 2021, p. 96).

A fim de realizar esta imersão em seu interior, a concepção psicológica espírita, então, afirma que é necessária uma reprogramação mental que pode ser feita da seguinte maneira:

Utilizando-se da autossugestão, dos recursos mnemônicos positivos, da visualização e da prece, reabastece-se de valores que, hoje arquivados, irão estimular os centros do desenvolvimento psíquico e moral, que ressumarão no futuro como sensações de paz, de clareza mental, de impulsos generosos, de atitudes equilibradas (Franco, 2021, p. 97).

De maneira geral, a atitude consciente de buscar a renovação interior é importante para que a probabilidade de cair nas justificativas egóicas e vitimistas dos próprios erros devido a desajustes emocionais e psíquicos sejam reduzidas. Permitindo, assim, que o desenvolvimento das funções psíquicas e da personalidade possam atingir patamares elevados.

2.8 A capacidade reveladora dos sonhos

Os sonhos são conhecidos, muitas vezes, por seu conteúdo sem nexos e transmitir ao indivíduo impressões ruins ou boas. Na concepção psicológica de Joanna de Ângelis, os sonhos possuem grande significação para o entendimento do psiquismo, revelam lembranças do além túmulo e estão associados também ao subconsciente¹⁹. De maneira geral,

[...] Originados, na sua maioria, na área do subconsciente, revelam mais a respeito do ser humano do que se pode suspeitar em uma análise apressada. Nessa faixa estão arquivadas as memórias dos acontecimentos vividos, quanto daqueles que foram observados desde a infância, liberando-se nos momentos de sono e apresentando-se de formas variadas, inclusive perturbadoras (Franco, 2021, p. 98).

Essas memórias arquivadas referem-se àquilo que não é digerido pela consciência e são represadas no subconsciente de maneira que pode ser prejudicial à saúde psíquica e comportamental do indivíduo. Segundo a concepção psicológica espírita,

Anseios e medos não digeridos, ocorrências incompreendidas e palavras como gestos agressivos, educação castradora, interrogações sem respostas, que se transformam em conflitos da personalidade, prosseguem aguardando esclarecimentos, liberação, que se representam na área dos sonhos. Os mais antigos, porque mais preservados pela maneira repetida como foram arquivados, ressumam com frequência, produzindo estados oníricos tumultuados, apavorantes, que se transformam com o tempo em problemas graves na conduta e nos relacionamentos interpessoais (Franco, 2021, p. 98).

Além da manifestação de conteúdos represados no subconsciente das situações indesejáveis através dos sonhos, há também manifestação de conteúdos que provocam bem estar de acordo, também, com aquilo que é vivenciado e pensado no decorrer da existência.

Acredita-se, nesta concepção, em um terceiro ponto de manifestação nos sonhos que é a vivência do espírito fora do corpo durante o sono. De maneira que, “Sem dúvida, em muitos casos, o Eu superior, O Espírito, em se deslocando do corpo, realiza viagens e mantém contatos com outros, cujas impressões são registradas pelo cérebro e se reapresentam benéficas, gratificantes, no campo onírico” (Franco, 2021, p. 98).

¹⁹ O termo subconsciente é usado na concepção psicológica de Joanna de Ângelis.

As impressões boas ou ruins, tanto da repressão de conteúdos durante a vigília e quanto das vivências do espírito fora do corpo durante o sono, estão associadas ao que se cultiva de pensamentos, de forma que:

A questão reside no material pensante que se cultive, armazenando-o nos depósitos do subconsciente, e assumindo o controle dele através de pensamentos e ações conscientes. Porque não tem os recursos da crítica e do discernimento, a sua função é estática, a de guardar todo o material que se dirige ao inconsciente: não pode selecionar o que arquiva, que enquanto aí permanece pode assomar à consciência ou direcionar-se aos registros profundos da inconsciência (Franco, 2021, p. 99).

Entende-se, então, que há uma “programação de sonhos bons”, onde é possível programar e reprogramar o subconsciente para que seja limpo de todas as mazelas ali depositadas, proporcionando a melhora da qualidade do conteúdo nesta instância e, ainda segundo a concepção psicológica espírita, a melhora da vibração energética do indivíduo que começa a receber auxílio dos espíritos benevolentes. A partir disso,

Com a sucessiva repetição desses requisitos far-se-ão diluídas as impressões angustiantes e negativas dos processos perturbadores arquivados, que cedem área a esses novos procedimentos. E logo mais, integrados nos alicerces da personalidade, volverão à tona, à consciência, na lucidez, assim como nos sonhos, abrindo possibilidades a intercâmbio com outros Espíritos, que se sentirão atraídos e buscarão transmitir mensagens de conforto, de apoio e de beleza (Franco, 2021, p. 100).

De fato, esta reprogramação não é linear e há necessidade de persistência em mentalizar pensamentos positivos e alerta para que “Ninguém espere milagres de ocasião, no que diz respeito à programação da própria vida. Cada qual respira, no clima onde reside, o ar que elabora” (Franco, 2021, p. 100).

A mudança do quadro mental requer resiliência para que seja possível criar novos padrões psíquicos e emocionais que impactam positivamente no pensamento, comportamento e sonhos. “Dessa forma, poder-se-á, parafraseando o velho brocardo popular, asseverar: - Dize-me o que sonhas e eu te direi quem és e qual futuro terás” (Franco, 2021, p. 101).

Contudo, para a concepção psicológica espírita, o desejo da renovação das atitudes mentais e comportamentais é sempre a chave principal para a mudança de conduta e revisitar esse desejo é a forma eficaz de se manter no caminho da autoiluminação.

2.9 Conquista do Si

Diante da concepção psicológica espírita existem algumas bases que são importantes para realizar o caminho da individuação compreendida até agora: o desejo de mudança através da reprogramação da mente e a conquista de sentimentos nobres. Isso significa desprender-se do instintual e mergulhar no processo de amadurecimento psicológico. De maneira que,

Nesse processo, o ser é prisioneiro dos desejos imediatos e grosseiros da sobrevivência, com *insight* de percepção da harmonia, do equilíbrio, das alegrias, que não decorrem do estômago ou do sexo. Lentamente, à medida que supera o egocentrismo do seu estágio infantil, desabrocham-lhe os sentimentos de valores morais, de conquistas intelectuais, culturais, artísticas, idealísticas (Franco, 2021, p. 142, *italico no original*).

A partir desse processo de superação do ego, existem três passos que são característicos e importantes, sendo eles:

O primeiro, e certamente o mais importante sentimento a romper o presídio dos instintos, é o amor. De começo, mediante a vinculação atávica com os genitores, os familiares, o grupo social que o protege, as pessoas que lhe propiciam o atendimento das necessidades fisiológicas.

Logo depois, embora o desenvolvimento se faça inevitável, apresenta-se egoístico, retributivo, ainda vinculado aos interesses em jogo.

Somente quando canalizado pela mente e pelo conhecimento, agiganta-se, constituindo-se objetivo do mecanismo existencial, capaz de se libertar dos efeitos rigorosos dos instintos (Franco, 2021, p. 142).

A libertação das amarras do ego, para a concepção psicológica espírita, está vinculada ao desenvolvimento do sentimento de amor, ou seja, só através dele que é possível desenvolver o amadurecimento emocional, libertando o indivíduo das inadequações mentais e comportamentais que surgem a partir das identificações egóicas, de maneira que,

Somente quando é capaz de embelezar a existência, proporcionando vida psíquica e emocional enriquecedora, é que se faz legítimo, com os recursos que o libertam do *ego*. Predominando na fase da transição – do instinto para o sentimento –, o *ego* é o ditador que comanda as aspirações, que se converte em conflitos, por direcionamento inadequado das forças íntimas (Franco, 2021, p. 143).

Em consonância ao que foi falado até o momento, a necessidade de refletir sobre os pensamentos ou comportamentos negativos e instituais, é importante para gerar a reprogramação do subconsciente com o intuito de desenvolver uma nova vida psíquica e para “[...] libertar-se dessa constrição faz-se imprescindível racionalizá-lo,

descondicionando o subconsciente, retirando os estratos nele armazenados e substituindo-os por ideias otimistas, aspirações éticas” (Franco, 2021, p. 143).

De maneira a entender, substancialmente, sobre as batalhas que o ego enfrenta para sair do primitivismo e ir ao encontro do Si-mesmo ou *Self*, entende-se que,

Nas fases primeiras, esse ego desempenha papéis relevantes, tais: o da preservação da vida, dos direitos a prazer (transitórios), do atendimento das necessidades (fisiológicas), dos valores pessoais. Infelizmente, fixa-se, constritor, e passa à condição de algoz, dominando as paisagens do ser e sombreando-as para permanecer em predomínio. Elastecendo-se a visão e apontando-lhe o Si, reage com violência e estertora-se à medida que perde espaço psicológico, até ser ultrapassado em vitória culminante (Franco, 2021, p. 162).

Quando a visão começa a sair da ordem apenas dos desejos, realiza o caminho de encontro ao *Self*, e parte para uma consciência em expansão sobre todos os aspectos do pensamento. Há maior clareza sobre a vida psíquica, proporcionando equilíbrio entre as forças da razão, sentimentos e instintos. Há conhecimentos dos aspectos negativos da personalidade, permitindo, assim, que o indivíduo se re programe e, a cada vez mais, conquistando luz para a vida psíquica. Portanto, “O Si profundo, pleno, é semelhante à transparência que o diamante alcança após toda a depuração transformadora que sofre no silêncio da sua sutilização molecular, libertando-se de toda imperfeição interna por que passa e de toda a ganga que o reveste” (Franco, 2021, p. 162).

A harmonia de todos os aspectos do psiquismo é conquistada a cada vez que nos prontificamos a realizar o caminho de encontro com a individuação, ou seja, deixar que o *Self* floresça e realize a limpeza dos medos, dos automatismos, das vicissitudes, de maneira que os aspectos negativos da personalidade sejam rompidos e as renúncias necessárias a serem realizadas sejam acolhidas pelo indivíduo permanentemente.

2.10 Apontamentos e reflexões

O rompimento com a visão puramente materialista que a concepção psicológica de Joanna de Ângelis proporciona e a perspectiva de uma espiritualidade desvinculada de uma religião, mas comprometida em analisar como que a partir das palavras de Jesus Cristo pode-se encontrar o caminho para a reforma íntima, prepara o indivíduo para pensar a vida por vários prismas e realizar o amadurecimento psicológico, permitindo que

o processo de amadurecimento psicológico seja realizado de maneira plena e não as duras penas.

Na medida em que se entende que a espiritualidade coopera para superação dos instintos e atavismos, a relação do indivíduo com seu próprio eu e sua forma de se colocar no mundo modifica. A concepção psicológica espírita, então, revela que o conhecimento dos sentimentos sublimes é um caminho sem volta, esclarecendo que:

À semelhança de alguém que sobe uma montanha e passa a ter uma visão mais ampla dos horizontes – quanto mais altos, mais a conquista da sua paisagem –, a superação do ego permite uma identificação profunda com o Si, que se desvela, manifestando a sua procedência divina e arrebatadora (Franco, 2021, p. 163).

O equilíbrio entre os aspectos em que o indivíduo está inserido é parte importante dentro da concepção psicológica espírita, de maneira que a vivência na matéria não é descartada, mas acrescenta-se outros prismas a serem analisados e que transcenda este aspecto. Diante disso, Franco esclarece que,

A saída dos interesses objetivos enseja o infinito campo do mundo subjetivo, transcendente, a ser penetrada qual afirmava São Boaventura, o Doutor Seráfico, que influenciou muitos místicos medievais, ao anunciar que são três os olhos pelos quais se observa: o da carne, o da razão e o da contemplação. O primeiro enxerga o mundo material, exterior, as dimensões relativas do tempo e do espaço, os objetos, as coisas, as pessoas, preso às sensações imediatas; o segundo vê a lógica através da arte de filosofar, ampliando as percepções da mente; e o terceiro, que faculta penetrar no mundo oculto, da intuição, das realidades transcendentais, extrafísicas (Franco, 2021, p. 165).

Portanto, tendo como base principal esse tripé para que a harmonia seja alcançada pelo indivíduo, observa-se a preocupação, por essa concepção, em manter alinhado a Doutrina Espírita com as ciências psicológicas, abrindo campo para a perspectiva de uma Vida para além do corpo físico e baseada em desenvolver e adquirir sentimentos sublimes. Diante disso, Franco objetiva o pensamento da seguinte maneira:

Na perspectiva, portanto, da psicologia profunda, a *Lei de Amor* está inserta no ser legítimo, trabalhando-os sem cessar em face do fatalismo da evolução nele predominante, ao mesmo tempo em que os conceitos de imortalidade, de comunicabilidade do espírito após a morte e da reencarnação pudessem receber o aval da Ciência investigadora, abrindo novos horizontes para o amadurecimento psicológico, gerador da felicidade humana (Franco, 2021, p. 19).

Com essa perspectiva, tem-se todos os pontos-chaves da concepção psicológica espírita, onde a Lei de Amor é a lei magna que se apresenta como uma fagulha nos indivíduos para ser despertado, proporcionando a liberdade interior e as escolhas se

basearem na sabedoria da Lei Natural. Sendo assim, mais cedo ou mais tarde, por boa vontade ou não, a fagulha do amor passar a incendiar a psique.

Capítulo 3 – Correlações e distanciamentos sobre o processo de individuação nas obras de Jung e da concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis

Diante das perspectivas apresentadas sobre o processo de individuação tanto na visão junguiana quanto na concepção psicológica espírita, cabe realizar as comparações sobre o que aproxima e o que é distinto.

O ponto de partida para que esta comparação fosse construída, surgiu de um questionamento pontual sobre como explicar e de onde poderiam surgir tanto material inconsciente que está para além do recalque de conteúdo pessoal.

De maneira geral, o conceito de inconsciente coletivo que Jung construiu foi o ponto principal para que a concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis pudesse se desenvolver de maneira inteligível. Há pontos semelhantes neste conceito nas duas abordagens, como exemplo, a forma como abordam conteúdos que emergem do inconsciente coletivo que não são referentes à vida pessoal do indivíduo.

Para a abordagem junguiana, o conceito de inconsciente coletivo surge a partir da ideia de que há uma estrutura psíquica herdada dos antepassados, ou seja, a forma de organização dessa estrutura passa por diversas modificações durante a história da humanidade e possui uma base estrutural que é comum a todos. Compara-se a evolução da psique com a evolução dos aspectos físicos e há uma adaptação de acordo com as necessidades de cada época. Dessa forma, entende-se que para Jung o inconsciente coletivo seja:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desaparecem da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas a hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos (Jung, 2016, p. 4468).

Dessa forma, como visto anteriormente, há uma divisão entre os conteúdos inconscientes: pessoal e coletivo. No coletivo há a presença dos arquétipos que são responsáveis por essa estrutura que está presente desde os primórdios.

Reconsiderando esses conceitos básicos, entende-se que a concepção psicológica espírita aproveita o conceito de inconsciente coletivo para ampliar a visão sobre os conteúdos que emergem dessa instância psíquica, levando em conta toda a história da humanidade para a construção da estrutura, porém integra mais um aspecto: o do além túmulo.

As vivências do além túmulo contribuem para a atualização estrutural do inconsciente coletivo e é onde todas as características tanto negativas quanto positivas do espírito são armazenadas e oferece condições de serem acessadas e manifestadas durante a existência carnal, segundo a concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis.

Portanto, a concepção psicológica espírita nomeia o inconsciente coletivo como “inconsciente profundo” que quando o indivíduo se sensibiliza para conhecê-lo, se beneficia e liberta-se dos apegos do ego. Sendo que, “Esse *inconsciente profundo*, porém, que alguns psicólogos transpessoais e mentalistas denominam como *sagrado*, é depósito das experiências do Espírito eterno, do Eu superior, da realidade única da vida física, da causalidade existencial...” (Franco, 2021, p. 63, *italico original no texto*).

O inconsciente profundo, então, é regido pelo *Self*, e contém os arquétipos como era chamado por Jung. Esses arquétipos são conquistas de encarnações passadas que são usadas como referências em cada existência do espírito, ou seja, a evolução estrutural do inconsciente profundo, para a concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis, depende das experiências das diversas encarnações do espírito.

Em contato com esse inconsciente profundo, o indivíduo, então, consegue compreender suas vicissitudes, apegos, desajustes comportamentais e demais transtornos psicológicos que possam ser desencadeados a partir da ignorância e negação desse material. De maneira que, “A identificação da consciência com esse *Ser profundo* proporciona conquistar a lucidez sobre as realizações das reencarnações passadas, num painel de valiosa compreensão de *causas e efeitos* próximos como remotos” (Franco, 2021, p. 63, *italico original no texto*).

As formas e forças dos arquétipos que constituem o inconsciente coletivo manifestam a realidade interior do indivíduo e a força do divino que estabelece a relação entre ego e *Self*.

O mundo do divino interior ou o sagrado para a teoria junguiana, então, é a capacidade de ouvir as mensagens desse universo inconsciente e integrar à vida consciente para que a personalidade se desenvolva de maneira integral e equilibrada.

Na própria teoria de Joanna de Ângelis, portanto, é ressaltada a importância dos estudos do inconsciente e ela pontua que,

Com as notáveis contribuições de Freud e, mais tarde, de Jung, entre outros, o *inconsciente* passou a ser *a parte da atividade mental que inclui os desejos e aspirações primitivas ou reprimidas*, segundo o mestre de Viena, em razão de não alcançarem a consciência espontaneamente, graças à censura psíquica que bloqueia o conhecimento do ser, mas somente através dos métodos psicoterápicos – revelação dos sonhos, redescobrimiento dos fatores conflitivos, dos atos perturbadores e outros – ou dos traumas profundos que afetam o sistema emocional (Franco, 2021, p. 60, *italico original no texto*).

Entende-se, então, que através dos conteúdos inconscientes que não são considerados da existência atual do indivíduo, ou seja, de conteúdo pessoal, é possível compreender aspectos do pensamento e do comportamento das existências anteriores, tendo a capacidade de analisar tendências, qualidades e defeitos que deverão ser ressignificados pelo indivíduo. Considerando que, “Modernamente, a Genética descartou a transmissão cromossômica, encarregada dos caracteres adquiridos. Esse *inconsciente coletivo* seria, então, o registro mnemônico das reencarnações anteriores de cada ser, que se perde na sua própria historiografia” (Franco, 2021, p. 60, *italico original no texto*).

Consequentemente, o olhar voltado para o interior, desenvolve a capacidade no indivíduo de compreender suas mazelas, o que é egóico, a lapidar seus pensamentos, sentimentos e comportamentos, sem desvincular-se das suas responsabilidades com o outro e com o meio em que vive. Dessa maneira,

A visão de humanidade alarga-se e o sentimento de amor desindividualiza-se, para sentir uma imensa gratidão pelos que passara antes, aqueles que prepararam a senda que ele percorreu; desponta-lhe uma grandiosa complacência pelos que ainda não despertaram no presente, compreendendo-lhes a infância espiritual em que se demoram; amplia-se a capacidade de auxílio em favor dos que estão empenhados na autoiluminação e, por fim, agiganta-se, afetuoso, em relação ao futuro em que se adentra, mediante as incessantes realizações em que fixa (Franco, 2021, p. 63).

Esta visão abarca sobre o que é o encontro com o divino²⁰ que há em nós, considerada tanto pela psicologia junguiana quanto pela concepção psicológica espírita. É a constante integração do que é próprio de cada indivíduo. Sendo assim,

²⁰ Retomando: o conceito de “divino” ou “Deus interior” na psicologia junguiana tem a ver com uma função psicológica que estimula a relação do ego com o *Self*, que é a base do processo de individuação.

Naturalmente, para sair da inconsciência, da introspecção para a lucidez, ocorre um choque entre como se *está* e o que se *é* - centelha divina ergastulada na carne -, resultando em momentâneo desequilíbrio emocional, que decorre da *saudade* de como se vive e *ansiedade* pelo que se pretende e deverá alcançar. Por efeito, quase sempre se estabelece um conflito interior, no qual predomina o passado com suas heranças atávicas, às quais se estava habituado, e os apelos da felicidade liberada de formas e limites, porém ainda desconhecida (Franco, 2021, p. 67, *italico original no texto*).

A assimilação dos conteúdos inconscientes, tanto pessoal quanto coletivos, que promove a mudança no estado mental do indivíduo e promove a transformação permanente de atitude, sendo considerado um estado *numinoso* para as duas abordagens. Dentro da concepção psicológica espírita, considera que “Tornando-se plenamente realizado, sente-se purificado das mazelas, sem ambições, nem tormentos. Aproxima-se do estado numinoso. Liberta-se” (Franco, 2021, p. 64).

Contudo, essa é a força transformadora quando os conteúdos inconscientes tomam impulso e chegam à consciência. Obviamente, essa força pode ser positiva ou negativa para o indivíduo, dependendo da sua capacidade de lidar com o material dos arquétipos, mas nunca neutro. Jung pontua que,

Antes de continuar com as minhas reflexões, devo pôr em destaque um aspecto dos arquétipos que mais do que óbvio para todos aqueles que têm alguma experiência prática com esta matéria. Quer dizer, os arquétipos, quando surgem, têm um caráter pronunciadamente *numinoso*, que poderíamos definir como “espírita” para não dizer “mágico”. Consequentemente, este fenômeno é da maior importância para a psicologia da religião. O seu efeito, porém, não é claro. Pode ser curativo ou destruidor, mas jamais indiferente, pressupondo-se, naturalmente, um certo grau de clareza. Este aspecto merece a denominação de “espírita” por excelência. Isto é, acontece não raras vezes que o arquétipo aparece sob forma de *espírito* nos sonhos ou nos produtos da fantasia, ou se comporta inclusive como fantasma. Há uma aura mítica em torno da sua numinosidade, e esta exerce um efeito correspondente sobre os afetos [...] (Jung, 2014, p. 3890, *italico original no texto*).

Essa característica que Jung pontua de ser algo “mágico” ou “espírita” é construído a partir do que foge do ordinário, ou seja, é aquilo que acontece quando o indivíduo transcende e que não é visível aos olhos. Portanto, importante ressaltar que,

Os arquétipos são fatores formais responsáveis pela organização dos processos psíquicos inconscientes: são os *patterns of behaviour* (padrões de comportamento). Ao mesmo tempo, os arquétipos têm uma “carga específica”: desenvolvem efeitos numinosos que se expressam como afetos. O afeto produz um *abaissement de niveau mental* (baixa de nível mental) parcial, porque, justamente na medida em que eleva um determinado conteúdo a um grau supranormal de luminosidade, retira também tal quantidade de energia de outros

Essa função psicológica exerce o papel de integrar os conteúdos conscientes e inconscientes, contribuindo para o autoconhecimento (Jung, 2013).

conteúdos possíveis da consciência, a ponto que estes se tornam obscuros e inconscientes. Em consequência da restrição da consciência provocada pelo afeto, verifica-se uma diminuição de sentido de orientação, correspondente à duração do efeito, que, por seu lado, proporciona ao inconsciente uma oportunidade favorável de penetrar sutilmente no espaço que foi deixado vazio. Verificamos, quase de maneira regular, que conteúdos inesperados ou comumente inibidos e inconscientes irrompem e encontram expressão no afeto. Tais conteúdos são, muitas vezes, de natureza inferior ou primitiva e, assim, revelam sua origem arquetípica [...] (Jung, 2016, p. 4286, *italico original no texto*).

Portanto, acredita-se em ambas abordagens, que o equilíbrio da psique é promovido a partir dessas comunicações entre as duas instâncias psíquicas, consciente e inconsciente, que cheio de afeto, causa um efeito *numinoso* na psique, promovendo conhecimento dos conteúdos e gerando mudança interior no indivíduo.

Em meio a essas compreensões sobre o inconsciente coletivo e profundo, há um outro ponto norteador das duas concepções que se chama *Self* ou Si-mesmo. O *Self*, então, engloba toda as instâncias psíquicas e a integração de todos os conteúdos que emergem dessas instâncias, aproxima o indivíduo do autoconhecimento e do processo de individuação que é considerado imperioso pelas duas abordagens.

De maneira sucinta, na concepção espírita, “A atração do *Self* enseja o arrebentar das algemas, no entanto a sua conquista é interior, enriquecida de alegria e de renúncias, sem medos, nem ambições sem significado real” (Franco, 2021, p. 158).

A compreensão dos conteúdos e a tomada de atitude quanto ao que foi percebido do mundo interior, como mudanças de comportamento, abrir mão de coisas, lugares ou pessoas, por exemplo, faz parte do processo. A questão em análise, tanto do ponto de vista da psicologia científica quanto da espírita, requer a percepção de conteúdos e mudança no estilo de vida, de forma que,

Todo o empenho humano para um correto amadurecimento psicológico objetiva a conquista do Si, a harmonia do Eu profundo em relação à sua realidade, à compreensão do divino e do humano nele existentes, descobrindo a sua causalidade e entregando-se à fatalidade (de forma consciente) do processo de evolução, que não cessa (Franco, 2021, p. 159).

Portanto, reconhecer o processo e se entregar a ele é de extrema importância para que seja de grande valia e consciente o caminho da iluminação interior.

Uma observação interessante é que o *Self*, considerado arquétipo primordial, é considerado também, pela psicologia junguiana, o ponto onde toda a estrutura psíquica é construída. Portanto, é no arquétipo do *Self* que se encontra todas as informações do eu profundo, ou seja, todas as experiências que o espírito adquiriu nas outras vidas. Logo,

toda a vida psíquica nasce através desse arquétipo com suas respectivas particularidades dos indivíduos. Compreende-se que,

Do ponto de vista psicológico, a imagem do herói não deve ser considerada idêntica ao ego propriamente dito. Trata-se antes, do meio simbólico pelo qual o ego se separa dos arquétipos evocados pelas imagens dos pais na sua primeira infância. O professor Jung julga que cada ser humano possui, originalmente, um (o si mesmo) – a totalidade da psique – que emerge a consciência individualizada do ego à medida que o indivíduo cresce.

Nos últimos anos, alguns discípulos de Jung começaram a documentar nos seus trabalhos a série de acontecimentos que marca o aparecimento do ego individual no amadurecimento da infância. Essa separação nunca poderá ser absoluta sem lesar gravemente o sentido original da totalidade. Por isso, o ego precisa voltar atrás, continuamente, para restabelecer suas relações com o self, de modo a conservar sua saúde psíquica (Henderson, 2022, p. 167).

Dessa maneira, a estrutura da psique, para as duas abordagens psicológicas, surge e se estrutura de maneira semelhantes, o que diferencia é a existência de conteúdo do além túmulo para a concepção psicológica espírita, ou seja, as várias existências do espírito que contribui para a evolução psíquica, emocional, moral, comportamental e espiritual do indivíduo. Portanto, culminado a uma diferença que o inconsciente coletivo para Joanna de Ângelis é conteúdo e para Jung é potencialidade.

Em meio a essa estrutura da psique, então, existe as personalidades e as personificações que promovem a comunicação externa e interna do indivíduo, como as *personas*, sombra, *ânima* e *animus*. As semelhanças e diferenças desses conceitos para as duas concepções serão analisadas no próximo tópico.

3.1 Das personalidades e personificações

A construção da personalidade do indivíduo, portanto, depende de como ele irá lidar com as demandas internas e externas, ou seja, como irá compreender o conteúdo que vem do inconsciente e, conseqüentemente, ajustar às demandas das pessoas, da cultura, da sociedade, do trabalho, da família, dos amigos etc.

E, como já dito, para que seja feita essa ponte entre mundo interno e externo, existem as sombras, a *anima* e o *animus*, que se personificam nos sonhos e em mitos, por exemplo, para trazer mensagens do mundo inconsciente e as *personas* que são ajustes na personalidade para ajudar o indivíduo a se adaptar em vários meios em que vive. Portanto, Jung considera que,

É preciso distinguir bem entre a relação do indivíduo com o objeto externo e a relação com o sujeito. Entendo por sujeito, em primeiro lugar, aquela emoção vaga e obscura, sentimentos, pensamentos e sensações que não nos advêm comprovadamente da continuidade da vivência consciente do objeto, mas que, provindo do íntimo obscuro, dos planos de fundo da consciência, perturbam ou inibem e, por vezes, ajudam, constituindo, em sua totalidade, a percepção da vida do inconsciente. O sujeito considerado como “objeto interno” é o inconsciente. Assim como há um relacionamento com o objeto externo, uma atitude externa, também existe um relacionamento com o objeto interno, uma atitude interna. É compreensível que esta atitude interna, devido à sua natureza externa íntima e difícil de acessar, seja algo bem mais desconhecido do que a atitude externa que todos podem ver sem mais. Contudo, não me parece impossível conceituar esta atitude interna. Todas aquelas inibições ocasionais, caprichos, humores, sentimentos vagos e fragmentos de fantasias que às vezes perturbam o trabalho de concentração e o repouso da pessoa normal, e que racionalizamos como provenientes de causas corporais, ou de outros motivos, não têm, em geral, sua razão nas causas que lhe são atribuídas pela consciência, mas são percepções de processos inconscientes. A estes fenômenos pertencem também os sonhos que gostamos obviamente de atribuir as causas externas e superficiais como indigestão, dormir de costas e outras mais, mesmo que tal explicação não resista a uma crítica mais severa. A atitude das pessoas individuais com relação a essas coisas é a mais diversa. Algumas não se deixam afetar em nada por seus processos internos, conseguem, por assim dizer, desligar-se completamente; outras são sujeitas a ele em grau máximo. Já ao acordar, qualquer fantasia ou sentimento desagradável lhes estragou o dia; uma sensação vaga ou estranha desperta nelas a ideia de alguma doença ignorada; um sonho lhes dá um pressentimento sombrio, mesmo que não sejam supersticiosas. Algumas pessoas têm acesso apenas episódios a essas moções inconscientes ou só a determinada categoria delas. Para algumas pessoas essas moções talvez nunca tenham chegado à consciência como algo que merecesse reflexão; para outras, porém, são problemas de ruminação diária. Algumas as consideram fisiológicas ou chegam a atribuí-las ao comportamento do próximo; outras acham que se trata de revelação religiosa (Jung, 2015, p. 2970).

De maneira a compreender como as atitudes internas e externas se entrelaçam nas duas teorias, será abordado inicialmente a *persona*, que faz a ponte entre o mundo interno e o externo.

Retomando o que foi dito no primeiro capítulo, a *persona* é necessária para a adaptação do indivíduo no meio em que está inserido. Ela proporciona formas de lidar com várias situações, objetos e indivíduos de maneira assertiva quando bem compreendidas. Requer o entendimento que a *persona* não são múltiplas personalidades, mas formas variadas de se adaptar às demandas do meio de acordo com os interesses individuais, ou seja, há uma dissociação, podendo ser patológica ou não, prevalecendo uma essência que é inata em cada indivíduo. Portanto, entende-se que,

É óbvio que num indivíduo normal não pode manifestar-se esta pluralidade de personalidades; mas a possibilidade de dissociação da personalidade, comprovada por esses casos, deveria existir, ao menos em germe, no âmbito normal. E realmente uma observação psicológica mais penetrante consegue, sem grandes

dificuldades, comprovar em indivíduos normais vestígios de uma divisão de caráter. Basta, por exemplo, observar atentamente alguém em circunstâncias diferentes: perceberemos uma incrível mudança em sua personalidade quando passa de um meio ambiente para outro, e a cada vez mostra um caráter bem definido e bem distinto do anterior. O provérbio “anjo na rua e demônio em casa” traduz a experiência quotidiana do fenômeno da divisão da personalidade [...] (Jung, 2015, p. 2968).

Assim, a cada ambiente é solicitado ao indivíduo uma conduta em especial que é moldada pelas intenções e desejos do indivíduo. Consegue-se, então, realizar uma diferenciação entre aquilo que é de caráter interior, a alma do indivíduo, da *persona*, pois a construção desta é influenciada pelo meio, sendo que, “Assim como a *persona*, na qualidade de expressão da adaptação ao meio ambiente, é normalmente influenciada e formada pelo meio ambiente, também a alma é moldada pelo inconsciente e suas qualidades” (Jung, 2015, p. 2973).

Sabe-se de antemão que a partir da identificação com uma das *personas* que conduz o indivíduo a uma condição patológica, surge a necessidade de uma intenção consciente de conhecer sua essência interior para que não ocorra essa identificação.

Na concepção psicológica espírita referem-se às *personas* como as “*máscaras* da personalidade” e pontua a necessidade de ficar atento à elas e caminhar rumo a percepção da realidade interior. Conforme Franco,

A criatura é um complexo de expressões que se alternam conforme as circunstâncias e se exteriorizam de acordo com os acontecimentos que penetram nas aparências, desvelando a realidade em cada indivíduo. Mesmo essa, periodicamente, cede a outras mais significativas, que se encontram adormecidas e despertam ampliando o seu campo de manifestação, até sobrepor-se predominando e desvelando o ser legítimo (Franco, 2021, p. 69).

Portanto, a percepção profunda de si, proporciona vivências mais significativas ao indivíduo, não o deixando ser tomado pelo automatismo e identificação com as *personas*.

A diferença consiste em que, para a concepção psicológica espírita, as várias formas de expressões da personalidade, decorrem das diversas encarnações do espírito, proporcionando experiências em tempos e sociedades diferentes, possibilitando que,

Na larga viagem da evolução, o espírito assume inúmeras expressões comportamentais que lhe imprimem características, a princípio inconsciente, para em caráter de lucidez burilá-las e ultrapassá-las, qual foco irradiante de luz, momentaneamente velada por uma lâmina de vidro embaçada, que se libertou da película impeditiva (Franco, 2021, p. 69).

Nessa perspectiva, cumpre-se, então, uma das máximas do Espiritismo, que consiste em acreditar que as sucessivas encarnações têm como objetivo a lapidação do

espírito, ou seja, da sua auto iluminação através da assimilação dos valores legítimos, como a Lei de Amor.

Enquanto na psicologia junguiana as *personas* são formadas de acordo com as demandas do meio ao indivíduo, a concepção psicológica espírita, além de considerar este quesito, incorpora as experiências de encarnações passadas do espírito a partir de resquícios de traços de personalidade adquiridas nas existências passadas, ou seja, da herança de tendências passadas.

No que se refere às personificações que lidam com demandas psíquicas interiores, a *anima* e o *animus* na psicologia junguiana representam a manifestação do feminino e do masculino.

Enquanto a *anima* e o *animus* se personificam para compensar desajustes conscientes, a não percepção das mensagens que trazem do inconsciente, acarreta transtornos íntimos e má adaptação ao mundo interno e externo, segundo a psicologia junguiana.

A *anima* representando as tendências psicológicas femininas no homem, possui papel importante para a compreensão de estados internos. De maneira geral, Von Franz esclarece que,

Mas qual a significação, em termos práticos, do papel da *anima* como guia para o mundo interior? Essa função positiva ocorre quando o homem leva a sério os sentimentos, os humores, as expectativas e as fantasias transmitidas por sua *anima* e quando ele os concretiza de alguma forma, por exemplo na literatura, pintura, escultura, música ou dança. Quando trabalha calma e demoradamente todas essas sugestões, outros materiais ainda mais profundos surgem do seu inconsciente, entrando em conexão com o material primitivo. Depois que uma fantasia materializou-se de alguma forma específica, ela deve ser examinada tanto ética como intelectualmente, numa avaliação sensível e calculada. E é necessário considera-la como absolutamente real, sem qualquer dúvida de que seja “apenas uma fantasia”. Se assim for feito, devotadamente e por um longo período, gradualmente irá se tornando a única realidade existente, podendo então expandir-se de maneira plena na sua verdadeira forma (Von Franz, 2016, p. 247).

Portanto, os efeitos da *anima* sob o psiquismo tornam-se importante para o equilíbrio da psique e suas manifestações devem ser levadas em consideração para que as mensagens do mundo inconsciente se tornem consciente.

Da mesma maneira ocorre com o *animus*, que se manifesta em tendências psicológicas masculinas na mulher e requer a mesma atenção. Von Franz conclui de maneira objetiva o papel do *animus*, dizendo que,

Como já assinalamos, o lado positivo do *animus* pode personificar um espírito de iniciativa, coragem, honestidade e, na sua forma mais elevada, de grande profundidade espiritual. Por meio do *animus* a mulher pode tornar-se consciente dos processos básicos de desenvolvimento da sua posição objetiva, tanto cultural quanto pessoal, e encontrar, assim, o seu caminho para uma atitude intensamente

espiritual em relação à vida. Isso naturalmente pressupõe que seu *animus* já tenha cessado de emitir opiniões absolutas. A mulher deve buscar a coragem e a grandeza de espírito interior capazes de lhe permitir avaliar a inviolabilidade das suas convicções. Só então estará capacitada a aceitar sugestões do seu inconsciente, sobretudo as que condizem as opiniões do seu animus. Só então, repetimos, é que as manifestações do self chegarão a ela e farão compreender conscientemente o seu sentido (Von Franz, 2016, p. 260).

Portanto, esses aspectos masculinos e femininos, sendo um elo de ligação entre inconsciente e consciente, são considerados como um aspecto importante que possui uma função compensatória no psiquismo e a compreensão sobre esses aspectos e integração na consciência são importantes para o equilíbrio das atitudes internas e externas.

Da mesma maneira é visto na concepção psicológica espírita a preocupação em manter e em equilibrar os elementos femininos e masculinos para que a psique se mantenha em harmonia. Dito que, “Harmonizando-se as polaridades – duplas, em embrião – e o desenvolvendo o *yang* e o *ying* correspondentes à anatomia identificada com a psicologia individual, o emocional-espiritual propiciará compensações futuras em forma de equilíbrio e de paz” (Franco, 2021, p. 68).

De natureza iguais, as duas concepções prezam pelo equilíbrio das polaridades, com intuito de que o fim seja unidade da psique.

Outro aspecto que se manifesta através da personificação é a sombra. Como já visto, ela se refere a toda parte desconhecida pela consciência, tanto positivas quanto negativas, e tenta comunicar à consciência os aspectos da personalidade que estão sendo deixados de lado. De maneira a relembrar o conceito, aponta-se que,

A sombra não é o todo da personalidade inconsciente: representa qualidades e atributos desconhecidos ou pouco conhecidos do ego – aspectos que pertencem sobretudo à esfera pessoal e que poderiam também ser conscientes. Sob certos ângulos, a sombra pode também consistir de fatores coletivos que brotam de uma fonte situada fora da vida pessoal do indivíduo (Von Franz, 2021, p. 222).

Contudo, o desequilíbrio das forças contrárias, ou seja, do material inconsciente que representa a sombra, como recalques, conteúdos indesejados, lembranças insuportáveis para a consciência, talentos com a consciência, são importantes para a movimentação de energia psíquica e há muitos benefícios desde que a assimilação desses conteúdos seja reconhecida de maneira consciente. Jung valida isso da seguinte forma:

[...] O inconsciente pessoal contém lembranças perdidas, reprimidas, (propositalmente esquecidas), evocações dolorosas, percepções que, por assim dizer, não ultrapassam o limiar da consciência (subliminais), isto é, percepções dos sentidos que por falta de intensidade não atingiram a consciência e conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência. Corresponde à figura da *sombra*, que frequentemente aparece nos sonhos (Jung, 2013, p. 3232).

Contudo, a sombra, então, é composta de aspectos pessoais que são insuportáveis ou desconhecidos pela consciência e há também a sombra coletiva, que aparece em grupos culturais, religiosos e institucionais, como já mencionado.

Na concepção psicológica espírita, também considera essas duas formas de sombras, porém, acredita-se que o espírito carrega todas as suas mazelas que não foram eliminadas ainda durante as sucessivas reencarnações no seu processo de evolução. Assim, quando encarnado, manifesta os desajustes emocionais, conflitos e imperfeições através do que é chamado de sombra. Considerando que, “Aprofundando-se a sonda na investigação da origem de algumas psicogêneses de diferentes enfermidades físicas, emocionais e psíquicas, defrontar-se-á com a existência da vida antes do berço e a sua contaminação após túmulo” (Franco, 2021, p. 49).

Portanto, o comportamento, a moral, a atitude e o pensamento que não condizem com a Lei de Amor que Jesus ditou, é considerado sombra e “Libertador de consciências, propõe que cada um supere a própria *sombra*, porque *ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo*, o que pode significar limpar-se das mazelas conflitivas mediante a psicoterapia do amor e da caridade, desfrutando desde logo de harmonia plena” (Franco, 2021, p. 51, *italico original no texto*).

Todas essas personificações têm seu principal modo de se apresentar ao indivíduo através dos sonhos, sendo um produto de expressão do inconsciente e fonte primária do simbolismo.

3.2 Sonhos e suas manifestações

Sabe-se, então, que os sonhos possuem uma função importante em manter o equilíbrio psicológico, produzido pelo arquétipo organizador de toda psique, chamado *Self*. Produtor de uma vida simbólica rica e extensa, é capaz de oferecer ao indivíduo material suficiente para compreender sua vida íntima, apesar da interpretação ainda ser um impasse.

Tendo em vista que, para psicologia analítica, o sonho faz parte de um processo lento e quase imperceptível para o amadurecimento psíquico, Von Franz faz um compilado sobre o que Jung disse dos sonhos e esclarece que,

A partir da observação de um grande número de pessoas e do estudo dos seus sonhos (calculava ter interpretado ao menos oitenta mil sonhos), Jung descobriu

não apenas que os sonhos dizem respeito, em grau variado, à vida de quem sonha, mas também que são parte de uma única e grande teia de fatores psicológicos. Descobriu, além disso, que, em conjunto, os sonhos parecem obedecer a uma determinada configuração ou esquema. A este esquema Jung chamou “o processo de individuação”. Como os sonhos produzem, a cada noite, diferentes cenas e imagens, as pessoas pouco observadoras não se dão conta de qualquer esquema. Mas se estudarmos os nossos próprios sonhos e sua sequência inteira durante alguns anos, verificaremos que certos conteúdos emergem, desaparecem e depois voltam a aparecer. Muitas pessoas sonham repetidamente com as mesmas figuras, paisagens ou situações; se examinarmos a série total desses sonhos observaremos que sofrem mudanças lentas, mas perceptíveis. E essas mudanças podem se acelerar se a atitude consciente do sonhador for influenciada pela interpretação apropriada dos seus sonhos e dos seus conteúdos simbólicos (Von Franz, 2016, p. 211).

Sendo assim, os sonhos são parte de uma estrutura que permite uma regulação da psique, onde pode aparecer tendências, direcionamento, as sombras, *anima* e *animus*, talentos, para que seja reconhecido pelo ego e o indivíduo possa desenvolver todas as suas potencialidades. De maneira que,

Podemos exemplificar assim essa afirmativa: a semente de um pinheiro contém, em forma latente, a futura árvore; mas cada semente cai em determinado tempo, em um determinado lugar, no qual intervém um determinado número de fatores, como a qualidade do solo, a inclinação do terreno, a sua exposição ao sol e ao vento etc. A totalidade latente do pinheiro reage a essas circunstâncias evitando as pedras, inclinando-se em direção ao sol, modelando, enfim, o crescimento da árvore. É assim que um pinheiro começa, latente, a existir de fato, estabelecendo sua totalidade e emergindo para o campo do real. Sem árvore viva, a imagem do pinheiro é apenas uma possibilidade ou uma abstração. E a realização dessa unicidade no indivíduo é o objetivo do processo de individuação (Von Franz, 2016, p. 213).

Logo, a finalidade do sonho é construir uma teia de símbolos que de maneira espontânea e inconsciente, constrói o processo de individuação para o indivíduo, podendo ele, consciente ou não, viver este processo.

Na concepção psicológica espírita, os sonhos possuem, também, uma significação muito importante e que através deles é possível saber muito de cada indivíduo. Destaca-se algumas diferenças da psicologia junguiana: a revelação de lembranças do além túmulo, ou seja, das experiências de vidas passadas e a possibilidade de reprogramação de conteúdo dos sonhos. Contudo,

A complexidade dos sonhos tem merecido dos especialistas na área do psiquismo valiosos investimentos, em contínuas tentativas de interpretá-los. Originados, na sua maioria, na área do subconsciente, revelam mais a respeito do ser humano do que se pode suspeitar em uma análise apressada. Nessa faixa estão arquivadas as memórias dos acontecimentos vividos, quanto daqueles que foram observados desde a infância, liberando-se nos momentos do sono e apresentando-se de formas variadas, inclusive perturbadoras (Franco, 2021, p. 97).

Para livrar-se das tensões arquivadas no subconsciente decorrentes de experiências estressantes ou de fatores negativos, orienta-se que “Antes de dormir, cumpra sejam fixadas as ideias agradáveis e positivas, visualizando aquilo com que se deseja sonhar, certamente para tirar proveito útil no processo de crescimento interior, de progresso cultural, intelectual, moral e espiritual” (Franco, 2021, p. 99).

Essa reprogramação ocorre através da insistência em manter e estimular a mente à mudança de pensamentos e atitudes que promovem o equilíbrio psíquico. Sendo assim,

Utilizando-se da autossugestão, dos recursos mnemônicos positivos, da visualização e da prece, reabastece-se de valores que, hoje arquivados, irão estimular os centros do desenvolvimento psíquico e moral, que ressumarão no futuro como sensações de paz, de clareza mental, de impulsos generosos, de atitudes equilibradas (Franco, 2021, p. 97).

Com isso, segundo a concepção psicológica espírita, é possível conduzir a mente ao sucesso ou ao fracasso, sempre ressignificado pelo desejo em manter-se firme no processo de autoconhecimento e reforma íntima.

É necessário destacar que “Dessa forma, poder-se-á, parafraseando o velho brocardo popular, asseverar: - Dize-me o que sonhas e eu te direi quem és e qual futuro terás” (Franco, 2021, p. 101).

Esse trabalho de reprogramação mental, demonstra, então, que é possível construir uma realidade diferente, com intuito de identificar e ressignificar os aspectos prejudiciais da personalidade, constituindo, assim, um ponto inovador da concepção psicológica espírita, no que se refere à comparação entre as duas concepções.

Além dos sonhos, existem os mitos que possuem uma função muito importante tanto na manifestação dos conteúdos inconscientes quanto em sua participação para o desenvolvimento da psique durante a evolução da humanidade. A frente será analisado o desenvolvimento estrutural da psique através dos mitos tanto para psicologia junguiana quanto para a concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis.

3.3 Compreendendo o desenvolvimento estrutural da psique através dos mitos

Diante do conhecimento da função do *Self*, do inconsciente coletivo, dos sonhos, das personificações, das personas e das condições que cada um proporciona ao indivíduo para que resgate aquilo que lhe é próprio e consiga ressignificar seus conteúdos internos visando a sua individuação.

De maneira a agregar elementos para apreender elementos para que o processo de individuação seja possível, a história de Jesus, os símbolos religiosos e as diversas espiritualidades possuem um lugar importante para a psicologia junguiana e para a concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis.

Falando especificamente do valor que Jesus representa como símbolo do processo de individuação, pois em cada religião ou espiritualidades há um símbolo que os represente, há uma relação entre as produções dos sonhos e seu respectivo interesse pelos conteúdos religiosos que certos indivíduos se interessam conscientemente.

Vale lembrar que, para a psicologia junguiana, as religiões e as espiritualidades não estão desvincilhadas do aspecto da evolução psicológica ao longo da história da humanidade. Sabe-se de antemão, que toda a evolução da humanidade está vinculada aos aspectos simbólicos religiosos, mitológicos ou espirituais e, com isso, foi possível a organização, desenvolvimento e equilíbrio da psique e, consequentemente, das sociedades e comunidades. Não desconsiderando o aspecto do mistério dos diversos fenômenos já apresentados e relatados ao longo da história, afirma-se que,

Se alguém argumentar que existe uma realidade religiosa em si mesma, independente da psique humana, só se pode responder com a pergunta: “E quem afirma isso, senão a psique humana?” Não importa o que sustentamos, a verdade é que nunca nos poderemos dissociar da existência da psique – pois estamos contidos nela e é ela o único meio que temos para alcançar a realidade (Von Franz, 2016, p. 306).

Como desvincular as várias realidades religiosas da psique? A produção das mesmas, mesmo não desconsiderando o mistério, como dito anteriormente, é resultado de expressões que surgem e atravessam a psique.

A concepção psicológica espírita, sobretudo, nomeia Jesus como Psicoterapeuta, aquele que, no seu tempo, olhava para os necessitados, oferecendo a eles palavras de direcionamento e conforto. Claramente, a espiritualidade de Jesus nunca estava desvinculada de suas atitudes, palavras, pensamentos e comportamentos, ou seja, não havia uma dissociação entre as suas crenças e sua forma de agir. Contudo,

O Homem-Jesus, totalmente livre da sombra individual como da coletiva, que pairava na sociedade da sua época, penetrava com facilidade na problemática profunda do ser, direcionando-se às causas essenciais que modelam a existência terrena. O Seu olhar percuciente alcançava o cerne da criatura ali identificando os reais conflitos, a psicogênese dos distúrbios emocionais e psíquicos que lhe diziam respeito, porque reconhecia no processo das múltiplas existências a causalidade dos acontecimentos na esfera física e no comportamento social. O ser integral não era aquele dissociado da legitimidade espiritual, que se apresentava aos olhos físicos, antes sim, aquele que se constituía de valores transcendentais ao campo da reforma, originado na Espiritualidade (Franco, 2021, p. 233).

A vivência sincera do simbolismo e dos preceitos religiosos ou espirituais, reflete sobre a mudança de comportamento e pensamento do indivíduo, de maneira que a existência não percorra o caminho da dissociação entre o eu interno e externo. Afinal, no que se refere à psicologia junguiana e a concepção psicológica espírita, o simbolismo cristão pode oferecer pontes para entrar em contato com o mundo interior e surgir uma reforma íntima.

Entende-se, portanto, que, se a manifestação dos conteúdos religiosos e espirituais perpassa a psique, os caminhos apontados a partir destas realidades são soluções estruturais apontadas pela própria psique, pois são produzidos e manifestados pela mesma. Contudo, não desconsiderando os fenômenos extrassensoriais, ou seja, capacidades que vão além dos sentidos convencionais e podem atingir estados não ordinários da consciência, pois também são fenômenos manifestados ou captados através da atividade psíquica.

Um ponto a ser diferenciado é que a capacidade de cada indivíduo de lidar com as manifestações do inconsciente, sejam elas religiosas, espiritualistas ou não, está relacionada à evolução do espírito, ou seja, para concepção psicológica espírita de Joana de Ângelis, as reencarnações acontecem para que o espírito desenvolva toda a sua capacidade em potencial e, quanto mais vivências, mais condições conquista para o seu desenvolvimento integral. E a reencarnação já não é admitida pela psicologia junguiana, mas pressupõe que a vida após a morte seja uma certeza psicológica, ou seja, não afirma que a reencarnação seja verdade, e nem poderia, mas psicologicamente é um fato²¹.

Pode-se, então, avançar no que se refere aos símbolos mitológicos, mais especificamente da cristã. Portanto, diante todo entendimento sobre a importância dos símbolos arquetípicos, entende-se que há nos símbolos religiosos a possibilidade de ressignificação dos conflitos psíquicos. Sobre a criação destes símbolos, Jung diz que,

A imagem divina decorrente de um ato de criação espontâneo é uma figura viva, uma entidade que existe de per si e por isto se torna autônoma com relação a seu aparente criador. Como prova disto lembramos que a relação entre o criador e sua obra é dialética e, de acordo com a experiência, não raro é a obra que fala a seu criador. Certa ou erradamente, o homem comum conclui daí que a figura criada existe por si mesma e tende a admitir que não foi ele quem a criou, mas que ela se moldou dentro dele – uma possibilidade que crítica alguma pode refutar, pois o vir a ser desta figura é um processo natural, orientado para um determinado fim, no qual a causa antecipa a finalidade. Como se trata de um fenômeno natural, fica em aberto se uma imagem divina é criada ou se cria a si mesma. O homem comum não consegue negar esta independência e desenvolve na prática seu

²¹ Jung pressupõe que a vida após a morte seja uma verdade psicológica, mas não será abordado de maneira aprofundada o tema nesta dissertação. Encontra-se mais informações sobre o assunto no livro Vida após a morte em Jung – Vol VIII/2.

relacionamento dialético. Assim, em todas as situações difíceis ou perigosas apela para sua presença, com intuito de deixar a seu cargo as dificuldades aparentemente insuportáveis e esperar sua ajuda. Psicologicamente isto quer dizer que os complexos que afligem a alma são “transferidos” conscientemente para a divindade, o que é o inverso direto de um ato de repressão. Neste último os complexos são deixados para uma instância inconsciente, preferindo-se esquecê-los, enquanto na prática religiosa é muito importante que se tenha consciência das dificuldades, isto é, dos “pecados”. Um excelente meio para isto é a confissão recíproca de pecados, que impede eficientemente que eles se tornem inconscientes. Estas medidas visam a conscientização dos conflitos, o que é *conditio sine qua non* da psicoterapia (Jung, 2011, p. 1906).

De maneira clara, compreende-se que há uma aceitação desse conteúdo conflitivo e é colocado em um lugar onde não é esquecido, mas deslocado para que se possa pensar sobre a dificuldade daquele conflito e, logo, em soluções possíveis. Esse movimento é igualado ao que é feito numa terapia por Jung que esclarece:

Assim como no tratamento médico institui a pessoa do médico como receptor dos conflitos do paciente, assim a prática cristã recorre a Cristo; pois “Nele temos a redenção pela virtude de seu sangue, a remissão dos pecados”. Ele é o redentor e resgatador de nossa culpa; um Deus que está acima do pecado: “Ele não cometeu pecado, nem em sua boca se encontrou engano”; “carregou nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro (da cruz)”; “Assim também Cristo se ofereceu uma só vez (em sacrifício) para apagar os pecados de mim [...]”. Este deus é caracterizado como isento de pecados e como autoimolador. A projeção consciente, como é visada pela educação cristã, traz assim um benefício duplo: primeiro, o conflito (“pecado”) entre duas tendências opostas permanece consciente, impedindo-se assim que, em virtude da repressão e do esquecimento de um sofrimento conhecido, desenvolva-se um sofrimento desconhecido e por isso tanto mais aflitivo; segundo, alivia-se a carga, entregando-a a Deus, que sabe de todas as soluções. Mas a figura de Deus é essencialmente uma imagem psíquica, um complexo de representações de natureza arquetípica, que a fé considera como idêntico a um ens metafísico [...] (Jung, 2011, p. 1908).

Esta relação está intimamente ligada à função psíquica nomeada por Jung de divino interior. O indivíduo, então, realiza o caminho para resolução dos seus conflitos através da sua crença e tem a possibilidade de se beneficiar com esta função psíquica. Dessa forma, no entendimento junguiano, o simbolismo religioso coopera para que a integração dos conteúdos e a resolução dos seus conflitos sejam sanados. Portanto,

Só pode constatar, posto isto, que o lugar do homem objetivo passa a ser ocupado por uma figura (Gestalt) aparentemente subjetiva, isto é, um complexo de representações. Este complexo, como mostra a experiência, possui certa autonomia funcional. Ele se revela como uma existência psíquica. Com isto se ocupa antes do mais a experiência psicológica e, sob este aspecto, também pode ser objeto da ciência. Esta só pode constatar a presença de fatores psíquicos e, enquanto não ultrapassarmos esta limitação por meio da fé, em todas as questões assim chamadas metafísicas confrontamo-nos exclusivamente com existências psíquicas. Estas existências, justamente por sua natureza psíquica, estão intimamente entrelaçadas com a personalidade individual e por isto sujeita a uma infinidade de variações, ao contrário de um postulado de fé, cuja uniformidade e durabilidade estão garantidas tradicional e institucionalmente (Jung, 2011, p. 1908).

Considerando os fatores psíquicos, pode-se, então, ter a condição de compreender os impactos dos símbolos religiosos no indivíduo, na comunidade e na sociedade, pois, enquanto a sua criação também perpassa por fatores psíquicos, a vivência desses símbolos por outros, diz sobre como cada um vivencia ou não as experiências religiosas.

A forma como cada indivíduo considera para ir de encontro com a sua própria verdade, que seja através de alguma religião ou espiritualidade, também já traz muitos elementos sobre a própria individualidade, por isso é importante ressaltar as várias formas de manifestação e compreensão dessas vivências por se tratar da existência de características individuais em cada forma de apropriação dos respectivos conteúdos.

Outro ponto importante que Jung destaca na comunidade cristã é a força com que o sentimento do amor estreita as relações do indivíduo com Deus, com sua subjetividade, com o próximo e mantém o sentimento de unidade.

Examinando diversas orações cristãs, Jung se depara com o tema do amor em sua maioria e esclarece sobre a sua função psicológica:

Portanto o amor parece ser uma força nada desprezível. Ele é o próprio Deus. Por outro lado, “amor” é um antropomorfismo por excelência e, ao lado da fome, a clássica força motriz psíquica do homem. Psicologicamente falando, ele é um lado uma função de relacionamento, de outro lado, um estado psíquico carregado de emoção que vemos coincidir, por assim dizer, com a imagem de Deus. O amor indubitavelmente tem uma determinante instintiva; ele é uma característica e uma atividade humana, e se a linguagem religiosa define Deus como “amor”, existe o grande perigo de confundir o amor que age no homem com os atos de Deus. Aqui estamos diante do já mencionado arquétipo profundamente arraigado na alma individual, onde é necessário o maior cuidado para eliminar o tipo coletivo da psique pessoal, ao menos conceitualmente. Na prática esta distinção é importante, pois o “amor” humano é considerado como uma *condition sine qua non* para a presença divina (Jung, 2011, p. 1911, itálico original no texto).

Outro ponto importante da função psíquica do amor é a condição de se perceber diferente dos demais, o que lhe é próprio e as demandas interiores, mas manter-se ligado aos outros com o sentimento fraternal e, com isso, se manter menos afetado pela sombra coletiva, por exemplo. O amor, então, dá a condição e é a força motriz para a individuação. De maneira que,

Sem dúvida temos aqui um problema sério para aqueles que querem libertar o relacionamento entre o homem e Deus da psicologia. Para o psicólogo a situação é menos complexa. O “amor” empiricamente se revela como a força do destino por excelência, quer se apresente como concupiscência baixa ou como afeição espiritual. Ele é uma das mais possantes forças motrizes das coisas humanas. É considerado “divino”, e esta designação lhe cabe com justa razão, pois tudo o que há de mais poderoso na psique sempre foi chamado de “deus”. Se acreditamos em Deus ou não, se louvamos ou praguejamos, sempre deixamos escapar a palavra “Deus”. Sempre e em toda parte o psiquicamente poderoso se chama algo como “Deus”. No entanto, “Deus” sempre é confrontado com o homem e dele expressamente diferenciado. O amor, contudo, é comum a ambos. E é próprio do homem enquanto ele o domina [...], quando ele é seu objeto ou sua vítima.

Psicologicamente isto quer dizer que a libido, como força do desejo e do anseio, em sentido mais amplo como energia psíquica, em parte está à disposição do eu, mas em parte se mantém autônoma em relação a ele e, eventualmente, o domina a ponto de o levar involuntariamente a uma situação de emergência, ou então lhe desvenda uma fonte inesperada e adicional fonte de energia. Como a relação do inconsciente com a consciência não é puramente mecânica ou complementar, e sim compensatória e em consonância com as parcialidades da atitude consciente, não se pode negar o caráter inteligente da ação inconsciente. Estas experiências tornam compreensível que a imagem divina tenha sido concebida como um ser pessoal (Jung, 2011, p. 1912).

A força do amor tanto no cristianismo quanto na visão da psicologia junguiana dá a condição ao indivíduo de se manter desejante, enérgico e aspirante por sua própria evolução e dos seus iguais. Em semelhante pensamento, a concepção psicológica espírita pontua sobre a força do amor e seu potencial para a transformação do indivíduo, dizendo que

O amor é o alicerce mais vigoroso para a construção de uma personalidade sadia, por ser gerador de um comportamento equilibrado, por propiciar a satisfação estética das aspirações e porque emula ao desenvolvimento das faculdades de engrandecimento espiritual que dormem nos tecidos sutis do *Eu profundo* (Franco, 2021, p. 142).

O amor, portanto, é considerado o sentimento sublime, que depura a essência do indivíduo para que o mesmo saia de sua condição egóica e puramente instintiva. Ele é conquistado, requer esforços de autoconhecimento e produz os mais valiosos recursos para o processo de individuação.

Na comunidade espírita, acredita-se que este sentimento torna a comunicação com a espiritualidade superior mais dinâmica e que é possível a expansão da consciência com relação a si mesmo e com o meio. Entendendo-se que o indivíduo se torna “Possuidor de uma pluralidade de interesses, expande-se com relação à Natureza, ao próximo, a si mesmo e ao Poder Criador, abrangendo o Cosmo...” (Franco, 2021, p. 144).

Portanto, é possível ter uma vida repleta de sentidos através da busca pela conquista deste sentimento sublime, permitindo que o indivíduo se conecte com os diversos aspectos da existência.

A terapêutica encontrada em Jesus com relação ao amor, segundo a concepção psicológica espírita, é compreendida da seguinte maneira:

O amor lenifica a multidão de pecados, como acentuou Jesus, com Sua psicoterapia positiva. Ele sofreu, não por desejo próprio, mas por ensinar superação das dores, e, ao jejuar, preparou o organismo para bem suportar os testemunhos morais. Ele encontrava beleza e prazer nos *lírios do campo, nas aves do céu, nas redes e pérolas*, sendo a Sua mensagem um hino de louvor à vida, à saúde, ao amor. Jamais se reportou à busca do sofrimento como recurso para a salvação. Esse acontece por efeito de conduta humana, inevitavelmente, não por escolha de cada um (Franco, 2021, p. 146).

Escolher o caminho do amor para que seja desenvolvida a capacidade de superação das próprias mazelas e as do mundo, é manter o pensamento no bem,

harmônico e integrado. De maneira que o subconsciente e o inconsciente sejam alimentados com novas formas de pensar, como dito anteriormente, e ajude no processo de reprogramação mental.

Portanto, considerado como terapia eficiente, o amor, para a concepção psicológica espírita, é ferramenta para o desabrochar de todas as potencialidades do indivíduo, é “[...] o liame que une o interior ao exterior do ser, o profano ao sagrado, o ego ao Self, que lhe passa a comandar o comportamento, o material ao espiritual” (Franco, 2021, p. 103).

Considerando, então, que é possível o desenvolvimento do amor e de uma terapêutica que beneficia a compreensão dos conteúdos conflitivos da psique através dos símbolos religiosos, surge uma questão sobre a atualização desses símbolos.

A ressignificação do simbolismo religioso através das manifestações dos conteúdos inconscientes, como os contos de fadas e mitos, por exemplo, é parte importante para a atualização e renovação psíquica. Além de promover nova significação para a comunidade em que vive a partir das demandas exteriores. Segundo Von Franz,

Na sua forma atual, produto de longa e antiga elaboração, essas tradições religiosas resistem muitas vezes a outras alterações criadoras vindas do inconsciente. Os teólogos por vezes chegam mesmo a defender os símbolos religiosos e doutrinas simbólicas, que consideram “verdadeiros”, em detrimento da manifestação de uma função religiosa da psique inconsciente, esquecendo-se de que os valores pelos quais estão lutando devem sua existência exatamente a essas mesmas funções. Sem a psique humana para receber inspirações divinas e traduzi-las em palavras ou moldá-las pela arte, nenhum símbolo religioso teria se tornado realidade (basta lembrarmos dos profetas evangelistas) (Von Franz, 2016, p. 306).

Em consonância com este pensamento, a concepção psicológica espírita reflete sobre o impacto do momento nas formas mitológicas e como esses mitos se moldam de acordo com a evolução da existência humana. Há também a compreensão de que são estruturas usadas pela psique para mediação de conflitos existenciais, afirmando que,

Os mitos, logo mais, cederão lugar a realidades que já se apresentam, no início, como símbolos de uma nova conquista desafiadora e que se incorporarão, a pouco e pouco, ao cotidiano, ensinando disciplina, controle, respeito por si mesmo, aos outros, às autoridades, que no homem se fazem indispensáveis para a feliz coexistência pacífica (Franco, 2021, p. 50).

Mesmo com algumas resistências por parte das instituições religiosas das renovações vindas do inconsciente através das inspirações, nota-se através dos mitos anteriores ao cristianismo, uma certa reestruturação que possui umas das características principais do processo de individuação: é imperioso! Von Franz, então, faz uma comparação de alguns antigos com o cristianismo e diz que,

Parte de nossa vida se desenrola como um drama escrito por um romancista biógrafo, mas por trás das peripécias biográficas há um processo misterioso de crescimento que segue suas próprias leis, estendendo-se da infância à velhice. Num contexto mitológico, o mais antigo ser humano, o *ântrôpos*, se assemelha a uma árvore. O ser humano é suspenso numa árvore porque costumava se evadir, tentando se libertar e agir livre e conscientemente, e por isso ele é dolorosamente arrastado de volta ao seu processo interior. A luta revela uma constelação trágica se representada dessa forma dolorosa. É por isso que toda a filosofia da religião cristã tem uma visão trágica da vida: para seguir Cristo é preciso aceitar a mortificação e reprimir um certo crescimento natural. A ideia básica é que a vida humana está baseada num *con-Nito*, ansiando por uma espiritualidade que não surge por si mesma, mas nasce de um parto doloroso. A mesma ideia é representada de uma forma mais arcaica no mito de Wotan- Wotan suspenso numa árvore. Ele é o eterno peregrino que perambula pela terra, o deus dos impulsos, da raiva, da inspiração poética, daquele elemento no ser humano incansável, que explode numa emoção; e se suspenso numa árvore por nove dias e nove noites, esse deus acaba descobrindo os sinais rúnicos, sobre os quais se apoia a civilização baseada na palavra escrita (Von Franz, 2002, p. 49).

Da mesma forma que acontece com os mitos, quando há uma descompensação do eixo consciente- inconsciente, como já visto, a tentativa de compensação pode ocorrer no indivíduo de forma involuntária. É colocado de frente às suas mazelas a partir de seus comportamentos desajustados que o levam à situações complexas, adoecimento físico, psíquico e a dificuldade de ajustar-se às mudanças que são necessárias para cada etapa da existência. Diante destes fatos, se vê obrigado a analisar suas próprias questões, voltar-se para si. Em analogia,

Sempre que a personalidade consciente e animal se encontra em conflito com o processo interior de crescimento, ela sofre crucificação e se vê na situação do seus suspenso na árvore, involuntariamente presa ao desenvolvimento inconsciente do qual gostaria de fugir, mas não consegue. Conhecemos os estados em que caímos quando somos amarrados a algo maior do que nós mesmos e que nos impede o movimento, sobrepujando-nos (Von Franz, 2002, p. 50).

O movimento da individuação, quando involuntário, ocorre através dos momentos em que nos deparamos com a dificuldade de escutar as próprias demandas e desencadeia a paralisação do indivíduo diante das realidades internas e externas. Este movimento significa sempre a morte de parte da personalidade para que nasça nova significação. Von Franz esclarece que,

O mito de *Átis*, mais antigo que o mito do Deus crucificado no cristianismo, evoca isso de forma específica. *Átis*, o filho bem amado da Grande Mãe, representa o modelo do *puer-aeternus*, o ser divino que não envelhece nem decai, mantendo-se perenemente um jovem deus, eternamente belo, figura que não pode sofrer tristeza, restrições humanas, doenças, feiura e morte. Como este deus, muitos jovens, em determinado momento de suas vidas, têm que resolver seu complexo materno e perceber que o curso da vida não permite a permanência eterna nesse estado; ele tem que morrer. Em sua plenitude, a vida se encontra à nossa frente, cheia de significado e esplendor – mas nós sabemos que isto não dura, que é sempre destruído pelo outro lado da vida. Portanto, este jovem deus sempre morre cedo, pregado a uma árvore, que é novamente a mãe; o princípio materno que o gerou o engole numa forma negativa, e ele é atingido pela feiura e pela morte (Von Franz, 2002, p. 50).

A maneira como os indivíduos se recusam a passar de uma fase da vida para outra, deixando de lado velhos hábitos, de modificar a maneira de agir e de pensar, ou seja, reconhecer que é necessário a mudança de atitude perante as novas exigências internas e externas. Já não consegue mais estar em harmonia com a atitude consciente e inconsciente, podendo chegar ao extremo da morte física diante da recusa de crescimento e da morte simbólica de parte da personalidade.

Quando a morte física é o ponto final, entende-se sobre as escolhas inconscientes que o indivíduo pode tomar para que se coloque em risco e a morte aconteça. Na psicanálise é conhecida como a pulsão de morte.²² Esta atitude inconsciente é exemplificada da seguinte maneira:

Às vezes se vê isso no caso de um jovem que deve se casar, escolher uma profissão, ou que descobre que a juventude o está abandonando, sendo, portanto, obrigado a aceitar o destino comum a todos os homens. Muitos jovens desse tipo, nesse momento, preferem morrer num acidente ou numa guerra do que envelhecer. Nesse momento crítico entre os trinta e quarenta anos a árvore cresce contra a vontade deles; o desenvolvimento interior desses jovens já não está mais em harmonia com sua atitude consciente, mas cresce contra ela e aí é preciso sofrer uma espécie de morte; tal morte deveria significar uma mudança de atitude, mas pode acarretar de fato uma morte física, uma espécie de suicídio disfarçado, porque o ego não consegue desistir de sua atitude – este é o momento crucial em que tais indivíduos são sacrificados por um processo de desenvolvimento interior que se voltou contra eles. Quando o crescimento interior é inimigo da consciência, algo dentro do homem luta para ultrapassar o próprio homem que não conseguindo acompanhar esse crescimento deve, portanto, morrer; a vontade própria da personalidade consciente deve morrer e se render ao crescimento interior. Cristo foi crucificado porque no Império Romano esta era a punição normal e a mais humilhante para os escravos fugitivos e criminosos. Este símbolo sempre se manteve por detrás do tema cristão (Von Franz, 2002, p. 51).

Portanto, a morte é processo natural para a transformação, por isso imperativo, ou seja, decidir em compreender o processo natural da vida, suas transformações ou correr o risco de consequências funestas, incluindo a morte física em seu ponto culminante. Deixar parte da personalidade e livrar-se de hábitos que impedem seu desenvolvimento pessoal, social e conduzir-se para o novo.

Essa experiência psicológica de caráter evolutivo é também exemplificada no mito greco-romano de Dionísio, homem-deus, que possuía entendimento sobre a natureza, o teatro, da fertilidade e os ritos em sua adoração era regado a vinhos e orgias. Portanto,

Os cultos dionisiacos contêm ritos orgiásticos que implicam a necessidade de o iniciado abandonar-se à sua natureza animal e, assim, experimentar em sua plenitude o poder fertilizante da Mãe Terra. O agente de iniciação a este “rito de passagem” do culto a Dionísio era o vinho: ele deveria produzir o enfraquecimento simbólico da consciência, necessário para a introdução do noviço nos segredos da natureza egoisticamente guardados, cuja essência se exprimia por meio de um

²² O conceito de pulsão de morte é considerado pela teoria psicanalítica de Sigmund Freud como a pulsão em direção à morte ou à autodestruição.

símbolo de realização erótica: o deus Dionísio unido a Ariadne, sua companheira, numa cerimônia matrimonial religiosa (Henderson, 2022, p. 184).

Este culto referencia-se à individuação: lidar com os instintos físicos e harmonizar-se com os sentimentos superiores, como o amor. Escutar sua interioridade através da abertura do canal com o inconsciente, onde o ego não irá imperar e favorecerá a união dos contrários, como os aspectos femininos e masculinos. Aí está, então, uma das formas de compreensão psicológica e estrutural analisadas através de um mito.

Apesar das duas concepções terem uma visão dos mitos parecidas sobre a colaboração para o processo de individuação, existe um ponto em destaque na concepção psicológica espírita que chama a atenção para a relação atual dos indivíduos com os mitos, ou melhor, a falta de relação, mesmo considerando as novas formas de manifestação dos mitos, como nos filmes, personagens etc.

Entende-se, então, que a energia psíquica que era direcionada para a compreensão das mensagens contidas nos mitos, que se assenhorava deste material e o usava em benefício próprio e da comunidade, não ocorre mais, gerando um novo comportamento comum na atualidade: o culto a si mesmo. Diante disso, na concepção psicológica espírita, “As virtudes apresentam-se fora de moda, e a felicidade surge na condição de desprezo pelo aceito e considerado, instituindo a extravagância – novo mito – como modelo de autorrealização, desde que choque e agrida o convívio social” (FRANCO, 2021, p. 50).

Este novo mito, que pode ser considerado como a busca pela autorrealização e a autossatisfação a todo custo, provoca uma série de desajustes psicológicos e afasta o indivíduo do caminho da individuação. Sobre isso, compreende-se que,

Na sucessão de desmandos propiciados pelos mitos contemporâneos, toma corpo a saudade da paz – a inocência representativa do Bem – e a experiência, demonstrando a inevitabilidade dos fenômenos biológicos, do desgaste do cansaço, do envelhecimento e da morte, propicia uma revisão cultural com amadurecimento das vivências, induzindo o ser a uma nova busca da escala de valores realmente representativos das aspirações nobres da vida (Franco, 2021, p. 50).

Diante deste novo cenário provocado pela violação dos aspectos gerais do mito e, como possível consequência os diversos desajustes mentais e sociais, surge a necessidade de reestabelecimento do equilíbrio. Portanto, nada mais é do que o chamado para a individuação se fazendo presente, provocando o surgimento de novos mitos para organizar os conteúdos psíquicos inconscientes e livrando o indivíduo do vazio existencial.

Contudo, o surgimento da consciência encontra-se aí, no equilíbrio dos conteúdos inconscientes e conscientes. Dessa maneira, na própria concepção espírita é possível

verificar a analogia sobre as consciências considerada por Jung e citada por Franco, dizendo que,

Jung, em análise profunda, estabeleceu que “a existência só é real quando é consciente para alguém”, afirmando a *necessidade* que o Criador possui em relação ao *homem consciente*. Oportunamente, voltou a esclarecer que “a tarefa do homem é [...] conscientizar-se dos conteúdos que pressionam para cima, vindos do inconsciente”. Esse despertar e crescimento da consciência, ainda segundo o eminente psicanalista, termina por afetar-lhe também o inconsciente (Franco, 2021, p. 140).

Quando se fala em se tornar consciente, significa ter lucidez dos seus atos, escolhas, pensamentos e atitudes na maioria do tempo e, principalmente, estar engajado a compreender os próprios processos internos. É confiar no divino interior para que a uma vida mais plena seja possível. Contudo, Jung afirma que,

Em lugar de fidelidade gostaria de empregar aqui a palavra grega *pístis*. Ela costuma ser traduzida erroneamente por “fé”, mas o sentido específico é confiança, lealdade repleta de confiança. A fidelidade à sua própria lei significa confiar nessa lei, preservar com lealdade e esperar com confiança; enfim é a mesma atitude que uma pessoa religiosa deve ter para com Deus. E aqui se torna então evidente como é desmesuradamente cheio de consequência o dilema que emerge do fundo obscuro deste problema: a personalidade jamais poderá desenvolver-se se a pessoa não escolher seu próprio caminho, de maneira consciente e por uma decisão consciente e moral. A força para o desenvolvimento da personalidade não provém apenas da necessidade, que é o motivo causador, mas também da decisão consciente e moral. Se faltar a necessidade, esse desenvolvimento não passará de uma acrobacia da vontade; se faltar a decisão consciente, o desenvolvimento seria apenas um automatismo indistinto e inconsciente. Somente será possível que alguém se decida por ser próprio caminho, se este caminho for considerado o melhor. Se qualquer outro caminho fosse considerado o melhor, então em lugar da própria personalidade haveria outro caminho para ser vivido e desenvolvido. Os outros caminhos são as convenções de natureza moral, social, política, filosófica e religiosa. O fato de as convenções de algum modo sempre florescerem prova que a maioria das pessoas não escolhem seu próprio caminho, mas a convenção; por isso não desenvolve a si mesma, mas segue um método, que é algo de coletivo, em prejuízo de sua totalidade própria (Jung, 2015, p. 1086).

Portanto, o desejo do indivíduo em compreender os processos internos para que os externos não dirijam por completo o seu destino, é considerado uma escolha e impede de estar à mercê de passar a vida no automatismo e sem realizar aquilo que lhe é próprio. Isso, contudo, não significa ficar fora das convenções sociais, pelo contrário, é estar inserido no meio que faz sentido, agindo de maneira própria e contribuindo para o desenvolvimento das mesmas.

3.4 O indivíduo e o manejo das funções psíquicas

Em meio ao entendimento da construção da estrutura psíquica, compreendendo suas instâncias, formas de funcionamento e analisando maneiras de como ir de encontro

à individuação, é importante compararmos as funções psicológicas e o desenvolvimento das mesmas para as duas abordagens.

A estrutura evolutiva do indivíduo perpassa pela saída do modo instintual, passando pelos sentimentos e o desenvolvimento intelectual. Para a concepção psicológica espírita, “O homem e a mulher, pela sua estrutura evolutiva, são, essencialmente, seres emocionais. Recém-saídos do instinto, em processo de conscientização, demoram-se no trânsito entre o primarismo – a sensação – e a razão, passando pela emoção” (Franco, 2021, p. 38).

O caminho da individuação ocorre com a evolução desses aspectos, ou seja, deslocar daquilo que é apenas instintual, através da compreensão e conscientização destes, para a busca do equilíbrio entre o que é primário e o que é considerado níveis elevados da consciência como discernimento dos pensamentos, sentimentos, emoções e razão.

Diante disso, na concepção psicológica espírita há uma sugestão em que frisa a necessidade de avaliação da própria emotividade que surte efeito no equilíbrio dessas funções psicológicas e afirma que,

Quando está embotada, não registra as manifestações da afetividade, conforme se expresse, buscando apenas a fonte das sensações rudes, em cujo desbordar se compraz; se se apresenta exaltada, perde a diretriz do comportamento, deturpando quaisquer manifestações de carinho e perturbando o discernimento; quando indiferente, ignora o rumo das exteriorizações, morrendo por efeito de satisfações não saciadas e de prazeres não fruídos; se apaixonada, manifesta-se a um passo da alucinação, porque mantendo os remanescentes dos instintos fisiológicos, deixando que predominem os desejos hedonistas, em egocentrismo infeliz; somente quando estimulada pelos objetivos enobrecedores, estabelece paradigmas e patamares de autorrealização e integração nos mecanismos da Vida (Franco, 2021, p. 39).

Portanto, a partir do reconhecimento das próprias reações emocionais que é possível conquistar um estado saudável da psique, chamado pela concepção psicológica espírita de “consciência lúcida” ou de “transcendência do ego”, afirmando que,

Nessa natural escalada para os níveis da *consciência lúcida* ou de *transcendência do ego*, a caminho da conquista cósmica através das suas diferentes etapas, é justo examinar-se: a) como se reage diante de si próprio; b) qual a conduta em referência ao próximo; c) de que forma desenvolver os valores íntimos em relação a si e aos demais (Franco, 2021, p.39, *itálico original no texto*).

Isso permite, em consonância com a psicologia junguiana, o equilíbrio entre as quatro funções psicológicas mais importantes que são: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Relembrando, a sensação e a intuição são funções irracionais e o pensamento e o sentimento são funções racionais, porém todas são consideradas funções conscientes por serem percebidas pela consciência.

Manter-se muito racional, função do pensamento, pode acarretar explosões das emoções em momentos em que o racional não for suficiente para a resolução de situações que surgem internamente ou externamente e vice-versa, por exemplo, e isso indicaria uma identificação unilateral. Há, portanto, uma descompensação das funções que são deixadas de lado pelo indivíduo e que podem se manifestar de maneira descontrolada. Contudo, o olhar cuidadoso para as funções psicológicas é importante para mantê-las equilibradas. Franco revela que,

[...] torna-se essencial a análise cuidadosa a respeito das reações emocionais diante dos desafios: cólera, ciúme, mágoa, revide, ódio, inveja..., que decorrem do primitivismo moral do ser, ainda aferrado a complexos de inferioridade, de superioridade e aturdido por conflitos que remanescem da consciência de culpa (Franco, 2021, p. 40).

Contudo, a análise cuidadosa evita uma identificação unilateral com algumas das funções psíquicas e, como já se sabe, a identificação consciente com uma função gera desequilíbrio da psique. Geralmente a identificação com uma das funções ocorre devido a tentativa exaustiva de se adaptar ao meio externo, ou seja, a energia psíquica encontra-se voltada apenas para as demandas do meio e não atende as demandas internas. Em Jung é possível ver ideia análoga à concepção psicológica espírita e diz que,

Ser idêntico a uma função significa ser coletivo; não mais *coletivo idêntico*, como os primitivos, mas *coletivo adaptado*; é verdade que “o juízo de todos os espíritos é pronunciado através do nosso” enquanto pensarmos e falarmos exatamente como é de se esperar daqueles cujo pensar está diferenciado e adaptado na mesma proporção. Também “a escolha de todos os corações está representada em nossa ação” enquanto pensarmos e agirmos exatamente como todos desejam que seja pensado e agido. Todos acreditam e desejam que o melhor e mais ambicionado seja conseguir, tanto quanto possível, uma identidade com uma função diferenciada, pois isso trará as vantagens sociais mais evidentes; mas trará os maiores prejuízos para os aspectos menos desenvolvidos do homem que constituem às vezes grande parte da individualidade. Diz Schiller “Assim que se afirmar um antagonismo originário e também necessário entre os dois instintos, não há outro recurso para manter a unidade do homem do que subordinar incondicionalmente o instinto sensual ao racional. Daí só pode resultar uniformidade, mas nenhuma harmonia, e o homem continua eternamente dividido”. “Por ser difícil permanecer fiel aos princípios do sentimento com todo seu dinamismo, apelamos para o meio mais cômodo: *assegurar o caráter pelo embotamento dos sentimentos*; pois é bem mais fácil obter a paz de um adversário desarmado do que vencer um inimigo valente e troncudo. Nesta operação está contido, em sua maior parte, o que denominamos formar um homem; e isto no melhor sentido da palavra, ao significar um trabalho sobre o interior e não apenas sobre o exterior. Um homem assim formado estará evidentemente a coberto de tornar-se crua natureza e de aparecer como tal; também estará escudado, por seus princípios, contra qualquer sensação da natureza, impermeável, interior e exteriormente, a qualquer humanidade (Jung, 2011, p. 2606, *italico original no texto*).

Portanto, de acordo com as duas teorias, a busca pela integralidade da psique é a forma com que se alcança a individuação. A diferença da conquista desta integralidade

para a concepção psicológica espírita recai sobre a necessidade de reconhecer as marcas psicológicas profundas que foram geradas pelas experiências das existências passadas. Pontua que “Insatisfação, angústia, fixações perturbadoras são o saldo das vivências perniciosas, cujas ações deletérias não foram digeridas pela consciência e permanecem pesando-lhe na economia emocional” (Franco, 2021, p. 45).

Essas marcas psicológicas que ficam registradas na instância psíquica inconsciente e subconsciente, através do desejo autoconhecimento, é possível que elas transcendam para o ego, segundo a concepção psicológica espírita, e permite ao indivíduo perceber a realidade de si mesmo, possibilitando que diante de:

Duas circunstâncias propõem a criatura ao avanço iluminativo: a insatisfação sistemática, que passa a considerar outras formas de bem-estar – amizade, serviço fraternal, interesse comunitário -, ensejando o abandono paulatino dos velhos e arraigados hábitos para as novas experiências da solidariedade, do progresso do grupo social, da beleza. O segundo instrumento propiciador do avanço é a reencarnação, na qual os impulsos de crescimento espiritual – após o cansaço nos patamares da perturbação – propõem para a vivência dos princípios morais e as transmutações pessoais, intrasferíveis (Franco, 2021, p. 74).

Através destas circunstâncias, então, acontece o caminho imperativo para a individuação.

Na psicologia junguiana há a função transcendente que também consiste na união dos conteúdos inconscientes e consciente, sendo a função primordial para a realização do caminho da individuação. A diferença consistente entre as duas teorias baseia-se que na psicologia junguiana não são consideradas marcas psicológicas de existências passadas, consideram-se conteúdos do inconsciente coletivo e pessoal.

Portanto, “O processo psicológico da individuação está intimamente vinculado à assim chamada função transcendente, porque ela traça as linhas de desenvolvimento individual que não poderiam ser adquiridas pelos caminhos prescritos pelas normas coletivas” (Jung, 2015, p. 3014).

Nesse sentido, ambas as visões psicológicas, mesmo diante de suas diferenças, visam a superação do ego e o triunfo da comunicação entre as instâncias psíquicas, rumo ao processo de individuação.

Considerações finais

Diante das elucidações comparativas das teorias e com o intuito de analisar a concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis não como uma nova forma de

tratamento em *setting* terapêutico, mas analisar através da ciência psicológica o seu potencial efeito terapêutico para quem está disposto a realizar a reforma íntima a partir das leituras de Joanna de Ângelis.

O intuito não é sugerir que a concepção psicológica espírita de Joanna de Ângelis seja utilizada como ferramenta de trabalho para os terapeutas e psicólogos, porém, vai além de apenas analisar pontos semelhantes e distintos do processo de individuação, mas como perceber que a evolução da condição humana está condicionada à integração das várias áreas da vida, como a ciência, espiritualidade ou religião, educação, cultura, relações familiares e sociais.

Portanto, a proposta dessa análise é trazer para a reflexão que os aspectos filosóficos, religiosos e científicos podem se correlacionar de maneira eficiente e colaborativa, abordando o indivíduo de maneira integral e, dentro da Ciências da Religião, é possível realizar esta investigação sistemática entre todos esses elementos sem questionar a veracidade da religião, permitindo abordá-la empiricamente diante todas as suas manifestações.

O que se pode concluir é que o processo de individuação impele ao movimento de autoconhecimento, o sujeito encara-se por completo, tornando-se consciente de quem ele é e de seu propósito. Nas obras espíritas psicológicas da benfeitora é desenvolvido um trabalho de profunda análise de aspectos psicológicos que são indispensáveis para ir de encontro à integralidade psíquica, ou seja, à individuação. Em Jung esse processo visa a integração dos vários aspectos da personalidade tendo como fim a totalidade psíquica.

Diante dessas explicações sobre a visão de cada abordagem sobre o processo de individuação é possível verificar as semelhanças que, de maneira sucinta, se baseiam na busca por superar as exigências do ego e lançar luz nas sombras da personalidade. Esse movimento tem como finalidade a integração de aspectos conscientes e inconscientes, tendo como resultado a individuação.

Um dos pontos que diferencia o processo de individuação em ambas as teorias é a visão da imortalidade da alma para o Espiritismo, tendo como ponto principal as diversas reencarnações que são necessárias para que o espírito, considerado o centro da consciência e da personalidade, se aperfeiçoe em sua integralidade.

Dessa forma, Joanna de Ângelis em suas obras considera a imortalidade do espírito e a necessidade das reencarnações para alcançar a individuação ou autoaperfeiçoamento.

Para Jung, a individuação consiste na integração dos materiais conscientes e inconscientes que contribuem para o equilíbrio da psique e o desenvolvimento da personalidade, e como dito acima, não discute sobre a existência do espírito e sua imortalidade.

REFERÊNCIAS

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Autodescobrimento**: uma busca interior. 19.ed./ Pelo espírito Joanna de Ângelis [psicografado por] Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2021.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Jesus e o Evangelho à Luz da Psicologia Profunda**. 6.ed./ Pelo espírito Joanna de Ângelis [psicografado por] Divaldo Pereira Franco. Salvador: Leal, 2021.

FRANCO, Divaldo Pereira. **O homem integral**. 23.ed./ Pelo espírito Joanna de Ângelis [psicografado por] Divaldo Pereira Franco. Salvador: Leal, 2021.

FRANCO, Divaldo Pereira; SINOTI, Claudio; SAID, Cezar; SINOTI, Iris; ROBERTO, Gelson; REIKDAL, Marlon. **Refletindo a alma**: a psicologia Espírita de Joanna de Ângelis. 4. ed. Núcleo de Estudos Psicológicos Joanna de Angelis; Joanna de Ângelis [psicografado por] Divaldo Pereira Franco. Salvador: Leal, 2017.

HENDERSON, Joseph L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 3. ed. Especial. Rio de Janeiro. HarperCollins Brasil, 2016.

KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo Espiritismo**: com explicações das máximas morais de Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida / por Allan Kardec. 130. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 182. ed. Araras: IDE, 2009.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. 8. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2020.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Edição digital. Petrópolis, Rj: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica**. Edição Digital. Petrópolis, Rj: Vozes, 2015.

JUNG, Carl Gustav. **Freud e a psicanálise**. Edição Digital. Petrópolis, Rj: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Edição Digital. Petrópolis, Rj: Vozes, 2016.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Edição Digital. Petrópolis, Rj: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **O si-mesmo oculto**: (presente e futuro) com símbolos e interpretação dos sonhos. Petrópolis, Rj: Vozes, 2019.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Edição digital. Petrópolis, Rj: Vozes, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **Psicogênese das doenças mentais**. Edição digital. Petrópolis, Rj: Vozes, 2015.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da Transformação**. Edição Digital. Petrópolis, Rj: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Sincronicidade**. Edição Digital. Petrópolis, Rj: Vozes, 2016.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Edição digital. Petrópolis, Rj: Vozes, 2015.

JUNG, Emma. **Animus e Anima**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1967.

SERBENA, Carlos Augusto. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Diálogos (im)pertinentes- Dossiê inconsciente**. Revista da abordagem gestáltica. v. 16. n.1. p. 76 a 82. jun. 2010.

STEIN, Murray. **Jung e o caminho da individuação**: uma introdução concisa. São Paulo: Cultrix, 2020.

VON FRANZ, M.L. O processo de individuação. In: JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 3. ed. Especial. Rio de Janeiro. HarperCollins Brasil, 2016.